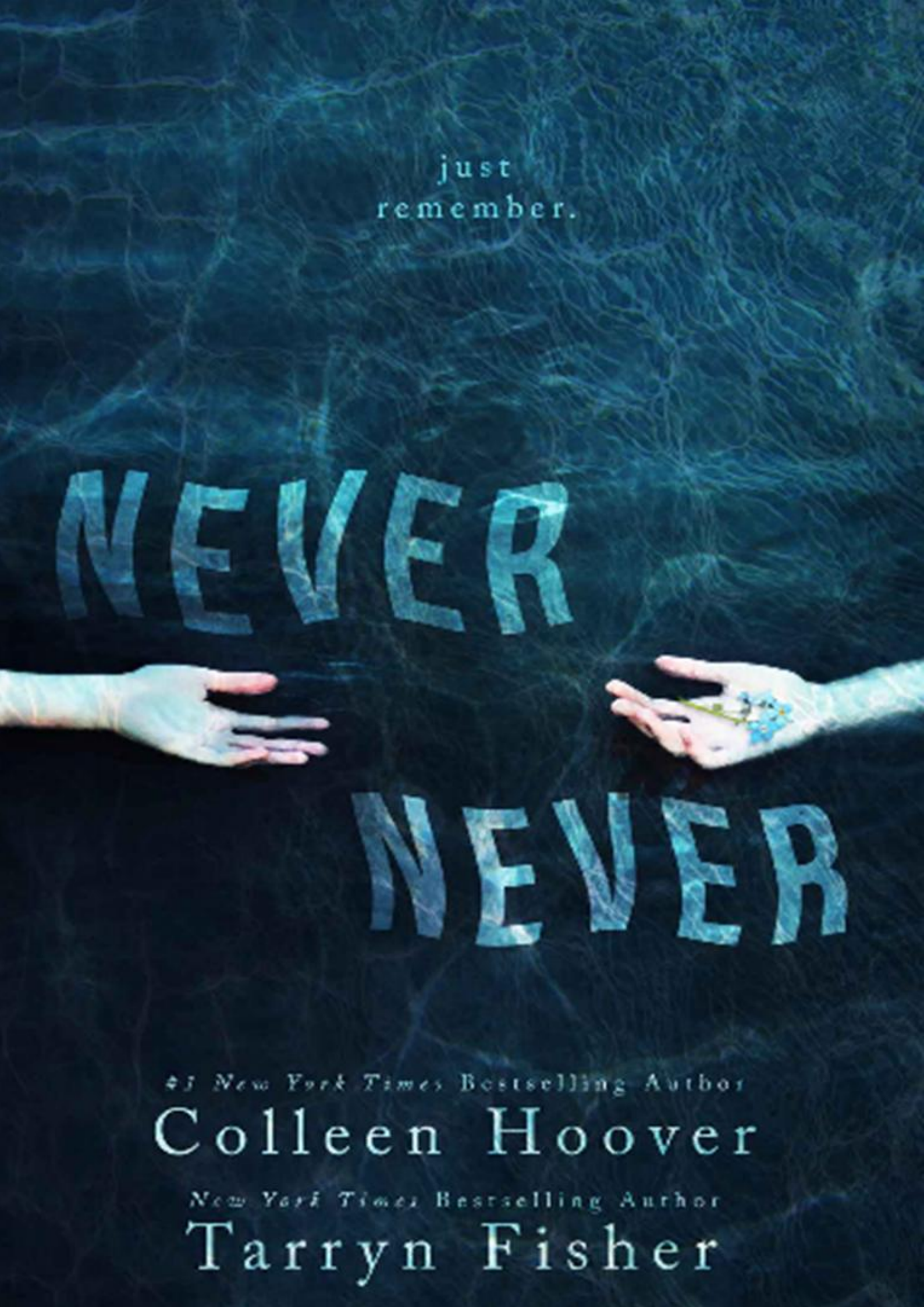
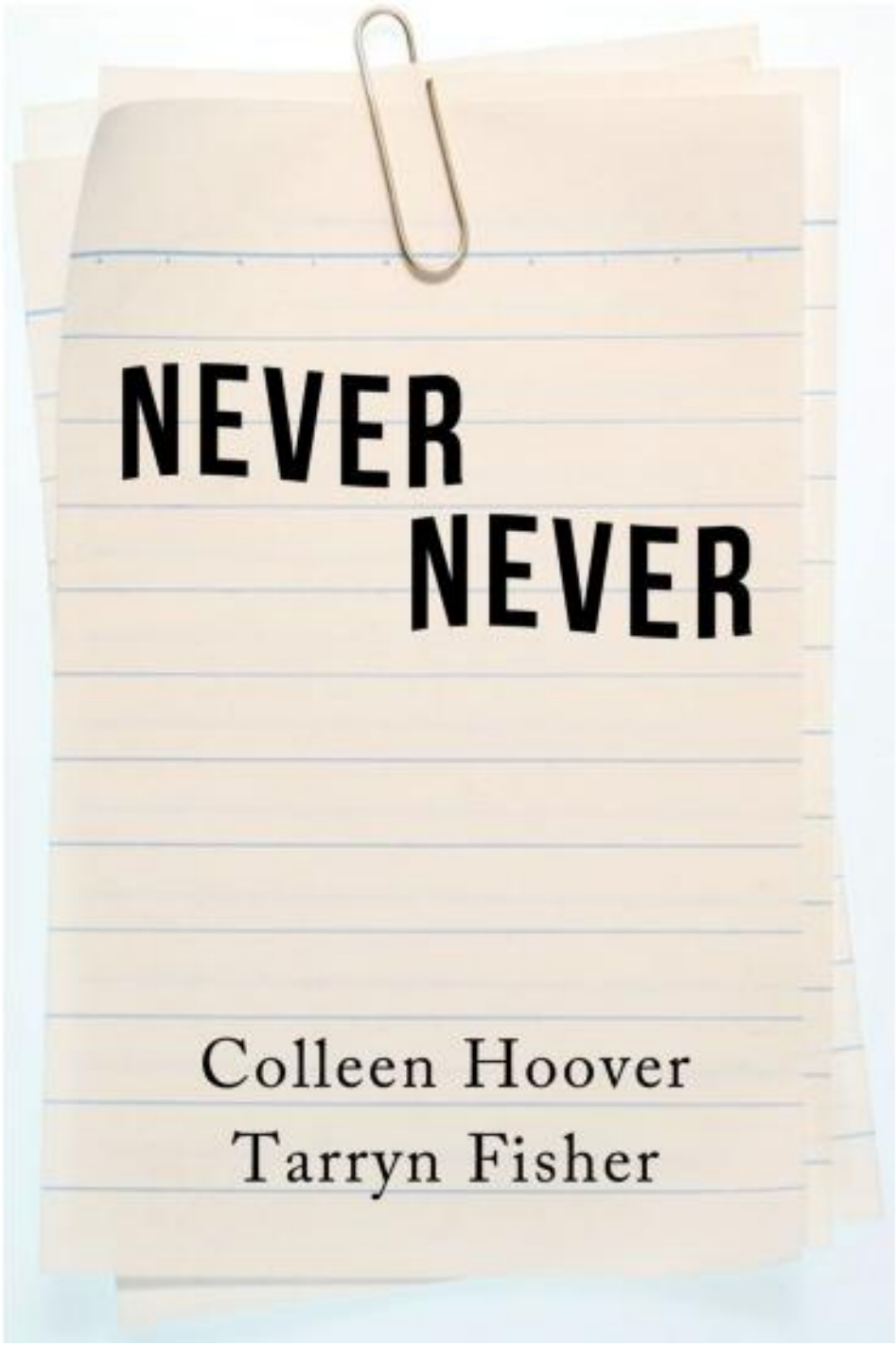


#1 New York Times Bestselling Author

Colleen Hoover

New York Times Bestselling Author

Tarryn Fisher


NEVER
NEVER
Colleen Hoover
Tarryn Fisher

Diamond's Book





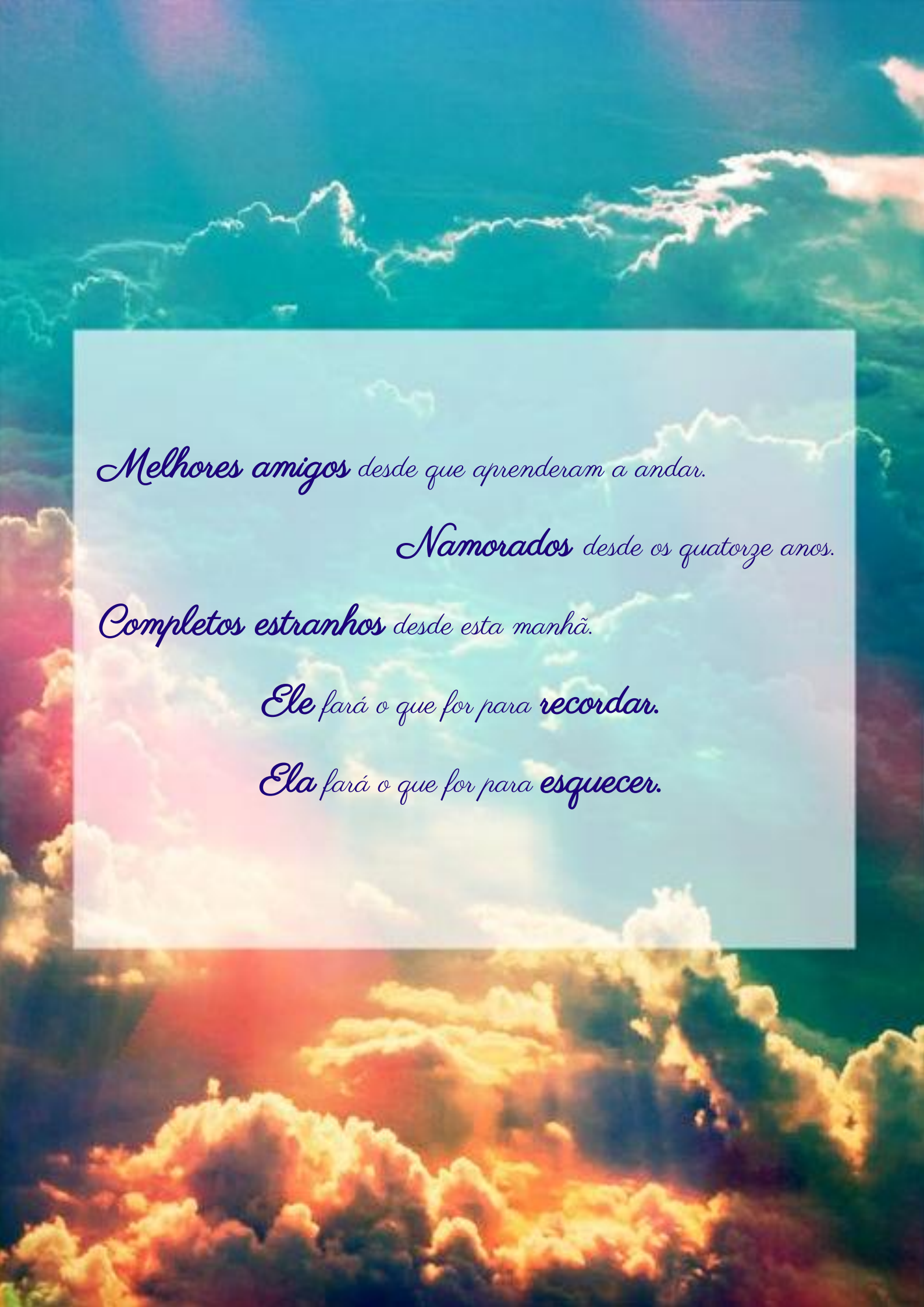
Tradução Efetivada por The Rose Traduções

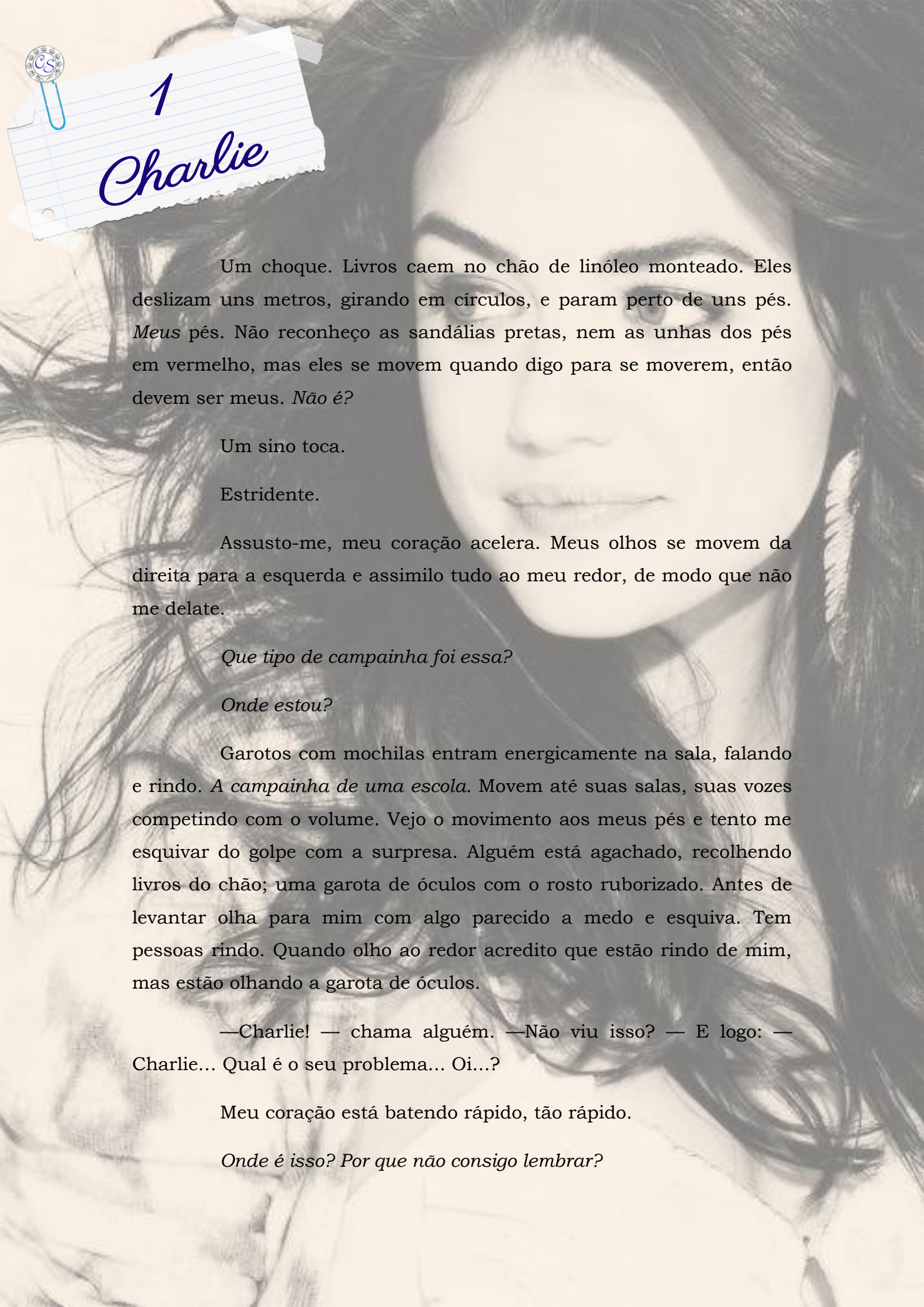
Disponibilizado: Love affair

Tradução: Love affair

Revisão Inicial: Claudia, Stella Marques

Revisão Final e Formatação: Niquevenen


Melhores amigos desde que aprenderam a andar.
Namorados desde os quatorze anos.
Completos estranhos desde esta manhã.
Ele fará o que for para **recordar.**
Ela fará o que for para **esquecer.**



1
Charlie

Um choque. Livros caem no chão de linóleo monteado. Eles deslizam uns metros, girando em círculos, e param perto de uns pés. *Meus* pés. Não reconheço as sandálias pretas, nem as unhas dos pés em vermelho, mas eles se movem quando digo para se moverem, então devem ser meus. *Não é?*

Um sino toca.

Estridente.

Assusto-me, meu coração acelera. Meus olhos se movem da direita para a esquerda e assimilo tudo ao meu redor, de modo que não me delate.

Que tipo de campainha foi essa?

Onde estou?

Garotos com mochilas entram energicamente na sala, falando e rindo. *A campainha de uma escola.* Movem até suas salas, suas vozes competindo com o volume. Vejo o movimento aos meus pés e tento me esquivar do golpe com a surpresa. Alguém está agachado, recolhendo livros do chão; uma garota de óculos com o rosto ruborizado. Antes de levantar olha para mim com algo parecido a medo e esquiva. Tem pessoas rindo. Quando olho ao redor acredito que estão rindo de mim, mas estão olhando a garota de óculos.

—Charlie! — chama alguém. —Não viu isso? — E logo: — Charlie... Qual é o seu problema... Oi...?

Meu coração está batendo rápido, tão rápido.

Onde é isso? Por que não consigo lembrar?

—Charlie! — sibila alguém. Olho em volta.

Quem é Charlie? Qual deles é Charlie?

Há tantos garotos; de cabelos loiros, cabelos bagunçados, cabelos castanhos, óculos, sem óculos...

Um homem entra carregando uma maleta. Deixa sobre a mesa.

O professor. Estou numa sala de aula, e esse é o professor. Ensino médio ou universidade, pergunto-me.

De repente, me levanto. Estou no lugar errado. Todo mundo está sentado, mas eu estou em pé... Caminhando.

—Aonde vai, senhorita Wynwood? — O professor está olhando por cima da borda dos seus óculos enquanto remexe uma pilha de papéis. Golpeia a mesa com força e eu salto. Eu devo ser a senhorita Wynwood.

—Ela tem cólica! — Grita alguém. As pessoas riem. Sinto um calafrio subir pelas minhas costas e se arrastar através da parte superior dos meus braços. Estão rindo de mim, exceto que não sei quem são essas pessoas.

Ouço a voz de uma menina. —Cala essa boca, Michael!

—Não sei. — digo, ouvindo minha voz pela primeira vez. É muito alta. Limpo a garganta e tento outra vez. —Não sei. Eu não deveria estar aqui.

Ouço mais risadas. Olho a minha volta, há cartazes na parede, rostos de presidentes animados com datas debaixo delas. *Aula de historia? Ensino Médio.*

O homem — o professor — inclina a cabeça como se tivesse dito a coisa mais idiota. — E em qual outro lugar acha que deveria estar em dia de prova?

—Não… Não sei.

—Sente-se — diz. Não sei aonde ir se começar a andar. Dou a volta e vou para trás. A garota de óculos levanta os olhos enquanto passo por ela. Desvia o olhar de modo rápido.

Logo estou sentada, o professor começa a entregar papéis. Caminha entre as mesas, sua voz é um zumbido plano enquanto nos diz que a porcentagem da nossa nota final corresponderá com a prova. Quando alcança minha mesa faz uma pausa, com uma profunda ruga nas sobrancelhas. —Não sei o que almeja alcançar. — Pressiona a ponta de um gordo dedo indicador na mesa.

—Seja o que for, estou cansado disso. Um truque a mais e te enviarei para o escritório do diretor. — Espalma a prova na minha frente e continua pela fila.

Não assinto, nem falo nada. Estou tentando decidir o que fazer. Anunciar para todos que não tenho ideia de quem sou nem de onde estou — ou ir até ele num canto e dizer em voz baixa. Disse que não queria mais truques. Meus olhos se movem para o papel que está na minha frente. Os alunos já estão se inclinando sobre suas provas, seus lápis arranhando o papel.

QUARTO PERIODO

HISTÓRIA

SR. DULCOTT

Há um espaço para um nome. É provável que eu tenha que escrever meu nome, mas não sei qual é.

Senhorita Wynwood, ele me chamou assim.

Por que não lembro meu próprio nome?

Onde estou?

Quem sou?

Cada cabeça está inclina sobre seus papéis exceto a minha. Assim que me sento e olho fixamente para frente, o senhor Dulcott olha para mim ferozmente da sua mesa. Quanto mais permaneço sentada, mais vermelha fica sua cara.

O tempo passa e ainda assim meu mundo ainda está parado. Finalmente, ele se levanta, sua boca aberta para me dizer algo, quando a campainha toca. —Deixem suas provas na minha mesa, ao sair. — diz, com seus olhos ainda em meu rosto. Todo mundo está saindo pela porta. Levanto e os sigo porque não sei que outra coisa fazer. Mantenho meus olhos no chão, mas posso sentir sua ira. Não entendo o porquê de estar tão chateado comigo. Agora estou no corredor, com fileiras de armários azuis de cada lado.

—Charlie! — Grita alguém. —Charlie, espera! — Um segundo depois, um braço se engancha no meu. Espero que seja a garota de óculos; não sei por quê. Não é. Mas agora sei que sou Charlie. *Charlie Wynwood.* — Esqueceu sua mochila — disse ela, entregando-me uma mochila branca. Pego, perguntando-me se há uma carteira de motorista no interior. Ela mantém seu braço no meu enquanto caminhamos. É mais baixa do que eu, com comprido e escuros cabelos e olhos marrons que ocupam a metade da sua cara. É surpreendente e bonita.

—Por que você estava agindo do modo tão estranho lá dentro? —Pergunta. — Você bateu os livros do armário no chão e espalhou, em seguida, foi embora.

Pude sentir seu perfume; é familiar e muito doce, como um milhão de flores competindo por atenção. Penso na garota de óculos, o olhar no seu rosto enquanto ficava agachada para recolher os livros. E se eu fiz isso, porque não consigo lembrar?

—Eu…

—É hora de comer, por que está indo nessa direção? — Ela me puxa para um corredor diferente, passando por mais estudantes. Todos me olham... Pequenos olhares. Pergunto-me se me conhecem, e porque *eu* não me conheço. Não sei por que não digo ao senhor Dulcott, ou agarro alguém ao azar e digo que não sei quem sou ou onde estou. Mas quando estou contemplando a ideia seriamente, atravessamos um par de portas e entramos na cafeteria. Ruído e cor; corpos que tem um cheiro único, brilhantes luzes fluorescentes que fazem tudo parecer feio. *Oh, Deus*. Aperto minha camisa.

A garota do meu braço está balbuciando. Andrew isso, Marcy aquilo. Gosta de Andrew e odeia Marcy. Não conheço qualquer deles. Ela me conduz até a fila da comida. Consegue saladas e bebidas dietéticas. Logo deslizamos nossas bandejas sobre uma mesa. Já tem gente sentada lá; quatro garotos e duas garotas. Dou-me conta de que completamos o grupo com números pares. Todas as garotas são pareadas com um garoto. Todo mundo levanta os olhos com expectativa, como se eu devesse dizer algo ou fazer alguma coisa. O único lugar que fica para sentar é junto a um garoto com um cabelo escuro. Sento lentamente, ambas as mãos estendidas sobre a mesa. Seus olhos saem disparados em minha direção e, em seguida, se inclina sobre sua bandeja de comida. Posso ver as mais finas gotas de suor na sua testa, logo abaixo da sua linha de cabelo.

—Vocês são tão estranhos às vezes. — Diz uma garota nova, loira, de frente para mim. Olha de mim para o garoto sentado ao meu lado. Ele levanta os olhos do seu macarrão e me dou conta de que só está movendo as coisas ao redor de seu prato. Não comeu nem uma mordida, apesar de parecer estar ocupado. Olha para mim e olho para ele, logo ambos voltamos a olhar para a garota loira.

—Aconteceu algo que devemos saber? — Pergunta.

—Não — dizemos em uníssono.

Ele é meu namorado. Eu sei pela forma como nos tratam. De repente, ele sorri para mim com seus brilhantes dentes branco e se estende para colocar seu braço ao redor do meu ombro.

—Estamos bem. — Diz, dando um aperto no meu braço. Fico rígida automaticamente, mas quando vejo os seis pares de olhos olhando para minha cara, me inclino e sigo com o jogo. É assustador não saber quem você é — e ainda mais assustador pensar que você vai errar. Agora tenho medo, medo de verdade. Fui longe demais. Se disser algo agora parecerei... *Louca*. Seu gesto de afeto parece fazer que todo mundo relaxe. Todo mundo exceto... Ele.

Eles voltam a falar, mas todas as palavras se relacionam: futebol, uma festa, e mais futebol. O garoto sentado ao meu lado sorri e entra na conversa, seu braço nunca deixando meus ombros. O chamam de Silas. Chamam-me de Charles. A garota de cabelo escuro com olhos grandes é Annika. Esqueço o nome de todos os demais por causa do ruído.

O almoço finalmente acaba e todos nós nos levantamos. Caminho junto a Silas, ou melhor, dizendo, ele caminha junto a mim. Não tenho nem ideia de onde vou. Annika vem para o meu lado livre, enganchando seu braço no meu e tagarelando sobre o ensaio das animadoras. Está fazendo eu me sentir claustrofóbica. Quando alcançamos um anexo no corredor, me inclino e falo de forma que só ela possa me escutar. —Pode me acompanhar até a próxima aula? — Seu rosto fica sério. Separa-se de mim para dizer algo ao seu namorado, e logo nossos braços voltam a unir-se.

Giro para olhar Silas. —Annika vai me acompanhar até minha próxima aula.

—Está bem — Ele diz. Parece aliviado. — Vejo você... Mais tarde. — E segue na direção oposta.

Annika gira tão rápido que ela fica fora da vista — Aonde é que ele vai?

Dou de ombros. —Para aula.

Ela sacode a cabeça como se estivesse confusa. —Não entendo vocês. Um dia estão completamente um em cima do outro, e no dia seguinte estão agindo como se não pudessem suportar estar no mesmo lugar. Você realmente precisa tomar uma decisão a respeito dele, Charlie.

Ela para de frente para a porta.

—Eu estou só… — digo, para ver se protestava. Não faz.

— Chama-me mais tarde. — Diz. — Quero saber sobre a noite passada.

Assinto. Quando ela desaparece no mar de rostos, entro na aula. Não sei onde sentar, então caminho até o final da fila no fundo e deslizo numa cadeira perto da janela. Eu cheguei cedo, então abro minha mochila.

Tem uma carteira encaixada entre um par de cadernos e uma nécessaire de maquiagem. Eu retiro para abrir e revelar uma carteira de motorista com uma foto de uma radiante garota de cabelos escuros. *Eu*.

CHARLIZE MARGARET WYNWOOD.

2417 DE HOLCOURT WAY,

NEW ORLEANS, L.A.

Tenho dezesseis anos. Meu aniversário é vinte e um de março. Vivo em Louisiana. Estudo a imagem no topo do canto esquerdo e não reconheço o rosto. É meu rosto, mas nunca tinha visto. Sou… *Bonita*. E só tenho vinte e oito dólares.



A sala fica cheia. E o lugar perto de mim permanece vazio, quase como se todo o mundo estivesse muito assustado para sentar ali. Estou na aula de espanhol. A professora é bonita e jovem; seu nome é Sra. Cardona. Ela não me olha como se me odiasse, como se estivesse olhando muitas outras pessoas. Começamos com os tempos verbais.

Não tenho passado.

Não tenho passado.

Aos cinco minutos de aula, a porta se abre. Silas entra, seus olhos no chão. Penso que está aqui para me dizer algo, ou trazer algo. Abraço a mim mesma, pronta para fingir, mas a Sra. Cardona faz um comentário brincalhão sobre seu atraso.

Ele toma o único assento disponível junto de mim e olha fixamente para frente. Observo. Não deixo de olhá-lo até que ele gira sua cabeça para me olhar. Uma linha de suor roda por um lado do seu rosto.

Seus olhos estão muito abertos.

Amplos… *Igual aos meus.*

2 Silas

Três horas.

Tem sido quase três horas, e minha mente ainda está uma névoa.

Não, não é uma neblina. Nem mesmo um denso nevoeiro. Ela parece como se estivesse andando em um quarto escuro como breu, procurando o interruptor de luz.

—Você está bem? — Charlie pergunta. Eu estive olhando para ela por alguns segundos, tentando recuperar um pouco a aparência de familiaridade de um rosto que deve, aparentemente, ser o *mais* familiar para mim.

Nada.

Ela olha para baixo em sua mesa e seu cabelo espesso, preto cai entre nós como antolhos. Eu quero olhar melhor para ela. Eu preciso de algo para me agarrar, algo familiar. Eu quero conhecer uma marca de nascença ou uma sarda sobre ela antes de vê-la, porque eu preciso de algo reconhecível. Vou agarrar qualquer pedaço de seu poder para me convencer que eu não estou perdendo minha mente.

Ela leva a mão para cima, finalmente, e enfia seu cabelo atrás da orelha. Ela olha para mim através de dois e completamente desconhecidos olhos. O vinco entre as sobrancelhas se aprofunda e ela começa mordendo o polegar.

Ela está preocupada comigo. Sobre nós, talvez.

Nós.

Eu quero perguntar se ela sabe o que poderia ter acontecido comigo, mas eu não queria assustá-la. Como eu explico que eu não a

conheço? Como posso explicar isso para *alguém*? Eu passei as últimas três horas tentando agir naturalmente. No começo eu estava convencido de que eu devia ter usado algum tipo de substância ilegal que me fez desmaiar, mas isso é diferente de desmaiar. Isto é diferente de estar drogado ou bêbado, e eu não tenho nenhuma idéia de como eu mesmo sei. Eu não me lembro de nada além de três horas atrás.

—Hey. — Charlie se aproxima como se ela fosse me tocar, então recua. —Você está bem?

Eu aperto a manga da minha camisa e limpo o brilho de umidade da minha testa. Quando ela olha para trás para mim, vejo a preocupação ainda enchendo seus olhos. Eu forço meus lábios para formar um sorriso.

—Eu estou bem, — murmuro. —Longa noite.

Assim que eu digo isso, eu me encolho. Eu não tenho nenhuma idéia que tipo de noite que eu tive, e se essa garota sentada na minha frente realmente é a minha namorada, então uma frase como essa provavelmente não é muito animadora.

Eu vejo uma pequena contração no olho dela e ela inclina a cabeça. —Por que foi uma longa noite?

Merda.

—Silas. — A voz chega a partir da frente da sala. Eu olho para cima. —Não fale, — diz a professora. Ela retorna à sua instrução, não muito preocupada com a minha reação ao ser apontado. Eu olho para trás, Charlie, brevemente, segue, olhando imediatamente para a minha mesa. Meus dedos traçam sobre nomes esculpidos na madeira. Charlie ainda está olhando para mim, mas eu não olho para ela. Eu observo a minha mão, e eu corro dois dedos sobre os calos em todo o interior da palma da minha mão.

Eu trabalho? Corto a grama para a vida?

Talvez seja do futebol. Durante o almoço, eu decidi usar meu tempo para observar todos ao meu redor e, eu aprendi que eu jogo futebol, esta tarde. Eu não tenho nenhuma idéia de que hora ou onde, mas eu tenho de alguma forma feito isso por meio das últimas horas sem saber quando ou onde eu deveria estar. Posso não ter qualquer tipo de lembrança agora, mas eu estou aprendendo que eu sou muito bom em fingir. Bom demais, talvez.

Eu observo a minha outra mão e encontro os mesmos calos ásperos nessa palma.

Talvez eu viva em uma fazenda.

Não, eu não.

Eu não sei como eu sei, mas mesmo sem ser capaz de me lembrar de qualquer coisa, eu pareço ter uma sensação imediata de quais suposições que são precisas e quais não são. Poderia ser apenas processo de eliminação, em vez de intuição ou memória. Por exemplo, eu não sinto como se alguém que vive em uma fazenda estaria vestindo as roupas que eu estou. Roupas bonitas. Da última moda? Olhando para os meus sapatos, se alguém me perguntasse se eu tenho pais ricos, eu lhes diria: —Sim, eu tenho. — E eu não sei como, porque eu não me lembro dos meus pais.

Eu não sei onde eu vivo, com quem eu vivo, ou se eu pareço mais com minha mãe ou com meu pai.

Eu nem sei como eu pareço.

Eu estou abruptamente, empurrando a mesa a poucos centímetros altos em frente no processo. Todos na classe se viram para mim, mas não Charlie, porque ela não parou de olhar para mim desde que eu me sentei. Seus olhos não são curiosos ou amáveis.

Seus olhos estão acusando.

A professora olha para mim, mas não me parece de todo surpresa com a perda de atenção de todos para mim. Ela só fica complacente, esperando por mim para anunciar a minha razão para a interrupção súbita.

Eu engulo. —Banheiro. — Meus lábios estão pegajosos. Minha boca está seca. Minha mente está destruída. Eu não espero permissão antes de eu começar a ir nessa direção. Eu posso sentir os olhares de todos quando eu empurro a porta.

Eu vou para direita e até o final do corredor, sem encontrar um banheiro. Eu volto atrás e passo pela minha porta da sala, continuando até a esquina e encontrar o banheiro. Abro a porta, esperando a solidão, mas alguém está em pé no mictório, de costas para mim. Viro-me para a pia, mas não olho para o espelho. Eu fico olhando para baixo na pia, colocando minhas mãos em cada lado dela, segurando firmemente. Eu inalo.

Se eu só iria olhar para mim mesmo, o meu reflexão poderia desencadear uma memória, ou talvez apenas me dar um pequeno sentimento de reconhecimento. Algo. Qualquer coisa.

O cara que estava parado no segundo mictório antes, agora está de pé ao meu lado, encostado com os braços cruzados. Quando eu olho para ele, ele está olhando para mim. Seu cabelo é tão loiro, é quase branco. Sua pele é tão pálida, isso me faz lembrar uma água-viva. Translúcido, quase.

Lembro-me de como água-viva se parece, mas eu não tenho idéia o que eu vou encontrar quando eu olhar para mim mesmo no espelho?

—Você parece uma merda, Nash, — diz ele com um sorriso.

Nash?

Todo mundo me chama de Silas. Nash deve ser o meu último nome. Gostaria de verificar a minha carteira, mas não há uma em meu bolso. Apenas um maço de dinheiro. A carteira foi uma das primeiras coisas que eu olhei depois...

Bem, depois de ter acontecido.

—Não estou me sentindo muito bem, — eu resmungo em resposta.

Por alguns segundos, o cara não responde. Ele apenas continua a olhar para mim da mesma maneira que Charlie estava olhando para mim na sala de aula, mas com menos preocupação e de maneira mais satisfeita. O cara sorri e empurra fora da pia. Ele se levanta em linha reta, mas ainda é cerca de uma polegada menor da minha altura. Ele dá um passo para frente, e eu vejo em seus olhos que ele não está preocupado com a minha saúde.

—Nós ainda não resolvemos a sexta à noite, — o cara me diz. —É por isso que você está aqui agora? — Suas narinas alargam quando ele fala e suas mãos caem para os lados, abrindo e fechando duas vezes.

Eu tenho um debate de dois segundos em silêncio comigo mesmo, ciente de que, se eu desse um passo para longe dele, ele iria me fazer parecer como um covarde. No entanto, eu também estou ciente de que, se eu der um passo em frente, eu vou desafiá-lo para algo que eu não quero lidar agora. Ele obviamente tem problemas comigo e tudo o que eu escolhi fazer sexta-feira o deixou irritado.

Eu me empenho, não lhe dando qualquer reação. Olho desinteressado.

Eu preguiçosamente movo a minha atenção para a pia e viro um dos botões até que um fluxo de água começa a derramar da torneira. —Guarde para o campo, — eu digo. Eu imediatamente quero tomar de volta essas palavras. Eu não tinha considerado que ele não

poderia jogar futebol. Presumi que ele joga com base em seu tamanho, mas se ele não faz, meu comentário pode não ter feito um maldito sentido. Eu prendo a respiração e espero por ele para me corrigir, ou chamar-me.

Nenhuma dessas coisas acontece.

Ele olha por mais alguns segundos, e então ele me dá de ombros passando, propositadamente me batendo em seu caminho da porta. Eu coloco minhas mãos sob a corrente de água e tomo um gole. Eu limpo a minha boca com a palma da minha mão e olho para cima. Para mim mesmo.

Silas Nash.

Que raio de nome é esse, afinal?

Estou olhando, sem emoção, em um par de desconhecidos, olhos escuros. Eu sinto como se eu estivesse olhando para os dois olhos que eu nunca tinha visto antes, apesar do fato de que eu tenho, mais do que provável, olhado para esses olhos em uma base diária desde que eu sou velho o suficiente para chegar a um espelho.

Eu estou tão familiarizado com esta pessoa no reflexo como estou com a menina que é — de acordo com um cara chamado Andrew — a garota que eu tenho "transado" há dois anos.

Eu estou tão familiarizado com essa pessoa no reflexo como estou com todos os aspectos da minha vida pelo certo agora. O que não é familiar em tudo.

—Quem é você? — Eu sussurro para ele.

A porta do banheiro começa a abrir-se lentamente, e meus olhos se movem do meu reflexo para a porta. Uma mão aparece, segurando a porta. Eu reconheço o elegante, polonês vermelho na ponta dos seus dedos.

A garota que eu tenho "transado" por mais de dois anos.

—Silas?

Eu fico de pé e viro o rosto para a porta aberta quando ela espreita em torno dela. Quando seus olhos encontram os meus, é só por dois segundos. Ela olha para longe, digitalizando do resto do banheiro.

—É só eu, — eu digo. Ela balança a cabeça e torna o resto do caminho através da porta, embora extremamente hesitante. Eu gostaria de saber como tranquilizá-la de que tudo está bem, para que ela não se sinta desconfortável. Eu também desejo que eu me lembrasse dela, ou qualquer coisa sobre o nosso relacionamento, porque eu quero dizer a ela. Eu preciso dizer a ela. Eu preciso de alguém para saber, para que eu possa fazer perguntas.

Mas como é que um cara pode dizer a sua namorada que ele não tem idéia de quem é ela? Quem ele próprio é?

Ele não diz a ela. Ele finge, assim como ele está fingindo com todos os outros.

Cem perguntas silenciosas enchem os olhos dela de uma vez, e eu quero imediatamente evitar todas elas. —Eu estou bem, Charlie. — Eu sorrio para ela, porque sinto como se fosse algo que eu deveria fazer. —Só me senti muito quente. Vamos voltar para classe.

Ela não se move.

Ela não sorri.

Ela fica onde esta, não afetada pela minha instrução. Ela me lembra de um desses animais em que você monta em um parque infantil. O tipo que você empurra, mas eles simplesmente saltam a volta por cima. Eu me sinto como se alguém viesse a empurrar os ombros, ela se inclina para trás, os pés no lugar, e depois salta para a direita de volta novamente.

Eu não me lembro o que essas coisas são chamadas, mas eu faço uma nota mental para eu de alguma forma recordá-las. Eu fiz um monte de notas mentais nas últimas três horas.

Eu sou um sênior.

Meu nome é Silas.

Nash pode ser o meu último nome.

O nome da minha namorada é Charlie.

Eu jogo futebol.

Eu sei como se parece uma água-viva.

Charlie inclina a cabeça e o canto de sua boca se contorce ligeiramente. Seus lábios partem, e por um momento tudo que eu ouço são respirações nervosas. Quando ela finalmente faz palavras, eu quero me esconder delas. Eu quero dizer a ela para fechar os olhos e contar até vinte até que eu esteja muito longe para ouvir a pergunta.

—Qual é meu sobrenome, Silas?

Sua voz é como a fumaça. Macia e fina e, em seguida, desaparece.

Eu não posso dizer se ela é extremamente intuitiva ou se estou fazendo um trabalho horrível de encobrir o fato de que eu não sei nada. Por um momento, eu debato se devo ou não dizer a ela. Se eu digo a ela e ela me entende, ela pode ser capaz de responder a uma série de perguntas que eu tenho. Mas se eu digo a ela e ela não acredita em mim...

—Baby, — eu digo, com uma risada desdenhosa. *Eu a chamo de baby?* —Que tipo de pergunta é essa?

Ela levanta o pé que eu tinha certeza que estava preso ao chão, e dá um passo adiante. Ela pega outro. Ela continua em minha

direção até que ela esta um pé de distância; perto o suficiente para que eu possa sentir o cheiro dela.

Lírios.

Ela cheira a lírios, e eu não sei como eu posso lembrar o que cheira a lírios, mas de alguma forma, não me lembra da pessoa real que está na minha frente que cheira como eles.

Seus olhos não deixaram os meus, nem sequer uma vez.

—Silas, — diz ela. —Qual é o meu sobrenome?

Eu trabalho o meu queixo para trás, e, em seguida, viro-me para enfrentar a pia novamente. Eu me inclino para frente segurando-a fortemente com ambas as mãos. Eu lentamente levanto os olhos até me deparar com o dela no reflexo.

—Seu sobrenome? — Minha boca está seca novamente e as minhas palavras saem arranhadas.

Ela espera.

Eu olho para longe dela e de volta para os olhos do cara estranho no espelho. —Eu... Eu não me lembro.

Ela desaparece a partir do reflexo, seguido imediatamente por um tapa alto. Faz-me lembrar o soar do peixe que fazem no Pikes Place Market, quando eles o lançam e pegam no papel de cera.

Batida!

Eu giro e ela está deitada no chão de ladrilhos, de olhos fechados, braços espalhados. Eu imediatamente me ajoelho para baixo e levanto a sua cabeça, mas assim que eu tenho seus elevados vários centímetros do chão, as pálpebras começam a trepidar.

—Charlie?

Ela suga em uma corrente de ar e se senta. Ela puxa-se para fora dos meus braços e me empurra para longe, quase como se ela tivesse medo de mim. Eu mantenho minhas mãos posicionadas perto dela, caso ela tente se levantar, mas ela não faz. Ela permanece sentada no chão, com as palmas das mãos pressionadas no azulejo.

—Você desmaiou, — eu digo a ela.

Ela franze a testa para mim. —Eu estou ciente disso.

Eu não falo de novo. Eu provavelmente deveria saber o que todas as suas expressões significam, mas eu não sei. Eu não sei se ela está com medo ou raiva ou...

—Estou confusa, — diz ela, balançando a cabeça. —Eu... Você pode..., — ela faz uma pausa, e depois faz uma tentativa de ficar em pé. Eu estou com ela, mas eu posso dizer que ela não gosta disso pela forma como ela olha para minhas mãos que estão ligeiramente levantadas, esperando para pegá-la, ela deverá começar a cair novamente.

Ela dá dois passos para longe de mim e atravessa um braço sobre o peito. Ela traz-lhe a mão na sua frente, levanta e começa a mastigar o seu polegar novamente. Ela me estuda em silêncio por um momento e, em seguida, puxa o polegar de sua boca, fazendo um punho. —Você não sabe que nós temos aula juntos depois do almoço.

Suas palavras são ditas com uma camada de acusação. — Você não sabe o meu sobrenome.

Eu balancei minha cabeça, admitindo as duas coisas que eu não posso negar.

—O que você pode se lembrar? — Ela pergunta.

Ela está assustada. Nervosa. Desconfiada. Nossas emoções são reflexos um do outro, é quando a clareza me bate.

Ela não se sente familiarizada. Eu não posso me sentir familiar. Mas as nossas ações de nosso comportamento, elas são exatamente as mesmas.

—O que eu me lembro? — Eu repeti a pergunta em uma tentativa de me comprar mais alguns segundos para permitir as minhas suspeitas para ganhar equilíbrio.

Ela espera por minha resposta.

—História, — eu digo, tentando lembrar, tanto para trás quanto eu puder. —Livros. Eu vi uma menina cair sobre seus livros. — Eu agarro meu pescoço e aperto novamente.

—Oh, Deus. — Ela dá um passo rápido em direção a mim. — Isso é... Isso é a primeira coisa que eu me lembro.

Meu coração salta para minha garganta.

Ela começa a sacudir a cabeça. —Eu não gosto disso. Isso não faz sentido. — Ela parece calma – mais calma do que eu me sinto. A voz dela é estável. O único medo que eu vejo é nos brancos esticados de seus olhos. Eu a puxo para mim sem pensar, mas eu acho que é mais para o meu próprio alívio, em vez de colocá-la à vontade. Ela não se afasta, e por um segundo, eu me pergunto se isso é normal para nós. Eu me pergunto se estamos apaixonados.

Eu aperto minha espera até que eu senti-o endurecer contra mim. —Nós precisamos descobrir isso, — diz ela, se separando de mim.

Meu primeiro instinto é para lhe dizer que vai ficar tudo bem, que eu vou descobrir isso. Estou inundado com uma esmagadora sensação de que preciso protegê-la, só que eu não tenho nenhuma idéia de como fazer isso quando nós dois estamos experimentando a mesma realidade.

A campainha toca, sinalizando o fim do Espanhol. Em poucos segundos, a porta do banheiro, provavelmente será aberta.

Armários estão se fechando. Nós vamos ter que descobrir as próximas classes. Eu pego sua mão e a puxo atrás de mim enquanto eu abro a porta do banheiro.

—Para onde estamos indo? — Ela pergunta.

Eu olho para ela por cima do meu ombro e encolho os ombros. —Eu não faço ideia. Eu só sei que eu quero ir embora.

3
Charlie

Esse cara — esse garoto, Silas, — pega minha mão como se me conhecesse e me arrasta até suas costas como se eu fosse uma menininha. E assim é como me sinto — como uma menininha em um mundo muito, muito grande. Não entendo nada, e sem dúvida não reconheço nada. Tudo o que posso pensar, enquanto ele me arrasta pelos simples corredores de alguma escola desconhecida, é que eu desmaiei; tive um colapso como uma donzela em apuros. E no chão do banheiro dos garotos. Estou avaliando minhas prioridades, perguntando-me como meu cérebro pode unir os germes na equação quando claramente tenho problemas muito maiores, e então nos encontramos com a luz do sol. Cubro meus olhos com a minha mão livre enquanto o garoto Silas tira uma chave da sua mochila. Levanta por cima da sua cabeça e faz um círculo, pressionando o botão de alarme do carro. A partir de alguma esquina distante no estacionamento, escutamos o áudio do alarme.

Corremos até ele, nossos sapatos chicoteiam o chão com urgência, como se alguém estivesse nos perseguindo. E talvez esteja. O carro é um SUV. É impressionante porque se destaca sobre os outros carros, e faz com que pareçam pequenos e insignificantes. Um Land Rover. Silas dirige o carro do papai, ou nada no dinheiro do seu pai. Talvez nem tenha um pai. Não poderia dizer de todas as formas. Eu sei quanto custa um carro? Tenho lembranças de como funcionam as coisas: um carro, as regras da estrada, os presidentes, mas não sei quem sou.

Ele abre a porta para mim enquanto olha para cima do seu ombro em direção à escola, e tenho a sensação de que estou em uma brincadeira. Ele poderia ser o responsável por isso. Poderia ter me dado

algo para que eu pudesse perder a memória temporariamente, e agora só está fingindo.

— Isto é real? — Pergunto, apoiada no assento dianteiro. — Você não sabe quem eu sou?

—Não — Ele diz. — Não sei.

Acredito nele. Mais ou menos. Afundo no assento.

Ele busca meus olhos por um intenso momento antes de fechar a minha porta e rodear o carro com pressa até o assento do condutor. Sinto-me dolorida. Como se fosse um dia depois de beber. *Eu bebo?* Minha licença diz que só tenho dezessete anos. Mordo meu polegar enquanto ele sobe e aperta o botão para ligar o carro.

— Como você sabe fazer isso? — pergunto.

— Fazer o que?

— Ligar o carro sem a chave.

— Eu... Não sei.

Observo seu rosto enquanto abandonamos o lugar. Ele pisca muito, me olha muito mais, e passa a língua no seu lábio inferior. Quando paramos num semáforo, encontra o botão CASA no GPS e ele o pressiona. Fico impressionada que pensou isso.

— Redirecionando. — Diz a voz de uma mulher. Quero perder o controle, saltar do carro em movimento e correr como um veado assustado. Tenho muito medo.



Sua casa é grande. Não tem carros na calçada quando estacionamos no meio fio, o motor ruge em silêncio.

— Tem certeza que é a sua? — Pergunto para ele.

Ele encolhe os ombros.

—Não parece como se alguém estivesse em casa. — Ele diz. — Deveríamos entrar?

Assinto. Não devia sentir fome, mas sinto. Quero ir para dentro e comer alguma coisa, talvez investigar nossos sintomas e ver se contraímos alguma bactéria come-cérebros que roubou nossas lembranças. Uma casa como essa deveria ter alguns laptops por aí. Silas desvia da entrada para carros e parques. Abaixamo-nos com cuidado, observando os arbustos e as árvores como se fossem ganhar vida. Ele encontra uma chave no aro das chaves e abre a porta da frente. Enquanto permaneço atrás dele e espero, o estudo. Suas roupas e cabelo estão com estilo relaxado de um garoto que não se importa com nada, mas carrega nos ombros uma preocupação muito grande. Também cheira bem: A erva, pinho e uma rica sujeira obscura. Ele está prestes a girar o botão.

— Espera!

Ele gira lentamente, apesar da urgência em minha voz.

— E se tiver alguém aí dentro?

Sorri, ou é uma careta. — Talvez possam nos dizer que diabos está acontecendo...

Então estamos dentro. Permanecemos imóveis por um minuto, observando o lugar. Escondo-me atrás de Silas como uma covarde. Não faz frio, mas estou tremendo. Tudo é pesado e impressionante — os móveis, o ar, minha mochila com os livros, que escorregar dos meus ombros como um peso morto. Silas se move para frente. Agarro-me à parte detrás da sua camisa enquanto passeamos pela entrada e vamos até a sala de estar. Vamos de cômodo em cômodo, nos detendo para examinar as fotos nas paredes. Dois pais bronzeados

e sorridentes com os braços ao redor de dois garotos felizes com cabelos escuros, e o oceano no fundo.

— Você tem um irmão mais novo — Digo. — Você sabia que tinha um irmão pequeno?

Ele sacode a cabeça, dizendo *não*. Os sorrisos nas fotos ficam mais escassos à medida que Silas e sua cópia ficam maiores. Há muita acne e aparelhos, fotos de pais que se importam de ser alegres enquanto atraem garotos de ombros tensos até eles. Vamos até os quartos... Os banheiros. Pegamos livros, lemos as etiquetas em garrafas menores prescritas que encontramos na gaveta de remédios. Sua mãe conserva flores secas por toda a casa; dentro de livros na sua mesa de noite, na gaveta de maquiagem, e alinhadas nas estantes do quarto. Toco cada uma, sussurrando seus nomes entre os dentes. Lembro todos os nomes das flores. Por alguma razão, isso me faz rir. Silas para quando entra no banheiro dos seus pais e me encontra rindo.

— Sinto muito — Eu digo. — Tive um momento.

— Que tipo de momento?

— Um momento em que me dou conta de que esqueci tudo sobre mim, mas sei o que é um Jacinto.

Assente. —Sim. — Baixa os olhos para suas mãos, e se formam rugas no seu rosto.

— Você acha que devemos dizer para alguém? Ir para um hospital, talvez?

— Você acha que acreditariam em nós? — Pergunto. Olhamos um para o outro. E prendo de novo a emergência de perguntar se isso é uma brincadeira. Isso não é uma brincadeira. É muito real.

Continuamos até o escritório do seu pai, remexemos alguns documentos e olhamos as gavetas. Não tem nada que nos diga por que estamos assim, nada fora do comum. Olho para ele pelo canto do olho.

Se isso é uma brincadeira, ele é muito bom ator. *Talvez seja um experimento*, penso. Sou parte de algum experimento psicológico do governo e vou despertar em um laboratório. Silas também me observa. Vejo que seus olhos disparam até mim, perguntando... Avaliando. Não falamos mais. Não falamos muito. Apenas, *olha isso*. Ou, *você acredita que isto significa algo?*

Somos estranhos e tem um par de palavras entre nós.

O quarto de Silas é o último. Ele aperta minha mão à medida que entramos e logo a largo porque começo a me sentir enjoada outra vez. A primeira coisa que vejo é uma foto de nós dois na mesa. Estou vestindo uma fantasia — um tutu muito curto com estampa de leopardo e asas de anjos negros que se expande com elegância nas minhas costas. Meus olhos estão delineados com espessura e brilhos nos cílios. Silas está vestido todo de branco, um anjo branco com asas. Está bonito. *Bom* versus *mal*, penso. Esse é o tipo de jogo da vida que jogamos? Ele olha para mim e levanta as sobrancelhas.

— Má escolha de roupas. — Dou de ombros. Ele libera uma risada e logo nos movemos a lados opostos do quarto.

Levanto os olhos para as paredes onde há um emaranhado de fotos de pessoas: um homem sem teto largado contra um muro, envolto em uma manta; uma mulher sentada num banco chorando em suas mãos. Um cigano, com as mãos sustentando seu pescoço enquanto olha para a câmera com olhos vazios. As fotos são mórbidas. Elas me fazem querer me afastar, sentir pena. Não entendo porque alguém iria *querer* tirar fotos de coisas tão morbidamente tristes, sem mencionar colocá-las em sua parede para olhar todos os dias.

E então eu giro e vejo a cara câmera apoiada na mesa. Está em um lugar de honra, sobre uma pilha de brilhantes livros de fotografia. Dou uma olhada na direção do lugar onde Silas também estuda as fotos. Um artista. Este é o trabalho dele? Está tentando se

reconhecer? Não tenho que perguntar. Sigo adiante, olho sua roupa, procuro nas gavetas da escrivaninha de mogno.

Sinto-me tão cansada. Faço-me sentar na cadeira da escrivaninha, mas de repente ele está animado, me chamando de novo.

— Olha isso — Diz. Levanto-me com lentidão e caminho até ele. Ele está olhando a cama desfeita. Seus olhos estão brilhantes e deveria dizer... Chocados? Sigo até os lençóis. E logo meu sangue congela.

— Oh, meu Deus.

4
Silas

Lanço o edredom fora do caminho para obter uma visão melhor da bagunça aos pés da cama. Manchas de lodo se acumulam nos lençóis. Secas. Alguns pedaços se agitam e rolam quando jogo o lençol longe.

— Isso é... — Charlie deixa de falar e puxa a parte superior do lençol da minha mão, afastando para obter uma visão melhor do lençol ajustável por baixo. — Isso é *sangue*?

Sigo seus olhos subindo pelo lençol, até a cabeceira da cama. Ao lado da almofada há uma mancha fantasmagórica de uma mancha de mão. Imediatamente olho para minhas mãos.

Nada. Não há rastros de sangue ou barro, de modo algum.

Ajoelho junto à cama e coloco minha mão direita sobre a marca da mão no colchão. É uma combinação perfeita. Ou *imperfeita*, dependendo do seu ponto de vista. Olho para Charlie e seu olhar se desvia, quase como se não quisesse saber se a marca da mão pertence a mim. O fato de ser minha só contribui para mais perguntas. Temos tantas perguntas empilhadas até este ponto, que sinto como se a pilha estivesse a ponto de ruir e enterrar-nos com tudo menos respostas.

— Provavelmente é meu sangue — Digo para ela. Ou talvez falo para mim mesmo. Tento descartar qualquer pensamento que se desenrola na cabeça dela. — Eu poderia ter caído fora na noite passada.

Sinto que dou desculpas para alguém que não sou eu. Sinto que dou desculpas para um amigo meu. Este garoto *Silas*. Alguém que definitivamente não sou eu.

— Onde esteve na noite passada?

Não é uma pergunta real, somente algo que nós dois pensamos. Agarro o lençol superior e o edredom, e os estendo sobre a cama para ocultar a desordem. A evidência. As pistas. Seja o que for só quero ocultar isso.

— O que isso significa? — Ela pergunta, se virando para mim. Segura uma folha de papel. Caminho até ela e a pego de suas mãos. Parece que foi dobrada e desdobrada muitas vezes, há um pequeno buraco desgastado formado no centro dela. A sentença através da página lê, **Nunca pare. Nunca esqueça.**

Deixo a folha de papel sobre a mesa, querendo-a fora das minhas mãos. O papel se parece como provas também. Não quero tocá-lo. — Não sei o que significa.

Necessito de água. É a única coisa que lembro o sabor. Talvez porque a água não tenha sabor.

— Você escreveu isso? — Ela exige.

— Como vou saber? — Não gosto do tom da minha voz. Soa ofendido. Não quero que pense que estou chateado com ela.

Ela se vira e caminha rapidamente até sua mochila. Busca em seu interior e pega uma caneta, e caminha até mim, empurrando na minha mão. — Copia.

Ela é mandona. Olho para a caneta, girando entre os dedos. Passo meus polegares pelas palavras impressas em relevo ao lado da mesma.

GRUPO FINANCIERO WYNWOOD-NASH.

— Veja se sua letra combina — Ela diz. Vira a página para o lado em branco e empurra até mim. Olhos em seus olhos, e os deixo cair um pouco. Mas então me sinto com náuseas.

Não gosto que pense essas coisas em primeiro lugar. Seguro a caneta na minha mão direita. Não me sinto confortável. Mudo para a mão esquerda e se encaixa melhor. *Sou canhoto.*

Escrevo as palavras de memória, e depois que ela dá uma boa olhada para minha letra, devolvo a folha.

A letra é diferente. A minha é aguda, concisa. A outra é solta e despreocupada. Ela pega a caneta e reescreve as palavras.

É uma combinação perfeita. Olhamos em silêncio o papel, sem saber se isso sequer significa algo. Poderia não significar nada. Poderia significar *tudo*. A sujeira nos meus lençóis poderia significar tudo. A marca da mão manchada de sangue poderia significar tudo. O fato de que podemos recordar coisas básicas, mas não a gente poderia significar tudo. A roupa que visto, a cor do esmalte, a câmera na minha mesa, as fotos na parede, o relógio em cima da porta, o vaso de água meio vazio sobre a mesa. Estou girando, assimilando tudo. Poderia significar *tudo*.

Ou tudo poderia significar absolutamente nada.

Não sei o que catalogar na minha mente ou o que ignorar. Talvez se eu dormir, amanhã acordarei e serei completamente normal.

— Estou com fome. — Ela diz.

Ela está me assistindo, mechas de seu cabelo está entre mim e uma visão completa de seu rosto. Ela é bonita, mas de uma maneira envergonhada. De uma forma que eu não tenho certeza se devo apreciar. Tudo nela é cativante, como a consequência de uma tempestade. As pessoas não encontram prazer na destruição, mas queremos olhar de todas as formas. Charlie é uma devastação desejada deixada no rastro de um tornado.

Como eu sei disso?

Agora mesmo parece estar calculando, olhando-me dessa maneira. Quero agarrar minha câmera e tirar fotos dela. Algo dá voltas no meu estomago como fitas, e estou certo de que são nervos, fome ou minha reação com a garota de pé perto de mim.

— Vamos descer. — Digo. Alcanço sua mochila e entrego a ela. Pego a câmera na cômoda. — Comeremos enquanto buscamos nossas coisas.

Ela caminha diante de mim, parando em cada imagem entre meu quarto e a parte inferior da escada. Em cada imagem que passamos, ela passa seu dedo sobre meu rosto, e somente no meu rosto. Observo silenciosamente enquanto tenta me compreender através das fotografias. Quero dizer para não perder seu tempo. Esse que parece nas imagens não sou eu.

Assim que chegamos à parte inferior da escada, nossos ouvidos são agredidos por um grito. Charlie para repentinamente e eu me choco nas suas costas. O grito pertence a uma mulher em pé na porta da cozinha.

Seus olhos estão amplos, passando de Charlie para mim, e de volta.

Ela pressiona seu coração, exalando em alívio.

Ela não está em nenhuma das fotografias. Ela é gorda e mais velha, talvez em seus sessenta anos. Ela está vestindo um avental que lê, *"eu coloquei aperitivos antes da refeição."*

Seu cabelo é puxado para trás, mas ela escova longe os fios soltos cinzentos quando ela sopra uma respiração calmante.

—Jesus, Silas! Você me matou de susto! — Ela se vira e vai para a cozinha. —Vocês dois, é melhor voltar para escola antes que seu pai descubra. Eu não estou mentindo por vocês.

Charlie ainda está congelada na minha frente, então eu coloco uma mão contra a parte inferior das costas e empurro-a para frente.

Ela olha para mim por cima do ombro. —Você sabe...

Eu balanço minha cabeça, cortando sua pergunta. Ela estava prestes a me perguntar se eu conheço a mulher na cozinha. A resposta é não. Eu não a conheço, não reconheço Charlie, eu não reconheço a família nas fotos.

O que eu reconheço é a câmera em minhas mãos. Eu olho para ela, querendo saber como eu consigo me lembrar de tudo o que há para saber sobre a operação desta câmera, mas eu não me lembro como eu aprendi qualquer uma dessas coisas. Eu sei como ajustar o ISO. Eu sei como ajustar a velocidade do obturador para dar uma cachoeira a aparência de um fluxo suave, ou fazer cada gota de água parada por conta própria. Esta câmera possui a capacidade de colocar o menor pormenor em foco, como a curva da mão de Charlie, ou os cílios que revestem seus olhos, enquanto todo o resto sobre ela se torna um borrão. Eu sei que eu de alguma forma conheço os prós e contras desta câmera melhor do que eu sei como a própria voz do meu irmãozinho deve soar.

Eu enrolo a fita em volta do meu pescoço e permito a câmera oscilar contra o meu peito enquanto eu sigo Charlie em direção à cozinha. Ela está andando com um propósito. Até agora, cheguei à conclusão de que tudo tem uma finalidade. Ela não desperdiça nada. Cada passo que ela toma parece ser planejado antes que ela o faça. Cada palavra que ela diz é necessária. Sempre que seus olhos pousam em alguma coisa, ela se concentra nela com todos seus sentidos, como se seus olhos só poderiam determinar como algo, gostos, cheiros, sons e sensação. E ela só olha para as coisas quando há uma razão para isso. Esqueça os pisos, as cortinas, as fotografias no corredor que não tem o meu rosto nelas. Ela não perde tempo em coisas que não são de uso para ela.

É por isso que eu a segui quando ela caminhou até a cozinha. Eu não tenho certeza do qual é o seu propósito certo agora. É... Ou para saber mais informações da governanta ou ela está em busca de comida.

Charlie reivindica um assento no bar enorme e puxa a cadeira ao lado dela e dá um tapinha sem olhar para mim. Eu tomo o assento e defino minha câmera para baixo na minha frente. Ela deixa cair sua mochila para o balcão e começa a descompactá-la. —Ezra, eu estou morrendo de fome. Tem alguma coisa para comer?

Meu corpo inteiro gira em direção ao de Charlie no banco, mas parece que meu estômago está em algum lugar do chão debaixo de mim. Como ela sabe o nome dela?

Charlie olha para mim com um movimento rápido de sua cabeça. —Calma, — ela sussurra. —Está escrito na direita. — Ela aponta para uma nota de compras em frente a nós. É um bloco rosa, personalizado, com gatinhos que revestem a parte inferior da página. Na parte superior do papel de carta personalizado lê: "*Ezra, as coisas exatas que miau precisa."*

A mulher fecha um armário e enfrenta Charlie. —Será que você abriu o apetite enquanto você estava lá em cima? Porque no caso de você não estar ciente, que servem almoço na escola, vocês deveriam ambos estar assistindo aulas agora.

—Você quer dizer miau certo, — eu digo sem pensar. Charlie respinga um riso, e então eu estou rindo também.

E parece que alguém finalmente deixa o ar para dentro do quarto. Ezra, menos divertida, revira os olhos. Faz eu me perguntar se eu costumava ser engraçado. Eu também sorri, porque o fato de que ela não parecia confusa com Charlie referindo-se a ela como Ezra significa que Charlie estava certa.

Eu chego mais perto e passo a mão ao longo da parte de trás do pescoço de Charlie. Ela se encolhe quando eu a toco, mas relaxa

quase imediatamente quando ela percebe que é parte de nosso ato. *Nós estamos apaixonados, Charlie. Lembre-se?*

—Charlie não estava se sentindo bem. Eu a trouxe aqui para que ela pudesse tirar um cochilo, mas ela não comeu hoje. — Eu volto minha atenção para Ezra e sorrio. —Você tem alguma coisa para fazer a minha garota se sentir melhor? Alguma sopa ou bolachas, talvez?

A expressão de Ezra suaviza quando ela vê o carinho que estou mostrando a Charlie. Ela pega uma toalha de mão e coloca por cima do ombro. —Eu vou te dizer, Char. Que tal eu fazer meu queijo grelhado especial? É o seu retorno favorito quando você vem para visitar.

Minha mão endurece contra o pescoço de Charlie. *Retorno quando você vem para visitar?* Nós dois nos olhamos, mais perguntas nublando nossos olhos. Charlie concorda. —Obrigada, Ezra, — diz ela.

Ezra fecha a porta da geladeira com o quadril e começa a colocar itens caindo em cima do balcão. Manteiga. Maionese. Pão. Queijo. Mais queijo. Queijo parmesão. Ela estabelece uma panela no fogão e acende a chama. —Eu vou fazer um para você também, Silas, — diz Ezra. —Você deve ter pegado qualquer que seja o bug que Charlie tem, porque você não tem falado comigo muito desde que você atingiu a puberdade. — Ela ri depois de seu comentário.

—Por que não falo com você?

Charlie cutuca minha perna e estreita os olhos. Eu não deveria ter perguntado isso.

Ezra desliza a faca na manteiga e recupera um pedaço da mesma. Ela a espalha através do pão. —Oh, você sabe, — diz ela, dando de ombros. —Os meninos crescem. Eles tornam-se homens. Governantas deixam de ser tia Ezra e retornam a ser apenas donas de casa. — Sua voz está triste agora.

Eu faço careta, porque eu não gosto de saber sobre esse lado de mim mesmo. Eu não quero que Charlie saiba sobre esse lado de mim.

Meus olhos caem para a câmera na minha frente. Eu a ligo. Charlie começa a vasculhar sua mochila, inspecionando item após item.

—Uh oh, — diz ela.

Ela está segurando um telefone. Eu me inclino por cima do ombro e olho para a tela com ela, assim como ela muda a campainha para a posição on. Há sete chamadas perdidas e ainda mais textos, tudo a partir de "mamãe".

Ela abre a última mensagem de texto, enviada apenas três minutos atrás.

Você tem três minutos para me ligar de volta.

Eu acho que eu não pensei sobre as ramificações de nós sairmos da escola. As ramificações dos pais, que nem me lembro. "Nós devemos ir", eu digo a ela.

Nós nos movemos ao mesmo tempo. Ela joga sua mochila por cima do ombro e eu pego a minha câmera.

—Espere, — diz Ezra. —O primeiro sanduíche está quase pronto. — Ela caminha até a geladeira e pega duas latas de Sprite. — Isso vai ajudar com seu estômago. — Ela me dá ambos os refrigerantes e, em seguida, envolve o queijo grelhado numa toalha de papel. Charlie já está esperando na porta da frente. Assim, quando eu estou prestes a ir embora, Ezra aperta meu pulso. Eu a encaro novamente, e seus olhos se movem de Charlie para mim. —É bom vê-la de volta aqui, — Ezra diz suavemente. —Eu estive preocupada como tudo entre ambos os seus pais poderia ter afetado vocês dois. Você amava essa menina desde antes que você pudesse andar.

Olho para ela, não sei como processar toda a informação que acabo de receber. —Antes que eu pudesse andar, né?

Ela sorri como se ela tivesse um dos meus segredos. Eu quero de volta.

—Silas, — diz Charlie.

Eu arremesso um sorriso rápido para Ezra e vou para Charlie. Assim que eu chego à porta da frente, o som estridente no seu telefone a assusta e cai de suas mãos, direto para o chão. Ela se ajoelha para buscá-lo. —É ela, — diz ela, de pé. —O que devo fazer?

Eu abro a porta e instigando-a fora por seu cotovelo. Uma vez que a porta está fechada, eu a enfrento novamente. O telefone está em seu toque. —Você deve responder.

Ela olha para o telefone, os dedos segurando firmemente em torno dele. Ela não responde, então eu chego para baixo e deslizo para a direita para responder. Ela enruga o nariz e me olha quando ela traz para sua orelha. —Olá? — Nós começamos a caminhar até o carro, mas eu ouço em silêncio as frases entrecortadas que vêm através de seu telefone: "Você sabe melhor," e "Ir à escola," e "Como você pôde?" As palavras continuam a sair do telefone, até que nós dois estamos sentados no meu carro com as portas fechadas. Eu ligo o carro e a voz da mulher cresce em silêncio por alguns segundos. De repente, a voz é estridente através dos alto falantes do meu carro. *Bluetooth. Lembro-me o que é Bluetooth.*

Eu coloco as bebidas e sanduíche no console central e começo a voltar para fora da garagem. Charlie ainda não teve a chance de responder à sua mãe, mas ela revira os olhos quando eu olho para ela.

—Mãe, — Charlie diz categoricamente, com a tentativa de interrompê-la. —Mãe, eu estou no meu caminho para casa. Silas está me levando para o meu carro.

Há um longo silêncio que se segue as palavras de Charlie, e de alguma forma a sua mãe é muito mais intimidante quando as palavras não estão sendo gritadas através do telefone. Quando ela começar a falar de novo, suas palavras saem lentas. —Por favor, me diga que você não permitiu a sua família a comprar-lhe um *carro.*

Nossos olhos se encontram e Charlie tem na boca a palavra, *merda*. —Eu... Não. Não, eu quis dizer que Silas está me levando para casa. Estarei lá em poucos minutos. — Charlie se atrapalha com o telefone nas mãos, tentando voltar ao botão que lhe permitirá terminar a chamada. Eu pressiono o botão de desconexão no volante e termino para ela.

Ela inala devagar, virando-se para sua janela. Quando ela exala, um pequeno círculo de nevoeiro aparece contra a janela perto de sua boca. —Silas? — Ela me encara e arqueia a sobrancelha. —Acho que minha mãe pode ser uma cadela.

Eu ri, mas não ofereço segurança. Concordo com ela.

Nós dois estamos em silêncio por vários quilômetros. Repito a minha breve conversa com Ezra mais e mais na minha cabeça. Eu sou incapaz de empurrar a cena da minha cabeça, e ela não é mesmo o meu pai. Eu não posso imaginar o que Charlie deve estar sentindo agora depois de falar com sua mãe real. Eu acho que nós dois tivemos a tranquilidade nas margens de nossas mentes que uma vez que entrássemos em contato com alguém tão próximo a nós, como nossos próprios pais, iriam acionar nossa memória. Eu posso dizer pela reação de Charlie que ela não reconheceu uma única coisa sobre a mulher que ela falou no telefone.

—Eu não tenho um carro, — diz ela em voz baixa. Olho para ela e ela está desenhando uma cruz com a ponta do dedo na janela embaçada. —Eu tenho dezessete. Eu me pergunto por que eu não tenho um carro.

Assim que ela menciona o carro, eu me lembro que eu ainda estou dirigindo na direção da escola, ao invés de onde eu preciso estar levando-a. —Por acaso você sabe onde você mora, Charlie?

Os olhos dela balançam para os meus, e em uma fração de segundo a confusão em seu rosto é superado pela clareza. É fascinante como facilmente posso ler suas expressões agora em comparação com o início desta manhã. Seus olhos são como dois livros abertos e de repente eu quero devorar cada página.

Ela puxa a carteira de sua mochila e lê o endereço de sua carteira de motorista. —Se você encostar podemos colocá-lo no GPS, — diz ela.

Eu aperto o botão de navegação. —Esses carros são feitos em Londres. Você não tem que parar para programar um endereço no GPS. — Eu começo a entrar em seu número da rua e eu a sinto me observando. Eu nem sequer tenho que ver seus olhos para saber que eles estão transbordando com desconfiança.

Eu balancei minha cabeça antes que ela mesma fizesse a pergunta. —Não, eu não sei como eu sabia disso.

Depois de inserir o endereço, eu viro o carro e começo a caminhar na direção de sua casa. Estamos há sete quilômetros de distância. Ela abre os dois refrigerantes e rasga o sanduíche pela metade, me entregando parte dele. Nós conduzimos seis milhas sem falar. Quero estender a mão e agarrar a mão dela para confortá-la. Eu quero dizer algo reconfortante para ela. Se isso fosse ontem, eu tenho certeza que eu teria feito isso sem pensar um segundo. Mas não é ontem. É hoje, e Charlie e eu somos completos estranhos hoje. Na sétima e última milha, ela fala, mas tudo o que ela diz é: —Isso foi realmente um bom queijo grelhado. Certifique-se de dizer a Ezra que eu disse isso.

Eu diminuo. Eu dirijo bem abaixo do limite de velocidade até chegar a sua rua, e então eu paro assim que eu viro para a estrada. Ela está olhando para fora da janela, tendo em vista cada casa. Elas são pequenas. Casas térreas, cada uma com uma garagem para um carro. Qualquer uma dessas casas poderia caber dentro da minha cozinha e ainda teríamos espaço para cozinhar uma refeição.

—Você quer que eu vá para dentro com você?

Ela balança a cabeça. —Você provavelmente não deveria. Não soa como se a minha mãe gostasse de você.

Ela está certa. Eu gostaria de saber ao que a mãe estava se referindo quando disse "*a família*". Eu gostaria de saber ao que Ezra estava se referindo quando ela mencionou nossos pais.

—Eu acho que é aquela, — diz ela, apontando para algumas casas para baixo. Eu deixo o gás e ando na direção. É de longe a mais bonita na rua, mas apenas porque o estaleiro foi recentemente cortado e a pintura, os caixilhos nas janelas, não estão descascando em pedaços.

Meu carro fica mais lento e, eventualmente, chega a uma parada em frente da casa. Nós dois olhamos para ela, calmamente tomando na grande separação entre a vida que vivemos. No entanto, não é nada como a separação. Sinto sabendo que estamos prestes a ter que separar-nos para o resto da noite. Ela tem sido um bom amortecedor entre mim e a realidade.

—Faça-me um favor, — eu digo a ela quando coloquei o carro no parque. —Procure meu nome em seu identificador de chamadas. Eu quero ver se eu tenho um telefone aqui.

Ela balança a cabeça e começa a percorrer seus contatos. Ela rola seu dedo na tela e traz seu telefone no ouvido, puxando seu lábio inferior com os dentes para esconder o que se parece com um sorriso.

Bem quando eu abro minha boca para lhe perguntar o que acabou de fazer seu sorriso, um som abafado vem do console. Eu abro e chego até eu encontrar o telefone. Quando eu olho para a tela, eu leio o contato.

Charlie baby.

Acho que isso responde a minha pergunta. Ela também deve ter um apelido para mim. Eu furto a resposta e trago o telefone para meu ouvido. —Hey, *Charlie baby.*

Ela ri, e vem para mim duas vezes. Vez através do meu telefone e novamente a partir do assento ao meu lado.

—Eu tenho medo que podemos ser um casal muito brega, *Silas baby*, — diz ela.

—Parece que somos. — Eu corro o teclado com meu polegar em torno do volante, esperando por ela para falar novamente.

Ela não faz. Ela ainda está olhando para a casa desconhecida.

—Chame-me assim que você tiver uma chance, ok?

—Eu vou, — diz ela.

—Você pode ter mantido um diário. Procure por qualquer coisa que possa nos ajudar.

—Eu vou, — diz ela novamente.

Nós dois estamos ainda segurando os nossos telefones em nossos ouvidos. Eu não tenho certeza se ela está hesitando em sair porque ela está com medo do que ela vai encontrar no interior ou porque ela não quer deixar a única outra pessoa que compreende sua situação.

—Você acha que vai contar a alguém? — Pergunto.

Ela puxa o telefone de seu ouvido, atravessando o botão final. —Eu não quero que ninguém pense que eu estou ficando louca.

—Você não está ficando louca, — eu digo. —Não se está acontecendo para nós dois.

Seus lábios primam em uma linha fina apertada. Ela está me dirigindo o aceno mais suave, como se ela fosse feita de vidro.

—Exatamente. Se eu estivesse passando por isso sozinha, seria fácil dizer que eu estou ficando louca. Mas eu não estou sozinha. Nós dois estamos enfrentando isso, o que significa que é algo completamente diferente. E isso me assusta, Silas.

Ela abre a porta e sai. Eu rolo a janela para baixo enquanto ela fecha a porta atrás dela. Ela cruza os braços sobre o parapeito da janela e força um sorriso enquanto gesticula por cima do ombro em direção a casa atrás dela. —Eu acho que é seguro dizer que eu não vou ter uma governanta para me cozinhar queijo grelhado.

Eu forço um sorriso em troca. —Você sabe o meu número. Basta ligar se precisar de mim para vir resgatá-la.

Seu sorriso falso é engolido por uma verdadeira carranca. — Como uma donzela em perigo. — Ela revira os olhos.

Ela chega pela janela e pega sua mochila. —Deseje-me sorte, *Silas baby.* — Seu carinho está cheio de sarcasmo, e eu meio que odeio.

5
Charlie

—Mãe? — Minha voz é fraca, um guincho. Eu limpo minha garganta. —Mãe? — Eu chamo de novo.

Ela vem cambaleando ao virar da esquina e eu imediatamente penso em um carro sem freios. Eu retiro de dois passos rentes à porta da frente.

—O que você estava fazendo com esse menino? — Ela sussurra.

Eu posso sentir o cheiro do licor em seu hálito.

—Eu... Ele me trouxe para casa da escola. — Eu enrugo meu nariz e respiro pela boca. Ela está no meu espaço pessoal. Eu chego atrás de mim e agarro a maçaneta da porta no caso de eu precisar fazer uma saída rápida. Eu estava esperando para sentir alguma coisa quando eu a vi. Ela era meu útero de incubação no útero e festa de aniversário lançador durante os últimos 17 anos. Eu meio que esperava uma onda de calor ou memórias, alguma familiaridade. Vacilei longe da estranha na minha frente.

—Você fugiu da escola. Você estava com aquele rapaz! Importa-se de explicar?

Ela cheira como se um bar apenas vomitou em cima dela. — Eu não me sinto como... Eu mesma. Pedi-lhe para me trazer para casa. — Eu me afasto um passo. —Por que você está bêbada no meio do dia?

Seus olhos ficam grandes por um minuto e eu acho que é uma possibilidade real de que ela poderia me bater. No último momento ela tropeça para trás e desliza para baixo na parede até que ela está

sentada no chão. Lágrimas invadem seus olhos e eu tenho que desviar o olhar.

Ok, eu não estava esperando isso.

Gritando eu posso lidar. Chorando me deixa nervosa. Especialmente quando é uma completa estranha e eu não sei o que dizer. Eu rastejo para ela, assim quando ela esconde o rosto entre as mãos e começa a soluçar duro.

Eu não tenho certeza se isso é normal para ela. Hesito, pairando certo onde termina o foyer e a sala de estar inicia. No final, eu a deixo com as suas lágrimas e decido encontrar o meu quarto. Eu não posso ajudá-la. Eu nem mesmo a conheço.

Eu quero me esconder até eu descobrir alguma coisa. Como quem diabos eu sou. A casa é menor do que eu pensava. Basta passar onde minha mãe está chorando no chão, há uma cozinha e uma pequena sala de estar. Parece curvado e ordenado, cheio ao máximo com móveis que não parece como se pertencesse. Coisas caras em uma casa não cara. Há três portas. A primeira está aberta. Espio e vejo uma colcha. Quarto dos meus pais? Eu sei que colcha xadrez não é minha. Eu gosto de flores. Eu abro a segunda das portas: um banheiro. O terceiro é outro quarto no lado esquerdo do corredor. Eu entro. Duas camas. Eu gemo. Eu tenho uma irmã.

Eu tranco a porta atrás de mim, e meus olhos giram em torno do espaço compartilhado. Tenho uma irmã. Pelo que parece as suas coisas, ela é mais jovem do que eu, pelo menos, alguns anos. Eu fico olhando para os cartazes da banda que adornam seu lado da sala com desgosto. Meu lado é mais simples: uma cama de solteiro com um cachecol roxo escuro e uma emoldurada impressão em preto e branco que está pendurada na parede sobre a cama. Eu imediatamente sei que é algo que Silas fotografou. Um portão quebrado que paira sobre suas dobradiças; vinha sufocando seu caminho através dos dentes metal enferrujado – não escuro como as gravuras em seu quarto, talvez mais

adequado para mim. Há uma pilha de livros sobre minha mesa de cabeceira. Pego um para ler o título quando meu telefone toca.

Silas: *—Você está bem?*

Eu: *—Eu acho que a minha mãe é alcoólatra e eu tenho uma irmã.*

Sua resposta vem de alguns segundos mais tarde.

Silas: *—Eu não sei o que dizer. Isso é tão estranho.*

Eu ri e defini meu telefone para baixo. Eu quero cavar em volta, ver se consigo encontrar algo suspeito. As minhas gavetas estão limpas. Devo ter TOC. Eu lanço em torno das meias e calcinhas para ver se eu posso me mijar.

Não há nada em minhas gavetas, nada na minha mesa de cabeceira. Acho uma caixa de preservativos recheados em uma bolsa debaixo da minha cama. Eu olho para uma revista, notas escritas por amigos – não há nada. Eu sou um ser humano estéril, chato, se não para que a impressão em cima da minha cama. A impressão que Silas deu a mim, não a que eu escolhi.

Minha mãe está na cozinha. Eu posso ouvi-la fungando e fazendo algo para comer. Ela está bêbada, eu acho. Talvez eu devesse fazer-lhe algumas perguntas e ela não vai se lembrar que eu perguntei.

—Hey, er... Mãe, — eu digo, chegando para ficar perto dela. Ela faz uma pausa em sua tomada de brinde para olhar para mim com olhos turvos.

—Então, eu estava sendo estranha na noite passada?

—Ontem à noite? — Ela repete.

—Sim, — eu digo. —Você sabe... Quando cheguei em casa.

Ela raspa a faca sobre o pão até que seja untada com manteiga.

—Você estava suja, — ela insulta. —Eu lhe disse para tomar um banho.

Eu acho que parte da sujeira foi deixada na cama de Silas. Isso significa que nós, provavelmente, estávamos juntos.

—Que horas eu cheguei em casa? Meu telefone estava morto, — eu minto.

Ela estreita os olhos. —Por volta das dez horas.

—Eu disse alguma coisa... Incomum?

Ela se vira e caminha até a pia onde ela morde sua torrada e olha para o ralo.

—Mãe! Presta atenção. Eu preciso de você para me responder.

Porque isto é familiar? Eu implorando, ela ignorando.

—Não, — ela diz simplesmente. Então eu tenho um pensamento: minhas roupas de ontem à noite. Fora da cozinha existe um pequeno armário com uma máquina de lavar e secar roupas empilhadas dentro dela. Eu abro a tampa para a máquina de lavar e vejo um pequeno monte de roupas molhadas na parte inferior. Eu as puxo para fora. Elas são definitivamente o meu tamanho. Eu devo ter jogado na última noite aqui, tentei lavar as provas. Evidência de que? Eu ergo os bolsos das calças de brim abrindo com meus dedos e checando dentro. Há um chumaço de papel, aglutinados em uma espessa, bagunça úmida. Eu deixo cair às calças de brim e levo o maço de volta para o meu quarto. Se eu tentar desdobrá-lo, ele pode desmoronar. Eu decido colocá-lo no parapeito da janela e esperar para ele secar.

Eu mando uma mensagem para Silas.

Eu: *—Onde você está?*

Eu espero alguns minutos e quando ele não manda nenhum texto de volta, eu tento de novo.

Eu: *—Silas!*

Gostaria de saber se eu sempre faço isso; assediá-lo até que ele responda.

Eu envio mais de cinco e, em seguida, eu lanço meu telefone através do quarto, enterrando meu rosto Charlie Wynwood em um travesseiro para chorar. Charlie Wynwood provavelmente nunca chorou. Ela não tem personalidade a partir da aparência do quarto de dormir. Sua mãe é alcoólatra e sua irmã escuta música de baixa qualidade. E como eu sei que o pôster acima da cama da minha irmã compara o amor a uma lança e uma salva de palmas, mas eu não me lembro de ter dito o nome da minha irmã? Ando para o seu lado do pequeno quarto e remexo em suas coisas.

—Ding, ding, ding! — Eu digo, puxando um diário rosa debaixo de seu travesseiro.

Eu sossego em sua cama e abro.

Propriedade de Janette Elise Wynwood.

NÃO LEIA!

Eu ignoro o aviso e sua primeira página de entrada, intitulada:

Charlie é uma merda.

Minha irmã é a pior pessoa no planeta. Espero que ela morra.

Eu fecho o livro e coloco de volta debaixo do travesseiro.

—Isso foi bem.

Minha família me odeia. Que tipo de pessoa é você quando sua própria família te odeia? Do outro lado do quarto meu telefone me diz que eu tenho um texto. Eu salto para cima, pensando que é Silas, de repente me sentindo aliviada.

Há dois textos. Um deles é da Amy.

Onde está você?!!

E o outro é de um cara chamado Brian.

Hey, perdeu hoje. Queria dizer a ele?

Ele quem? E dizer a ele o que?

Eu defino o meu telefone para baixo, sem responder a nenhuma delas. Eu decidi dar ao diário outra tentativa, ignorando todo o caminho para a última entrada de Janette, que foi ontem à noite.

Título: eu poderia precisar das chaves, mas estamos muito quebrados. Charlie tinha as chaves.

Eu corro minha língua sobre os dentes. Yup, parece bastante simples.

Seus dentes estão todos em linha reta e perfeito e eu vou ter um dente quebrado para sempre. Mamãe disse que ela iria ver sobre financiamento, mas desde que aconteceu com a companhia do pai; nós não temos dinheiro para as coisas normais. Odeio levar lanche para a escola. Eu me sinto como uma criançinha!

Ignoro um parágrafo no qual ela detalha seu amigo, Payton do último período. Ela está reclamando sobre sua falta da menstruação, quando é perturbada por sinceramente.

Eu tenho que ir. Charlie só chegou em casa e ela está chorando. Ela quase nunca chora. Espero que Silas termine com ela — lhe serviria bem.

Então, eu estava chorando quando cheguei em casa ontem à noite? Vou até a janela, onde o papel do meu bolso está um pouco seco. Alisando-o com cuidado, eu o coloco em cima da mesa da minha irmã. Parte da tinta lavou, mas parece que é um recibo. Eu mando um texto para Silas.

Eu: *—Silas, eu preciso de uma carona.*

Eu espero novamente, irritada com o atraso na resposta. Estou impaciente, eu acho.

Eu: *—Tem um cara chamado Brian que está me enviando mensagens de texto. Ele é muito sedutor. Posso pedir-lhe uma carona se você está ocupado...*

Meu telefone toca um segundo depois.

Silas: *—Claro que não. OMW!*

Eu sorrio.

Eu não deve ser um problema escorregar para fora da casa desde que minha mãe desmaiou no sofá. Eu vou vê-la por um momento, estudando seu rosto adormecido, tentando desesperadamente me lembrar dela. Ela se parece com Charlie, só que mais velha. Antes de botar a cabeça para fora para esperar por Silas, eu a cubro com um cobertor e pego um par de refrigerantes da geladeira escassa.

—Vejo você, mãe, — eu digo em voz baixa.

6
Silas

Eu não posso dizer se eu vou voltar para ela, porque eu me sinto protetor sobre ela ou possessivo com ela. De qualquer jeito, eu não gosto da idéia dela chegar à outra pessoa. Isso me faz pensar quem é esse cara Brian, e porque ele acha que está tudo bem em enviar seus textos sedutores quando Charlie e eu estamos obviamente juntos.

Minha mão esquerda ainda está segurando meu telefone quando ele toca novamente. Não há nenhum número na tela. Só a palavra — irmão. — Eu deslizo o dedo sobre ele e atendo o telefone.

—Olá?

—Onde diabos você está?

É a voz de um cara. Uma voz que soa muito parecida com a minha. Eu olho para a esquerda e direita, mas nada é familiar sobre a interseção que estou de passagem. —Estou no meu carro.

Ele geme. —Não, merda. Você continua faltando ao treino, você vai ser chutado.

O Silas de ontem provavelmente estaria chateado com isso. O Silas de hoje está aliviado. —Que dia é hoje?

—Quarta Feira. Dia antes de amanhã, dia após ontem. Vem me pegar, o treino acabou.

Por que ele não tem o seu próprio carro? Eu não lembro mesmo do garoto e ele já se parece como um inconveniente. Ele é definitivamente o meu irmão.

—Eu tenho que pegar Charlie primeiro, — digo a ele.

Há uma pausa. —Na casa dela?

—Pois é.

Outra pausa. —Você tem um desejo de morte?

Eu realmente odeio não saber o que todo mundo parece saber. Por que não eu estou permitido a ir à casa de Charlie?

—Seja como for, só se apresse, — diz ele, mesmo antes de desligar.



Ela está em pé na rua quando eu viro a esquina. Ela está olhando para a casa dela. Suas mãos estão descansando suavemente em seus lados, e ela está segurando dois refrigerantes. Um em cada mão. Ela está segurando-os como armas, como se ela quisesse jogá-los na casa em frente a ela na esperança de que eles fossem realmente granadas. Diminuo a velocidade do carro e paro a vários metros dela.

Ela não está usando as mesmas roupas que usava antes. Ela está usando uma saia longa, preta que cobre seus pés. Um lenço preto está enrolado em volta do pescoço, caindo por cima do ombro. Sua camisa é de manga longa, mas ela ainda parece com frio. Uma rajada de vento sopra e a saia e lenço movimentam com ele, mas ela permanece inalterada. Ela nem sequer pisca. Ela está perdida em pensamentos.

Eu estou perdido nela.

Quando eu coloquei o carro na calçada, ela vira a cabeça, olha para mim e, em seguida, lança imediatamente os olhos para o chão. Ela caminha em direção a porta do passageiro e sobe para dentro. Seu silêncio parece estar implorando para o meu silêncio, então eu não digo nada enquanto nos dirigimos para a escola. Depois de um par de quilômetros, ela relaxa contra o banco e adereça uma de suas botas contra o traço. —Aonde nós vamos?

—Meu irmão me chamou. Ele precisa de uma carona.

Ela balança a cabeça.

—Aparentemente, eu estou em apuros por não aparecer hoje na prática do futebol. — Tenho certeza que ela pode dizer pelo tom de indiferença da minha voz que eu não estou muito preocupado com a falta de prática. O futebol não está realmente na minha lista de prioridades no momento, então ser chutado é, provavelmente, o melhor resultado para todos.

—Você joga futebol, — diz ela, de fato. —Eu não faço nada. Eu sou chata, Silas. Meu quarto é uma coisa chata. Eu não mantenho um diário. Eu não faço nada. A única coisa que eu tenho é uma imagem de um portão, e eu nem sequer tirei a foto. Você fez. Tudo que eu tenho com qualquer personalidade no meu quarto todo é algo que você me deu.

—Como você sabe que a imagem é minha?

Ela encolhe os ombros e puxa a saia esticada sobre os joelhos. —Você tem um estilo único. Como uma espécie de impressão digital. Eu poderia dizer que era sua, porque você só tira fotos de coisas que as pessoas estão com muito medo de olhar na vida real.

Ela não gosta de minhas fotografias, eu acho.

—Então... — Eu pergunto, olhando para frente. —Quem é esse cara Brian?

Ela pega o telefone dela e abre seus textos. Eu estou tentando olhar por cima para ele, sabendo que eu estou muito longe de lê-los, mas eu faço o esforço, de qualquer maneira. Eu noto que ela se inclina para o telefone dela ligeiramente para a direita, protegendo-o de meu ponto de vista. —Eu não tenho certeza, — diz ela. —Eu tentei rolar para trás e ver se eu conseguia descobrir qualquer coisa a partir dos textos,

mas as nossas mensagens estão confusas. Eu não posso dizer se eu estava saindo com ele ou você.

Minha boca está seca novamente. Eu tomo uma das bebidas que ela trouxe com ela e estalo o início da mesma. Eu tomo um longo gole e coloco de volta no porta-copo. —Talvez você estivesse brincando com nós dois. — Há um afiar na minha voz. Eu tento amaciá-la. —O que os seus textos a partir de hoje dizem?

Ela bloqueia o telefone e coloca-o de bruços no colo, quase como se ela tivesse vergonha de olhar para ele. Ela não me respondeu. Eu posso sentir meu rubor no pescoço, e eu reconheço o calor do ciúme rastejando através de mim como um vírus. Eu não gosto disso.

—Mande um texto de volta, — eu digo a ela. —Diga a ele que você não quer que ele te mande mensagens e que você quer resolver isso comigo.

Ela corta os olhos em minha direção. —Nós não sabemos a nossa situação, — diz ela. —E se eu não gostasse de você? E se nós dois estávamos prontos para romper?

Eu olho para trás na estrada e môo os dentes juntos. —Eu só acho que é melhor se ficarmos juntos até nós descobrirmos o que aconteceu. Você nem sabe quem esse cara Brian é.

—Eu não sei quem é você, qualquer um, — ela morde de volta.

Eu puxo no estacionamento da escola. Ela está me observando de perto, esperando minha resposta. Eu sinto como se eu estivesse sendo traído.

Eu estaciono o carro e o desligo. Eu aperto o volante com a mão direita e meu queixo com a minha mão esquerda. Eu aperto ambos. —Como podemos fazer isso?

—Você pode ser um pouco mais específico? — Diz ela.

Eu balanço a minha cabeça um pouco. Eu não sei se ela está mesmo olhando para me notar. —Eu não posso ser específico, porque eu estou me referindo a tudo. Para nós, nossas famílias, nossas vidas. Como é que vamos descobrir isso, Charlie? E como é que vamos fazê-lo sem descobrir coisas sobre o outro que está indo nos chatear?

Antes que ela possa me responder, alguém sai de uma porta e começa a caminhar em nossa direção. Ele se parece comigo, mas mais jovem. Talvez um estudante de segundo ano. Ele não é tão grande quanto eu ainda, mas a partir da aparência dele, ele provavelmente vai me passar em tamanho.

—Isso deve ser divertido, — diz ela, vendo o meu irmão mais novo se aproximar do carro. Ele caminha direto para o lado do passageiro para trás e abre a porta. Ele joga uma mochila, um par extra de sapatos, um saco de ginásio, e, finalmente, ele próprio.

A porta bate.

Ele pega o telefone e começa a percorrer seus textos. Ele está respirando pesadamente. Seu cabelo está suado e emaranhado na sua testa. Temos o mesmo cabelo. Quando ele olha para mim, eu vejo que nós também temos os mesmos olhos.

—Qual é o seu problema? — Pergunta ele.

Eu não respondo a ele. Eu volto ao redor no meu lugar e olho para Charlie. Ela tem um sorriso no seu rosto e ela está trocando mensagens com alguém. Eu quase quero pegar o telefone dela e ver se ela está trocando com Brian, mas o meu telefone vibra de seu texto assim que ela atinge enviar.

Charlie: Você sabe mesmo o nome de seu irmão mais novo?

Eu não tenho absolutamente nenhuma idéia de qual é o nome do meu próprio irmão mais novo.

—Merda, — eu digo.

Ela ri, mas seu riso é interrompido quando ela vê algo no estacionamento. Meu olhar segue o dela e pousa em um cara. Ele está perseguindo em direção ao carro, olhando duro para Charlie.

Eu o reconheço. Ele é o cara do banheiro esta manhã. Aquele que tentou me provocar.

—Deixe-me adivinhar, — eu digo. —Brian?

Ele caminha direto para a porta do passageiro e abre. Ele dá um passo para trás e rouba o dedo para Charlie.

Ele me ignora completamente, mas ele está prestes a conhecer-me muito bem, se ele acha que pode convocar Charlie desta forma.

—Nós precisamos conversar, — diz ele, suas palavras cortadas.

Charlie coloca a mão na porta para encontrá-la fechada. — Desculpe, — diz ela. —Nós estávamos prestes a sair. Eu vou falar com você amanhã.

Descrença registra em seu rosto, mas o mesmo acontece com uma boa dose de raiva. Assim que eu vejo-o agarrá-la pelo braço e puxá-la em direção a ele, eu estou fora do veículo e contornando a frente do meu carro. Eu estou movendo-me tão rápido, eu deslizo sobre o cascalho e tenho que agarrar o capô do carro para impedir-me de cair. Suave. Eu corro até a porta do passageiro, preparado para pegar o filho da puta por sua garganta, mas ele está curvado, gemendo.

Sua mão está cobrindo seus olhos. Ele se endireita e encara Charlie através de seu olho bom.

—Eu lhe disse para não me tocar, — Charlie diz entre dentes. Ela está em pé ao lado de sua porta, a mão ainda fechada em um punho.

—Você não quer que eu toque em você? — Diz ele com um sorriso. —Essa é a primeira vez.

Assim quando eu começo a estocada em direção a ele, Charlie enfia a mão no meu peito. Ela me dispara um olhar de aviso, dando-lhe a cabeça o menor balanço. Eu forço uma respiração profunda, calmante e passo para trás.

Charlie foca sua atenção de volta para Brian. —Isso foi ontem, Brian. Hoje é um novo dia e eu estou saindo com Silas. Entendeu? — Ela se vira e sobe de volta para o banco do passageiro. Espero até a sua porta estar fechada e trancada antes de começar a caminhar de volta para o lado do motorista.

—Ela está te traindo — Brian grita atrás de mim.

Eu paro nas minhas faixas.

Eu lentamente viro e o encaro. Ele está de pé agora, e do olhar de sua postura, ele está me esperando para acertá-lo. Quando eu não faço isso, ele continua a me provocar.

—Comigo, — acrescenta. —Mais do que uma vez. Está em curso há mais de dois meses.

Eu fico olhando para ele, tentando manter a calma do lado de fora, mas internamente, minhas mãos estão em volta da sua garganta, apertando a última gota de oxigênio dos pulmões.

Eu olho para Charlie. Ela está me implorando com os olhos para não fazer nada estúpido. Eu me viro para encará-lo e de alguma forma, eu sorrio. —Isso é bom, Brian. Você quer um troféu?

Eu gostaria de poder engarrafar a expressão em seu rosto e liberá-la a qualquer momento que eu precisar de uma boa risada.

Uma vez que eu estou de volta dentro do carro, eu puxo para fora do parque de estacionamento de forma mais dramática do que eu provavelmente deveria.

Quando estamos de volta na estrada, indo em direção a minha casa, eu finalmente encontro em mim para olhar para Charlie. Ela está olhando de volta para mim. Nós mantemos nossos olhos fechados por alguns segundos, avaliando a reação um do outro.

Logo antes de eu ser forçado a olhar para trás, à estrada em frente de mim, eu vejo seu sorriso.

Nós dois começamos a rir. Ela relaxa contra seu assento e diz: —Eu não posso acreditar que eu estava te traindo com aquele cara. Você deve ter feito algo que realmente me deixou puta.

Eu sorrio para ela. —Nada menos do que assassinato devia ter feito você me enganar com esse cara.

A garganta limpa no banco de trás, e eu imediatamente olho no espelho retrovisor. Eu esqueci tudo sobre o meu irmão. Ele se inclina para frente até que ele está posicionado entre os assentos dianteiros e meio. Ele olha para Charlie, e depois para mim.

—Deixe-me ver se entendi, — diz ele. —Vocês dois estão rindo sobre isso?

Charlie olha para mim com o canto do olho. Nós dois paramos de rir e Charlie limpa a garganta. —Há quanto tempo nós estivamos juntos agora, Silas? — Ela pergunta.

Eu pretendo contar com meus dedos quando meu irmão fala. —Quatro anos, — ele exclama. —Jesus, o que deu em vocês dois?

Charlie se inclina para frente e fecha os olhos comigo. Eu sei exatamente o que ela está pensando.

—Quatro anos? — Murmuro.

—Uau, — diz Charlie. —Há muito tempo.

Meu irmão balança a cabeça e cai de volta contra o seu assento. —Vocês dois são piores do que um episódio de Jerry Springer.

Jerry Springer é um apresentador de talk show. Como eu sei disso? Gostaria de saber se Charlie se lembra disso.

—Você se lembra de Jerry Springer? — Eu pergunto.

Seus lábios estão apertados, apertados na contemplação. Ela balança a cabeça e vira-se para a janela do passageiro.

Nada disso faz sentido. Como podemos lembrar celebridades? As pessoas que nunca conhecemos? Como é que eu sei que Kanye West se casou com uma Kardashian? Como eu sei que Robin Williams morreu?

Lembro-me de todos que eu nunca conheci, mas eu não consigo me lembrar da garota que eu estive apaixonado ao longo de quatro anos? Intranquilidade assume dentro de mim, bombeando em minhas veias, até que se instala no meu coração. Eu passo os próximos poucos quilômetros silenciosamente nomeando todos os nomes e rostos de pessoas que me lembro.

Presidentes. Atores. Políticos. Músicos. Estrelas de reality.

Mas eu não posso parar a vida e me lembrar o nome do meu irmão mais novo, que está saindo do banco traseiro agora. Eu vejo como ele faz o seu caminho dentro da nossa casa. Eu continuo a assistir a porta, muito tempo depois que ele fecha atrás dele. Eu estou olhando para a minha casa apenas como Charlie estava olhando para a dela.

—Você está bem? — Charlie pergunta.

É como se o som de sua voz fosse a sucção, me puxando para fora da minha cabeça a uma velocidade vertiginosa e me empurrando de volta para o momento. O momento em que eu imagino Charlie e

Brian, e as palavras que ele disse que eu tinha que fingir que não me afetou em tudo. —*Ela está te traindo.*

Eu fecho meus olhos e inclino minha cabeça contra o encosto de cabeça. —Por que você acha que isso aconteceu?

—Você realmente precisa aprender a ser mais específico, Silas.

—Tudo bem, — eu respondo, levantando a cabeça e olhando diretamente para ela. —Brian. Por que você acha que você dormiu com ele?

Ela suspira. —Você não pode estar com raiva de mim por isso.

Eu inclino minha cabeça e olho para ela sem acreditar. —Nós estivemos juntos por quatro anos, Charlie. Você não pode me culpar por estar chateado.

Ela balança a cabeça. —Eles ficaram juntos por quatro anos. Charlie e Silas. Não nós dois, — ela diz. —Além disso, quem vai dizer que você era um anjo? Você já olhou através de todos os seus próprios textos?

Eu balancei minha cabeça. —Eu tenho medo de ver agora. E não faça isso.

—Não fazer o quê?

—Não se refira a nós na terceira pessoa. Você é ela. E eu sou ele. Mesmo que nós gostamos de quem éramos ou não.

Assim que eu começo a puxar para fora da garagem, o telefone de Charlie toca.

—Minha irmã, — diz ela antes que ela responda com um Olá. Ela ouve em silêncio por alguns segundos, me olhando o tempo todo. — Ela estava bêbada quando cheguei em casa. Eu estarei lá em poucos minutos. — Ela termina a ligação. —Volte para a escola, — diz ela. —

Minha mãe alcoólatra deveria pegar a minha irmã depois da sua prática de natação. Parece que estamos prestes a conhecer outro irmão.

Eu ri. —Eu me sinto como se eu fosse um motorista em minha vida passada.

A expressão de Charlie aperta. —Eu vou parar de me referir a nós na terceira pessoa se você parar de se referir como em uma vida passada. Nós não morremos Silas. Nós apenas não nos lembramos de nada.

—Podemos lembrar algumas coisas, — esclareço.

Eu começo a dirigir de volta na direção da escola. Pelo menos eu vou saber meu caminho de volta com todo esse vai e volta.

—Houve essa família no Texas, — diz ela. —Eles tinham um papagaio, mas ele desapareceu. Quatro anos mais tarde, ele voltou falando uma língua azul espanhol. — Ela ri. —Por que eu me lembro dessa história sem sentido, mas não me lembro o que eu fiz 12 horas atrás?

Eu não respondo, porque sua pergunta é retórica, ao contrário de todas as perguntas na minha cabeça.

Quando puxo novamente até a escola, uma menina a cara de Charlie está ao lado da entrada com as mãos cruzadas sobre o peito, com força. Ela sobe no banco de trás e se senta no mesmo lugar onde o meu irmão estava sentado.

—Como foi seu dia? — Charlie pergunta a ela.

—Cale a boca, — diz a irmã.

—Mau, presumo?

—Cale a boca, — diz ela novamente.

Charlie olha para mim com os olhos arregalados, mas com um sorriso malicioso no rosto.

—Você estava esperando há muito tempo?

—Cale a boca — diz a irmã novamente.

Percebo agora que Charlie esta apenas instigando a irmã. Eu sorrio quando ela se mantém no que faz.

—Mamãe estava muito perdida quando cheguei em casa hoje.

—O que há de novo? — Diz a irmã.

Pelo menos ela não disse cale-se neste momento.

Charlie dispara mais algumas perguntas, mas sua irmã a ignora completamente, dando toda a atenção para o telefone em suas mãos. Quando chegamos à entrada da casa de Charlie, sua irmã começa a abrir a porta antes que o carro possa dar uma parada.

—Diga à mãe que eu vou me atrasar, — Charlie diz para sua irmã antes que ela saia do carro. —E quando você acha que o pai vai estar em casa?

Sua irmã faz uma pausa. Ela olha para Charlie com desprezo. —Entre dez a quinze anos, de acordo com o juiz. — Ela bate a porta.

Eu não estava esperando isso, e, aparentemente, Charlie também não estava. Ela gira lentamente em torno de seu assento até que ela está virada para frente novamente. Ela inala uma respiração lenta e cuidadosamente a libera. —Minha irmã me odeia. Eu vivo em um lixão. Minha mãe é alcoólatra. Meu pai está na prisão. Eu o traí. — Ela olha para mim. —Por que diabos você está mesmo namorando comigo?

Se eu a conhecesse melhor, eu poderia abraçá-la. Segurar sua mão. Qualquer coisa. Não sei o que fazer. Não há nenhum protocolo

sobre a forma de consolar a sua namorada de quatro anos que você acabou de conhecer esta manhã.

—Bem, de acordo com Ezra, Eu te amei desde antes de eu poder andar. Eu acho que é difícil deixar ir.

Ela ri baixinho. —Você deve ter alguma lealdade feroz, porque eu mesma estou começando a me odiar.

Quero estender a mão e tocar seu rosto. Trazer o seu olhar para mim. Eu não faço, apesar de tudo. Eu coloquei o carro em reverso e mantenho minhas mãos para mim. —Talvez haja muito mais em você do que apenas a sua situação financeira e do que sua família é.

—Sim, — ela diz. Ela olha para mim e a decepção é momentaneamente substituída por um breve um sorriso. —Talvez.

Eu sorrio com ela, mas nós dois olhamos para fora de nossas respectivas janelas para escondê-lo. Uma vez que estamos na estrada novamente, Charlie chega para o rádio. Ela percorre as várias estações, estabelecendo-se em uma que nós começamos imediatamente cantar. Assim que a primeira linha de letras sai de nossas bocas, nós dois imediatamente viramos e encaramos um ao outro.

—Letras, — ela diz baixinho. —Lembramo-nos de letras de músicas.

Nada se somando. Neste momento, minha mente está tão exausta que eu nem sinto vontade de tentar descobrir isso no momento. Eu só quero uma pausa e a música proporciona. Aparentemente, para ela também, porque ela senta-se calmamente ao meu lado durante a maior parte do caminho. Depois que vários minutos passam, eu posso sentir seu olhar sobre mim.

—Eu odeio que eu te traí. — Ela imediatamente aumenta o volume no rádio e se instala contra seu assento. Ela não quer uma resposta de mim, mas eu gostaria de dizer-lhe que estava tudo bem.

Que eu a perdôo. Porque a garota sentada ao meu lado neste momento, não parece ser a garota que anteriormente me traiu.

Ela nunca pergunta para onde estamos indo. Eu nem sei para onde estamos indo. Acabei dirigindo, porque a condução parece ser a única coisa que faz a minha mente se aquietar. Eu não tenho nenhuma idéia de quanto tempo nós dirigimos, mas o sol finalmente está se pondo quando eu decido dar a volta e voltar. Nós dois estamos perdidos em nossas cabeças o todo tempo, o que é irônico para duas pessoas que não têm memórias.

—Precisamos passar por nossos telefones, — eu digo a ela. É a primeira coisa falada entre nós em mais uma hora. —Verificar velhas mensagens de texto, e-mails, correio de voz. Nós podemos encontrar algo que poderia explicar isso.

Ela puxa o telefone dela para fora. —Eu tentei isso antes, mas eu não tenho um telefone extravagante como o seu. Eu só tenho mensagens, mas eu quase não tenho nenhuma.

Eu puxo o carro em um posto de gasolina e estaciono fora, para o lado onde é mais escuro. Eu não sei por que eu me sinto como se nós precisássemos de privacidade para fazer isso. Eu só não quero ninguém se aproximando, se eles nos reconhecem, porque as chances são muitas, e nós não vamos conhecê-los em troca.

Eu desligo o carro e ambos começamos a rolagem através dos nossos telefones. Eu começo com mensagens de texto entre nós dois em primeiro lugar. Eu percorro várias, mas todas eles são curtas e direto ao ponto. Horários, lugares para nos encontrar. *Eu te amo e sinto falta de você.* Nada revelador, nada sobre o nosso relacionamento.

Com base nas minhas chamadas, nós falamos por pelo menos uma hora quase todas as noites. Eu passo por todas as chamadas armazenadas no meu telefone, que vale bem mais de duas semanas.

—Nós conversamos ao telefone por pelo menos uma hora todas as noites, — eu digo a ela.

—Sério? — Diz ela, genuinamente chocada. —O que no mundo nós poderemos ter falando por uma hora toda a noite?

Eu sorrio. —Talvez nós realmente não falássemos muito.

Ela balança a cabeça com uma risada silenciosa. —Por que suas piadas sexuais não me surpreendem, embora eu não me lembre absolutamente nada sobre você?

Seu meio-riso se transforma em um gemido. —Oh, Deus, — diz ela, inclinando seu telefone para mim. —Veja isto.

Ela percorre o rolo da câmera com o dedo de seu telefone. — Selfies. Nada, além de selfies, Silas. Eu até tirei selfies no banheiro. — Ela sai de seu aplicativo da câmera. —Mate-me agora.

Eu rio e abro a câmera em meu próprio telefone. A primeira foto é de nós dois. Estamos de pé em frente de um lago, tendo um selfie, naturalmente. Eu mostro a ela e ela geme ainda mais alto, deixando cair a cabeça dramaticamente contra o encosto. —Estou começando a não gostar de quem somos, Silas. Você é um garoto rico que é um idiota para sua governanta. Eu sou uma adolescente média com absolutamente nenhuma personalidade que faz selfies para se sentir importante.

—Tenho certeza de que não somos tão ruins quanto nós parecemos. Pelo menos nós parecemos gostar um do outro.

Ela ri baixinho. —Eu estava te traindo. Aparentemente, não éramos tão felizes.

Eu abro o e-mail no meu celular e encontro um arquivo de vídeo rotulado, —Não apague. — Eu clico sobre ele.

—Veja isto. — Eu levanto o braço e o levo mais perto dela para que ela possa ver o vídeo. Dirijo-me para o carro para que o som estéreo possa ser ouvido através de Bluetooth. Ela levanta a apoio de braço e chega mais perto para obter um melhor olhar.

Eu clico no *play*. Minha voz vem através dos alto-falantes do meu carro, tornando-se evidente que eu sou o único segurando a câmera no vídeo. É escuro, e parece que eu estou do lado de fora.

—*É oficialmente o nosso aniversário de dois anos*. — Minha voz é abafada, como se eu não quisesse ser pego fazendo seja lá o que é que eu estou fazendo. Dirijo-me a câmera em mim mesmo e à luz do gravador está ligada, iluminando meu rosto. Eu pareço mais jovem, talvez por um ano ou dois. Eu estou supondo que eu tinha dezesseis anos com base no fato de que eu só disse que era o nosso aniversário de dois anos. Eu pareço como se eu estou apontando para uma janela.

—*Estou prestes a acordar você para dizer-lhe feliz aniversário, mas é quase uma hora da manhã em uma noite de escola, então eu estou fazendo este filme no caso de seus pais me assassinarem.*

Eu ligo a câmera de volta e a dirijo em direção a uma janela. A câmera fica escura, mas podemos ouvir a janela que está sendo levantada e o som de mim me esforçando para subir para dentro. Uma vez que eu estou dentro do quarto, eu coloco a câmera na direção da cama de Charlie. Há um caroço debaixo das cobertas, mas ela não se move. Eu direciono a câmara em volta do resto do quarto. A primeira coisa que noto é que, o quarto que é filmado pela câmera, não parece um quarto na casa que Charlie vive agora.

—Esse não é o meu quarto, — diz Charlie, olhando mais de perto o vídeo tocando no meu telefone. —O meu quarto agora não é nem a metade desse tamanho. E eu compartilho com a minha irmãzinha.

O quarto do vídeo definitivamente não se parece com um quarto compartilhado, mas não dá para ter uma olhada boa o

suficiente, porque a câmera aponta de volta para a cama. O caroço debaixo das cobertas se move a partir do ângulo da câmera, parece que eu estou engatinhando sobre a cama.

—*Charlie baby*, — eu sussurro para ela. Ela puxa as cobertas sobre a cabeça, mas protege os olhos da luz da câmara.

—*Silas?* — Ela sussurra. A câmera ainda está apontada para ela a partir de um ângulo estranho, como se eu esquecesse que estava ainda segurando-a. Há sons de beijo. Eu devo estar beijando-a em seu braço ou pescoço.

Apenas o som sozinho dos meus lábios tocando sua pele é motivo suficiente para desligar o vídeo. Parece estranho fazer isso com Charlie, mas ela está focada no meu telefone com tanta intensidade como eu estou. E não por causa do que está acontecendo entre nós no vídeo, mas porque não me lembro dela. Sou eu... É ela... Nós juntos. Mas eu não me lembro de uma única coisa sobre esse encontro, por isso parece como se estivéssemos olhando dois completos estranhos compartilhando um momento íntimo.

Eu me sinto como um voyeur.

—*Feliz aniversário,* — eu sussurro para ela. A câmera se afasta e parece que eu a movo para o travesseiro ao lado de sua cabeça. A única visão que temos agora é o perfil do rosto de Charlie enquanto a cabeça repousa contra seu travesseiro.

Não é a melhor vista, mas é o suficiente para ver que ela parece exatamente a mesma. Seu cabelo escuro está por todo o travesseiro. Ela está olhando para cima e eu assumo que estou pairando sobre ela, mas eu não consigo me ver no vídeo. Acabei de ver sua boca enquanto ela se enrola em um sorriso.

—*Você é tão rebelde*, — ela sussurra. —*Eu não posso acreditar que você se esgueirou para me dizer isso.*

—Eu não me esgueirei para dizer-lhe isso, — eu sussurro baixinho. *—Entrei para fazer isso.*

Meu rosto finalmente aparece no vídeo, e os meus lábios suavemente descansam contra a dela.

Charlie muda em seu assento ao meu lado. Eu engulo o caroço na minha garganta. De repente eu desejo que eu estivesse sozinho agora, vendo isso. Eu estaria repetindo esse beijo mais e mais e mais.

Meus nervos estão apertados, e eu percebo que é porque eu estou com ciúmes do cara no vídeo, o que torna absolutamente nenhum sentido. Parece que eu estou assistindo a um completo estranho fazer isso com ela, mesmo que seja eu. Esses são os meus lábios contra os dela, mas isso está me irritando, porque eu não me lembro o que senti.

Eu debato se devo ou não parar o vídeo, especialmente porque o beijo que está acontecendo agora parece que está se transformando em mais do que apenas um simples beijo. Minha mão, que estava descansando contra seu rosto, agora está fora de vista. A partir dos sons que saem da boca de Charlie no vídeo, parece que ela sabe exatamente onde minha mão está.

Ela puxa a boca da minha e olha para a câmera, assim quando a mão dela aparece na frente da lente, batendo a frente da câmera para baixo em cima da cama. A tela fica preta, mas o som ainda está em gravação.

—A luz estava me cegando, — Ela murmura.

Meu dedo está bem ao lado do botão de pausa no meu telefone. Eu deveria ter pressionado pausa, mas eu posso sentir que o calor da sua respiração escapou da sua boca, flertando com a pele do meu pescoço. Entre isso e os sons provenientes das minhas gravações, eu não quero ver o vídeo até o final.

—*Silas*, — ela sussurra.

Nós dois estamos ainda olhando para a tela, mesmo que esteja um breu desde que ela bateu a câmera para baixo. Não há nada para ver, mas não podemos desviar o olhar. Os sons de nossas vozes estão jogando ao nosso redor, enchendo o carro.

—*Nunca Nunca, Charlie,* — eu sussurro.

Um gemido.

—*Nunca Nunca,* — ela sussurra em resposta.

Um suspiro.

Outro gemido.

O som de um zíper.

—Eu te amo tanto, Charlie.

Sons de corpos deslocando-se na cama.

Respirações pesadas. Muitas delas. Elas estão vindo dos alto-falantes que nos rodeia e também das nossas bocas enquanto estamos aqui sentados e ouvimos isso.

—*Oh, Deus... Silas.*

Duas entradas de respiração agudas.

Beijos desesperados.

Uma buzina estridente engole os sons provenientes das minhas colunas de som.

Eu me atrapalho com o telefone e ele cai no piso. Os faróis estão brilhando em meu carro. Punhos estão de repente, batendo na janela de Charlie e antes que eu possa recuperar o telefone a partir do painel de pavimentação, a porta está sendo empurrada.

—*Você é incrível, Charlie*, — minha voz através dos tambores dos alto-falantes.

Rajadas altas de risada escapam da boca da menina, que agora está segurando a porta aberta de Charlie. Ela se sentou com a gente na hora do almoço hoje, mas eu não me lembro o nome dela.

—Oh, meu Deus! — Diz ela, empurrando Charlie no ombro. — Vocês estão assistindo a um vídeo de sexo? — Ela vira e grita com o carro cujos faróis ainda estão brilhando através das janelas. —Char e Si estão assistindo a um vídeo de sexo! — Ela ainda está rindo quando eu finalmente tenho o telefone de volta em minhas mãos e pressiono pausar. Eu abaixo o volume no rádio do carro. Charlie olha da menina para mim, com os olhos arregalados.

—Nós estávamos saindo, — eu digo para a menina. —Charlie tem que chegar em casa.

A garota ri com um aceno de cabeça. —Oh, por favor, — diz ela, olhando para Charlie. —Sua mãe está provavelmente tão bêbada que ela pensa que você está na cama agora. Siga-nos, nós estamos indo para o Andrew.

Charlie sorri com um aceno de cabeça. —Eu não posso, Annika. Vejo você na escola amanhã, ok?

Annika parece excessivamente ofendida. Ela zomba quando Charlie continua a puxar a porta fechada, apesar de estar no caminho. A menina fica de lado e Charlie bate a porta e a deixa trancada.

—Dirija, — diz ela.

Eu faço. Alegremente.

Estamos a cerca de um quilômetro de distância do posto de gasolina quando Charlie limpa a garganta. A voz não ajuda, porque ela ainda sai em um sussurro rouco. —Você provavelmente deve excluir esse vídeo.

Eu não gosto de sua sugestão. Eu já estava pensando em repetir isso hoje à noite, quando eu chegar em casa. —Hã... Poderia ser um indício de que, — eu digo a ela. —Eu acho que eu deveria vê-lo novamente. Ouvir como termina.

Ela sorri, assim quando o meu telefone indica a entrada de um texto. Eu viro-o e vejo uma notificação na parte superior da tela de — Pai. — Abro minhas mensagens de texto.

Pai: Venha para casa. Sozinho, por favor.

Eu mostro o texto para Charlie e ela apenas balança a cabeça. —Você pode me deixar em casa.

O resto da viagem é um pouco desconfortável. Eu sinto como se o vídeo, que apenas assistimos juntos, tem de alguma forma, nos feito ver um ao outro em uma luz diferente. Não necessariamente ruim, apenas um diferente.

Antes, quando eu olhei para ela, ela era apenas a menina que estava passando por este fenômeno estranho comigo. Agora, quando eu olhar para ela, ela será a garota que eu, supostamente, fiz amor. A garota que eu, aparentemente, gosto por um tempo. A garota que eu, aparentemente, *ainda* amo. Eu só gostaria de lembrar o que deveria sentir.

Depois de ver a ligação óbvia que nós tivemos uma vez, isso me confunde apenas mais que ela estivesse envolvida com Brian. Pensar sobre ele agora me enche de muito mais raiva e ciúme do que fez antes de nos ver juntos nesse vídeo.

Quando chegamos à sua garagem e paramos, ela não sai imediatamente. Ela olha para cima no escuro da casa em frente de nós. Há uma luz fraca em uma janela da frente, mas nenhum sinal de movimento em qualquer lugar dentro da casa.

—Eu vou tentar falar com a minha irmã hoje à noite. Talvez obter mais de uma idéia sobre o que aconteceu ontem à noite quando eu voltei para casa.

—Isso é provavelmente uma boa ideia, — eu digo a ela. —Eu vou fazer o mesmo com o meu irmão. Talvez descobrir o seu nome, enquanto eu estou com ele.

Ela ri.

—Quer que eu venha buscá-la para a escola amanhã?

Ela balança a cabeça. —Se você não se importa.

—Eu não.

É tranquilo novamente. O silêncio me faz lembrar dos sons suaves que estavam fugindo dela no vídeo que está ainda no meu celular, graças a Deus. Eu estarei ouvindo sua voz na minha cabeça a noite toda. Eu sou do tipo ansioso para isso, na verdade.

—Você sabe, — disse ela, batendo a porta com os dedos. — Nós poderemos acordar amanhã e estar perfeitamente bem. Podemos até esquecer o que aconteceu hoje e tudo voltará ao normal.

Podemos esperar por isto, mas meus instintos me levam a acreditar que não vai acontecer. Vamos acordar amanhã tão confusos quanto estamos agora.

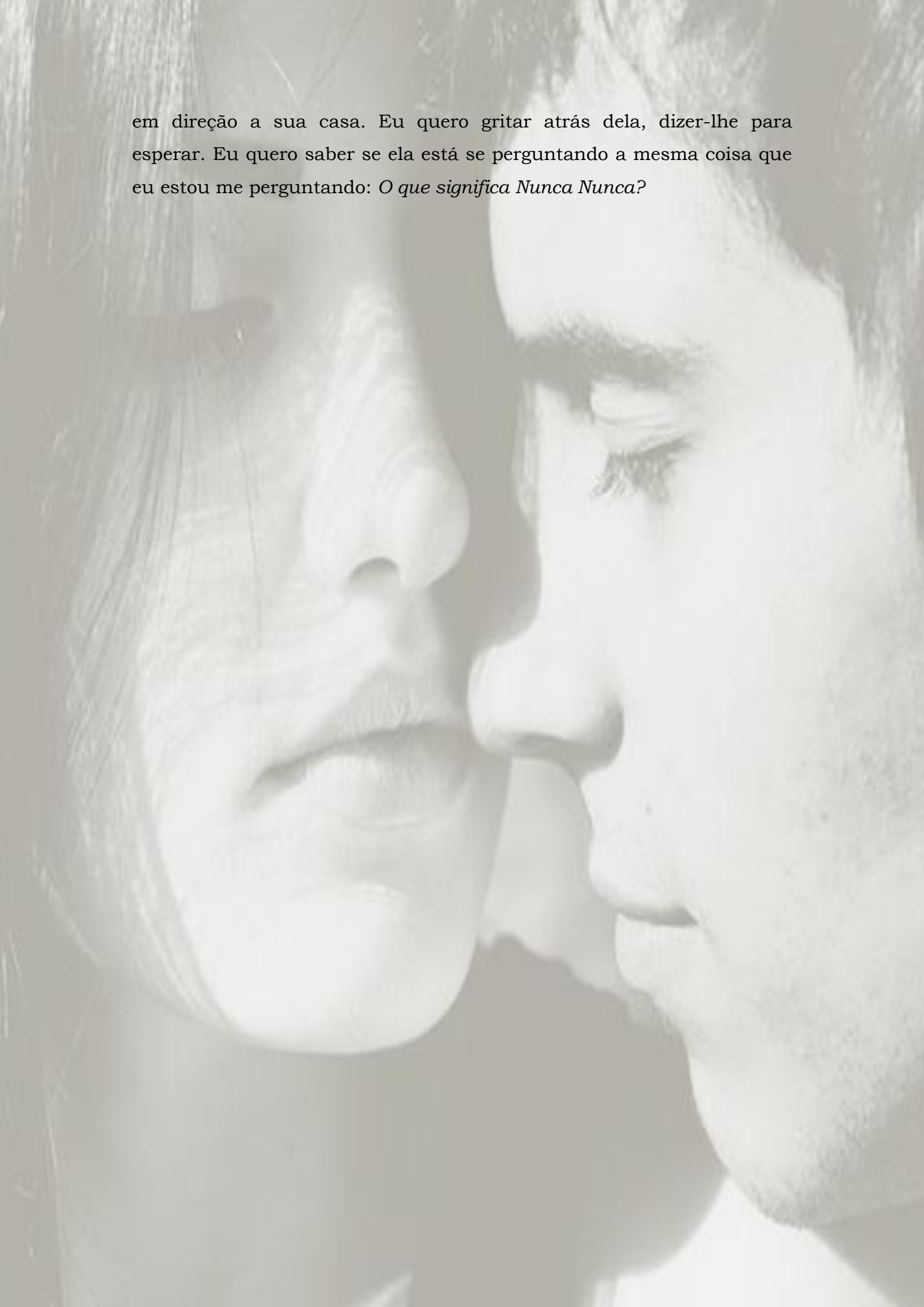
—Eu apostaria contra isto, — eu digo. —Eu vou passar o resto dos meus e-mails e mensagens hoje à noite. Você deve fazer o mesmo.

Ela balança a cabeça novamente, finalmente virando a cabeça para fazer contato visual direto comigo. —Boa noite, Silas.

—Boa noite, Charlie. Chame-me se você...

—Eu vou ficar bem, — diz ela rapidamente, me cortando. — Vejo você na parte da manhã. — Ela sai do carro e começa caminhando

em direção a sua casa. Eu quero gritar atrás dela, dizer-lhe para esperar. Eu quero saber se ela está se perguntando a mesma coisa que eu estou me perguntando: *O que significa Nunca Nunca?*



7
Charlie

Eu acho que se você engana, deve estar com alguém digno de seu pecado. Eu não tenho certeza se isso é um velho pensamento de Charlie ou novos pensamentos de Charlie. Ou talvez, porque eu estou observando a vida de Charlie Wynwood como uma estranha, eu sou capaz de pensar nela enganando com desprendimento, não de julgamento. Tudo o que sei é se você vai enganar Silas Nash é melhor que seja com Ryan Gosling.

Eu me viro para olhar para ele antes que ele vá embora e pego um vislumbre de seu perfil, o poste atrás do carro iluminando seu rosto. A ponta de seu nariz não é boa. Na escola, os outros meninos tinham nariz bonito, ou narizes que ainda eram grandes demais para seus rostos. Ou pior, narizes picados com acne.

Silas tem um nariz grande. Faz com que você o leve mais a sério.

Dirijo-me de volta para a casa. Meu estômago se sente oleoso. Ninguém está por perto quando eu abro e ando ponto a ponto para dentro. Sinto-me como se eu fosse uma intrusa a invadir a casa de alguém.

—Olá? — Eu digo. —Alguém aqui? — Eu fecho a porta silenciosamente atrás de mim e vou na ponta dos pés para a sala.

Eu pulo.

A mãe de Charlie está no sofá assistindo Seinfeld no mudo, e comendo feijão direto da vasilha. De repente estou lembrado de que tudo o que eu comi hoje é o queijo grelhado que eu dividi com Silas.

—Você está com fome? — Eu pergunto-lhe timidamente. Eu não sei se ela ainda está com raiva de mim ou se ela vai chorar de novo. —Você quer que eu faça algo para comer?

Ela se inclina para frente sem olhar para mim e desliza seu feijão na mesa de café. Dou um passo em sua direção e forço para fora a palavra. —Mamãe?

—Ela não vai te responder.

Eu giro ao redor para ver Janette caminhar até a cozinha, um saco de Doritos em sua mão.

—É isso o que você comeu para o jantar?

Ela encolhe os ombros.

—O que você tem, quatorze anos?

—O que você tem, você é imbecil? — Ela retruca. E, em seguida, —Sim, eu tenho quatorze anos.

Pego o Doritos da mão dela e levo-os até onde mamãe está bêbada, olhando para a tela da TV. —Quatorze anos de idade, as meninas não podem comer batatas fritas para o jantar, — eu digo, deixando cair o saco no colo. —Fique sóbria e seja uma mãe.

Sem resposta.

Eu vou até a geladeira, mas tudo o que está dentro dela é uma dúzia de latas de Coca diet e um frasco de picles. —Obtenha seu casaco, Janette, — eu digo, olhando para a mãe. —Vamos pegar um jantar.

Janette olha para mim como se eu estivesse falando em mandarim. Eu acho que eu preciso jogar algo significativo só para manter as aparências. —Apresse-se, bosta!

Ela foge de volta para o nosso quarto enquanto eu procuro na casa as chaves do carro. Que tipo de vida que eu estava vivendo? E quem era aquela criatura no sofá? Certamente ela não tinha sido sempre assim. Eu olho para a parte de trás de sua cabeça e sento um surto de simpatia. Seu marido, — *meu pai* — está na prisão. *Prisão!* Isso é um grande negócio. De onde que estamos mesmo recebendo dinheiro para viver?

Falando de dinheiro, eu verifico a minha carteira. Os vinte dólares ainda estão lá. Isso deve ser suficiente para nós comprarmos algo diferente de Doritos.

Janette sai do quarto vestindo uma jaqueta verde, assim quando eu encontro as chaves. O verde é uma boa cor nela — faz seu olhar adolescente menos angustiado.

—Pronta? — Pergunto.

Ela revira os olhos.

—Ok, então, Mamãe querida. Estamos indo para obter alguma coisa! — Eu aviso antes que eu feche a porta – principalmente para ver se ela vai tentar me parar. Eu deixei Janette liderar o caminho para a garagem, antecipando que tipo de carro dirigir. Não vai ser um Land Rover, isso é certo.

—Oh, jovem, — eu digo. —Será que a coisa funciona? — Ela me ignora, estalando seus fones de ouvido quando eu olho o carro.

É um *Oldsmobile* realmente velho. Mais velho do que eu. Tem cheiro de fumaça de cigarro e pessoas idosas. Janette sobe para o lado do passageiro, sem palavras e olha para fora da janela. —Ok, então, Chatty Cathy, — eu digo. —Vamos ver quantos blocos podemos ir antes que isso se quebre.

Eu tenho um plano. O recibo que encontrei é datado de sexta-feira passada e é da lanchonete *The Diner Crush* no bairro Francês.

Exceto que este pedaço de porcaria de carro não tem GPS. Vou ter que encontrá-lo eu mesma.

Janette é calma quando nós puxar para fora da garagem. Ela traça padrões na janela com a ponta do dedo, nebulizando e embasando do vidro com a respiração. Vejo-a com o canto do meu olho; pobre garota. A mãe é alcoólatra e seu pai está na prisão — meio triste. Ela também me odeia. Que praticamente a faz sozinha no mundo. Eu percebo com surpresa que Charlie está na mesma situação. Exceto, talvez, porque ela tem Silas, ou tinha Silas, antes que ela o traísse com Brian. Ugh. Eu agito meus ombros para me livrar de todos os meus sentimentos. Eu odeio essas pessoas. Elas são tão irritantes. Exceto, que eu meio que gosto de Silas.

Mais ou menos.



A lanchonete *The Diner Crush* está na *North Rampart Street*. Eu encontro uma vaga em uma esquina lotada e tenho que estacionar paralelo entre um caminhão e um MINI Cooper. Charlie é uma excelente motorista, eu acho orgulhosamente. Janette vai para fora depois de mim e fica na calçada, olhando perdida. O restaurante fica em frente à rua. Eu tento espiar pelas janelas, mas elas estão em sua maioria apagadas. Uma aglomeração de flashes elétricos em neon rosa sobre a porta da frente.

—Vamos lá, — eu digo. Eu estendo minha mão para ela e ela recua. —Janette! Vamos lá!

Eu marcho até ela no que só pode ser um movimento agressivo de Charlie, e agarro a mão dela. Ela tenta se afastar de mim, mas eu seguro firme, arrastando-a do outro lado da rua. —Deixe. Eu. Vou!

Assim que chego do outro lado, eu giro em torno de frente para ela. —Qual é o seu problema? Pare de agir como uma... — garota de *quatorze anos* de idade, eu termino na minha cabeça.

—O quê? — Diz ela. —E por que você se importa se eu agir assim? — Seu lábio inferior está soprando para fora como se ela estivesse prestes a chorar. De repente eu me sinto muito triste por ter sido tão rude com ela. Ela é apenas uma criança com pequenos peitos e um cérebro podre de hormônio.

—Você é minha irmã, — eu digo suavemente. —É hora de ficarmos juntas, você não acha? — Por um minuto, acho que ela vai dizer alguma coisa, talvez algo macio e agradável e fraterno, mas, em seguida, ela pisa em direção a minha frente e abre a porta. *Droga.* Ela é um osso duro de roer. Eu a sigo um pouco timidamente e paro morta nos meus passos.

Não é o que eu pensei que ia ser. Não é realmente um restaurante — mais como um clube com cabines com forro nas paredes. No meio da sala tem o que parece ser uma pista de dança. Janette está de pé perto do bar, olhando em volta em confusão.

—Você vem sempre aqui? — Ela me pergunta.

Eu olho a partir das cabines de couro preto para os pisos de mármore preto. Tudo é preto, além dos sinais rosa brilhante nas paredes. É mórbido e chiclete.

—Ajuda? — Um homem sai de uma porta na extremidade do bar, carregando uma braçada de caixas. Ele é jovem, talvez vinte e poucos anos. Eu gosto dele à primeira vista, porque ele está usando um colete preto sobre uma blusa rosa.

Charlie deve gostar de rosa.

—Estamos com fome, — Eu digo.

Ele sorri e acena com metade ao longo de um estande.

—A cozinha não costuma abrir na até a próxima hora, mas vou ver o que ele pode fazer para você, se você quiser se sentar.

Concordo com a cabeça e caminho mais rápido até a cabine, puxando Janette junto comigo.

—Eu estive aqui, — eu digo a ela. —No fim de semana passado.

—Oh, — é tudo o que ela diz, antes de estudar as unhas.

Poucos minutos depois, o cara de rosa sai da parte de trás, assobiando. Ele se aproxima e coloca duas mãos sobre a mesa.

—Charlie, certo? — Pergunta ele. Concordo com a cabeça em silêncio. *Como é que ele...? Quantas vezes eu...?*

—A cozinha estava me fazendo um frango assado. O que acha de ficar com vocês? Não vamos estar ocupados por mais algumas horas, de qualquer maneira.

Concordo com a cabeça novamente.

—Bom. — Ele bate na mesa com a palma da mão e Janette salta. Ele aponta para ela. —Coca-Cola? Sprite? Shirley Templo?

Ela revira os olhos. —Coca Diet, — diz ela.

—E você, Charlie?

Eu não gosto do jeito que ele diz meu nome. É muito... Familiar. —Coca-Cola, — eu digo rapidamente. Quando ele sai, Janette se inclina para frente, com as sobrancelhas curvadas juntas. —Você pede diet, — diz ela acusatoriamente.

—Pois é? Bem, eu não estou me sentindo muito como eu.

Ela faz um pouco de barulho na parte de trás de sua garganta. —Sem brincadeira, — diz ela. Eu a ignoro e tento obter um

bom olhar ao redor. O que era que eu e Silas estávamos fazendo aqui? É um lugar que vinha com frequência? Eu lambo meus lábios.

—Janette, — eu digo. —Eu já disse a você sobre esse lugar?

Ela olha surpresa. —Você quer dizer todas as vezes que temos uma conversa de coração para coração, quando colocamos as luzes apagadas à noite?

—Ok, ok, eu entendo. Eu sou uma irmã muito ruim. *Nossa*. Supere isso já. Eu estou estendendo o ramo da paz aqui.

Janette torce o nariz. —O que isso significa?

Eu suspiro. —Eu estou tentando fazer as pazes com você. Começar de novo.

Só então o cara traz nossas bebidas. Ele trouxe para Janette uma Shirley Temple embora ela pedisse uma Diet. Seu rosto registra decepção.

—Ela queria que uma Caca diet, — eu digo.

—Ela vai gostar disso, — diz ele. —Quando eu era criança...

—É só pegar a ela uma Diet.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. —Claro, princesa.

Janette me olha por debaixo de suas pestanas. —Obrigada, — diz ela.

—Não há problema, — eu digo. —Você não pode confiar em um cara que veste uma camisa rosa. — Ela meio que sorri e me sinto triunfante. Eu não posso acreditar que eu pensei que eu gostei daquele cara. Eu não posso acreditar que eu gostava de Brian. Que diabos estava errado comigo?

Eu pego meu telefone e vejo que Silas tem me mandado mensagens várias vezes. *Silas*. Eu gosto de Silas. Algo sobre sua voz

suave e boas maneiras de menino. E seu nariz, ele tem um nariz fresco, mau.

Silas: Meu pai...

Silas: Onde você está?

Silas: Olá?

O cara volta com o frango e um prato de purê de batatas. É um monte de comida.

—Qual é seu nome? — Pergunto.

—Você é uma vadia, Charlie, — diz ele, que coloca um prato na minha frente. Ele olha para Janette.

—Desculpe, — ele diz.

Ela encolhe os ombros. —Qual é seu nome? — Pergunta ela com a boca cheia de comida.

—Dover. Isso é o que meus amigos me chamam.

Concordo com a cabeça. *Dover.*

—Então, na semana passada... — eu digo.

Dover morde. —Sim, isso era uma loucura. Eu não esperava ver você de volta aqui tão cedo.

—Por que não? — Pergunto. Eu estou tentando ser casual, mas minhas entranhas estão saltando em torno de como elas estão se chocando.

—Bem, o homem estava muito chateado. Eu pensei que ele ia jogar sua merda antes que ele fosse expulso.

—Jogar a merda...? — Eu mudo meu tom, então não é tanto uma questão. —Jogar sua merda. Sim. Que foi...

—Você parecia muito chateada, — diz Dover. —Eu não posso culpá-la. Você poderia ter gostado daqui se Silas não tivesse arruinado isso para você.

Sento-me para trás, o frango de repente com um aspecto desagradável. —Sim, — eu digo, olhando para Janette, que está nos observando curiosa.

—Você terminou, pirralha? — Eu pergunto. Ela balança a cabeça, esfregando os dedos gordurosos em um guardanapo. Eu puxo vinte fora da minha bolsa e solto-a sobre a mesa.

—Não há necessidade, — diz Dover, acenando e se afastando.

Eu me inclino para baixo até que nós estamos olho a olho. — Só o meu namorado paga o meu jantar, — eu digo, deixando o dinheiro sobre a mesa. Eu ando até a porta, Janette se arrastando atrás de mim.

—Sim, bem, — Dover chama, —Você vive por essa regra, você pode comer de graça, sete dias por semana!

Eu não parei até chegar ao carro. Alguma coisa aconteceu lá dentro. Algo que fez Silas quase perder a sua merda. Eu ligo o carro e Janette solta um arroto alto. Nós duas começamos a rir ao mesmo tempo. —Não há mais Doritos para o jantar, — eu digo a ela. —Podemos aprender a cozinhar.

—Claro, — ela dá de ombros.

Todo mundo quebra suas promessas a Janette. Ela tem aquele ar amargo sobre ela. Nós não falamos para o resto do caminho para casa, e quando eu puxo para a garagem, ela salta para fora antes que eu desligue o motor.

—Bom passar o tempo com você, também, — eu a chamo. Imagino que quando eu entrar, a mãe de Charlie estará esperando por ela, talvez para mastigá-la por levar o carro, mas quando eu entro na casa, tudo está escuro, exceto a luz por baixo da porta do quarto da

Janette e meu. Mamãe foi dormir. Mamãe não se importa. É perfeito para a situação em que estou. Eu recebo para bisbilhotar e tentar descobrir o que aconteceu comigo, sem as perguntas e as regras, mas não posso deixar de pensar em Janette — sobre como ela é apenas uma criança que precisa de seus pais. Tudo é tão idiota. Janette está ouvindo música quando eu abro a porta.

—Hey, — eu digo. De repente eu tenho uma idéia. —Você viu o meu iPod? — A música diz muito sobre uma pessoa. Eu não tenho que ter uma memória para saber disso.

—Eu não sei, — ela dá de ombros. —Talvez esteja com todas as suas outras porcarias no sótão.

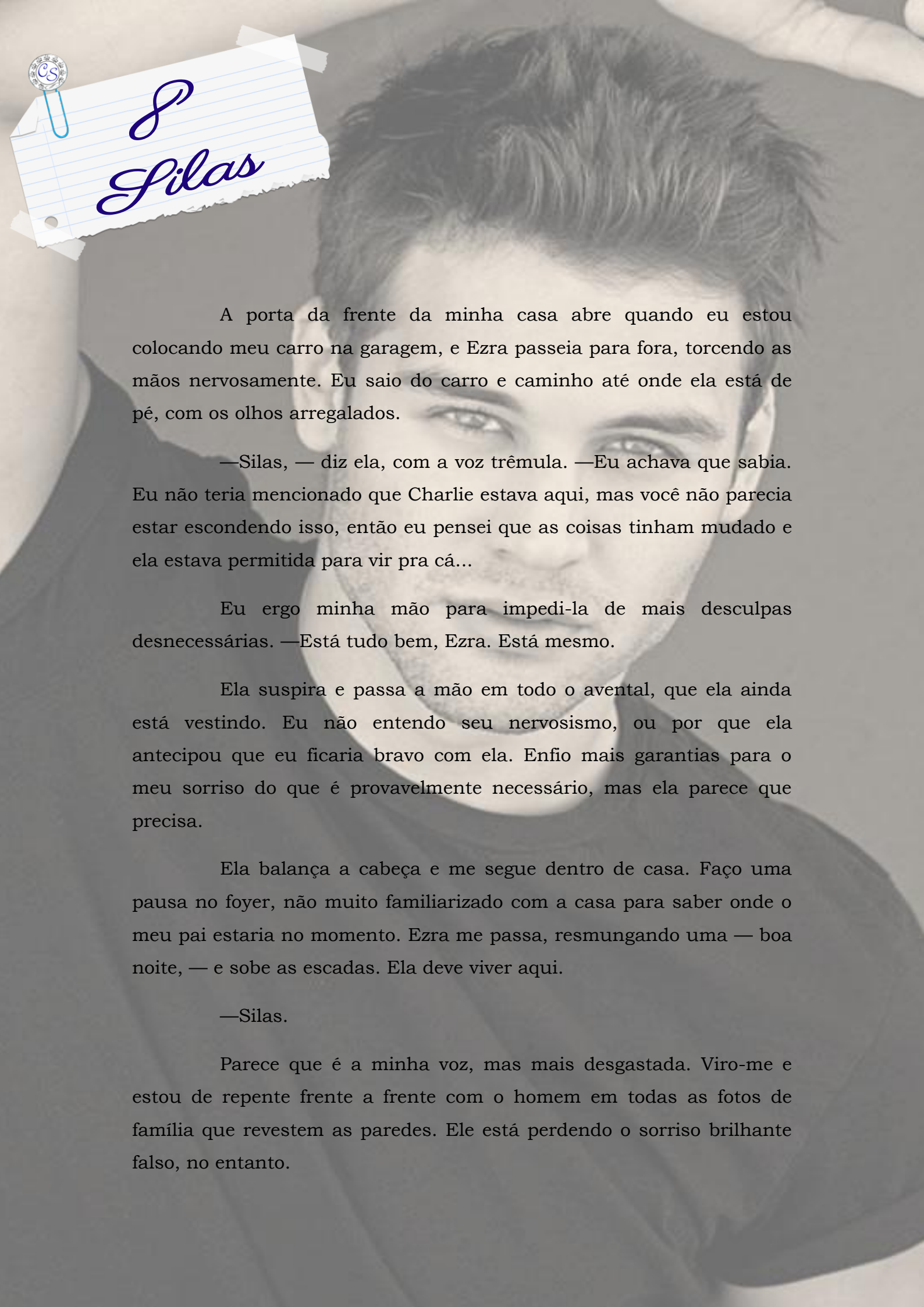
Minhas outras porcarias?

O sótão?

De repente, me sinto animada.

Talvez haja mais para mim do que uma colcha branda e uma pilha de romances ruins. Eu quero perguntar a ela que tipo de porcaria, e por que o meu lixo esta no sótão, em vez de no nosso quarto compartilhado, mas Janette colocou os fones de volta em seus ouvidos e está trabalhando duro em me ignorar.

Eu decido pelo melhor caminho que seria ir até o sótão para verificar as coisas por mim mesma. *Agora, onde é o sótão?*



8
Silas

A porta da frente da minha casa abre quando eu estou colocando meu carro na garagem, e Ezra passeia para fora, torcendo as mãos nervosamente. Eu saio do carro e caminho até onde ela está de pé, com os olhos arregalados.

—Silas, — diz ela, com a voz trêmula. —Eu achava que sabia. Eu não teria mencionado que Charlie estava aqui, mas você não parecia estar escondendo isso, então eu pensei que as coisas tinham mudado e ela estava permitida para vir pra cá...

Eu ergo minha mão para impedi-la de mais desculpas desnecessárias. —Está tudo bem, Ezra. Está mesmo.

Ela suspira e passa a mão em todo o avental, que ela ainda está vestindo. Eu não entendo seu nervosismo, ou por que ela antecipou que eu ficaria bravo com ela. Enfio mais garantias para o meu sorriso do que é provavelmente necessário, mas ela parece que precisa.

Ela balança a cabeça e me segue dentro de casa. Faço uma pausa no foyer, não muito familiarizado com a casa para saber onde o meu pai estaria no momento. Ezra me passa, resmungando uma — boa noite, — e sobe as escadas. Ela deve viver aqui.

—Silas.

Parece que é a minha voz, mas mais desgastada. Viro-me e estou de repente frente a frente com o homem em todas as fotos de família que revestem as paredes. Ele está perdendo o sorriso brilhante falso, no entanto.

Ele me olha de cima abaixo, como se a simples visão de seu filho o decepcionasse.

Ele se vira e vai através de uma porta que conduz para fora do hall de entrada. Seu silêncio, e a garantia de seus passos, que exigem que eu o siga, então eu faço. Nós andamos em seu escritório, e ele lentamente anda em torno de sua mesa e toma um assento. Ele se inclina para frente e cruza os braços sobre a madeira de mogno. — Importa-se de explicar?

Estou tentado explicar. Eu realmente estou. Quero dizer-lhe que eu não tenho nenhuma idéia de quem ele é, nenhuma idéia porque ele está com raiva, nenhuma idéia de quem eu sou.

Eu provavelmente deveria estar nervoso ou intimidado por ele. Tenho certeza de que o Silas de ontem teria estado, mas é difícil me sentir intimidado por alguém que eu não sei nada. Tanto quanto eu estou preocupado, ele não tem poder em cima de mim, e poder é o principal ingrediente de intimidação.

—Importa-se de explicar o que é? — Pergunto.

Meus olhos se movem para uma prateleira de livros sobre a parede atrás dele. Eles se parecem com clássicos. Coleções. Eu pergunto se ele leu algum dos livros ou se eles são apenas mais ingredientes para sua intimidação.

—Silas! — Sua voz é tão profunda e aguda; parece a ponta de uma faca perfurando meus ouvidos. Eu pressiono a minha mão contra o lado do meu pescoço e espremo antes de olhar para ele de novo. Ele olha a cadeira em frente dele, silenciosamente me ordenando a sentar-me.

Tenho a sensação de que o Silas de ontem estaria dizendo: — Sim, senhor — agora mesmo.

Silas de hoje sorri e caminha lentamente para o seu lugar.

—Por que ela estava dentro desta casa hoje?

Ele está se referindo a Charlie, como se ela fosse veneno. Ele está se referindo a ela da mesma forma que sua mãe tinha se referido a mim. Eu olho para baixo no braço da cadeira e pego um pedaço de couro desgastado. —Ela não estava se sentindo bem na escola. Ela precisava de uma carona para casa, e tomamos um desvio rápido.

Este homem... *Meu pai*... Recosta-se na cadeira. Ele traz uma mão até o queixo e esfrega. Cinco segundos passam.

Dez segundos se passam.

Quinze.

Ele finalmente se inclina para frente novamente. —Você vai vê-la de novo?

Isso é uma pegadinha? Porque se parece como uma.

Se eu disser que sim, isso vai, obviamente, irritá-lo. Se eu disser não, parece que eu estarei deixando-o ganhar. Não sei por que isso, mas eu realmente não quero este homem vencendo. Parece que ele está acostumado a ganhar.

—E se eu for?

Sua mão já não está esfregando o queixo porque está agora passando por cima da mesa, puxa a gola da minha camisa. Ele me puxa para ele, assim como as minhas mãos agarram as bordas da mesa para resistir. Estamos olhos nos olhos agora, e eu acredito que ele está prestes a me bater. Gostaria de saber se este tipo de interação com ele é comum?

Em vez de me bater como eu sei que ele quer, ele empurra o punho contra o meu peito e me libera. Eu caio de volta para o meu lugar, mas só por um segundo. Eu empurro para fora da minha cadeira e dou alguns passos para trás.

Eu provavelmente deveria ter batido o idiota, mas eu não o odeio o suficiente para fazer isso ainda. Eu também não gosto dele o suficiente para ser afetado por sua reação. Ele não me confunde, no entanto. Ele pega um peso de papel e lança em toda a sala, felizmente não em minha direção. Ele esmaga contra uma prateleira de madeira e bate o conteúdo para o chão. Alguns livros. Um porta-retrato. Uma pedra.

Eu ainda estou de pé e vejo-o andar para trás e para frente, gotas de suor escorrendo de sua testa. Eu não entendo porque ele poderia estar chateado com o fato de que Charlie estava aqui hoje. Especialmente desde que Ezra disse que nós crescemos juntos.

As mãos dele estão agora encostadas na mesa. Ele está respirando com dificuldade, às narinas dilatadas como um touro furioso. Eu espero que ele comece levantando poeira com o pé a qualquer segundo.

—Nós tínhamos um acordo, Silas. Eu e você. Eu não estava indo para empurrá-lo para depor, mas você me jurou que não iria ver a filha daquele homem novamente.

Uma de suas mãos se agita em direção a um armário fechado, enquanto a outra mão atravessa o que sobrou de seus cabelos ralos. — Eu sei que você não acha que ela levou esses arquivos a partir deste escritório, mas eu sei que ela fez! E a única razão pela qual eu não insisto ainda mais é porque você me jurou que não teria que lidar com aquela família novamente. E aqui está você... — Ele estremece. Literalmente estremece. —Aqui você está trazendo ela para esta casa como se os últimos doze meses nunca tivessem acontecido! — Mais frustrado, torcendo expressões faciais.

—O pai dessa menina quase *arruinou* esta família, Silas! Será que isso não quer dizer absolutamente nada para você?

Na verdade não, eu quero dizer.

Faço uma nota mental de nunca chegar a estar com raiva. Não é uma aparência atraente em um Nash. Eu procuro algum tipo de emoção que transmita remorso, para que ele possa vê-la no meu rosto. É difícil, porém, quando a única coisa que eu estou enfrentando é a curiosidade.

A porta do escritório se abre e ambos movemos a nossa atenção a quem está entrando.

—Landon, isso não lhe diz respeito, — meu pai diz, sua voz suave. Eu enfrento brevemente meu pai de novo, apenas para certificar-me que as palavras realmente caíram de sua boca e não de outra pessoa. Soa quase como a voz de um pai carinhoso, mais do que o monstro que eu acabo de testemunhar.

Landon — *bom, finalmente sei o nome do meu irmão.* —O treinador está no telefone para você, Silas.

Eu olho para trás, meu pai, que está agora de costas para mim. Presumo que significa que a nossa conversa acabou. Eu ando em direção à porta e de bom grado saio do escritório, seguido de perto por Landon.

—Onde está o telefone? — Pergunto-lhe quando eu alcanço as escadas. Pergunta válida, no entanto. Como vou saber se ele chamou em um telefone celular ou um telefone fixo?

Landon ri e se move para além de mim. —Não há nenhum telefonema. Eu estava apenas tirando você de lá.

Ele continua a subir as escadas e eu vejo como ele chega ao topo e depois vira à esquerda, desaparecendo no salão. *Ele é um bom irmão, eu acho.* Eu faço o meu caminho para o que eu assumo é o seu quarto, e eu bato levemente na porta. Está um pouco aberta, então eu a abro. —Landon? — Eu abro a porta todo o caminho e ele está sentado numa mesa. Ele olha por cima do ombro brevemente e depois volta a sua atenção para o seu computador. —Obrigado, — eu digo, entrando

no quarto. *Você acha que irmãos têm que agradecer um ao outro?* Provavelmente não. Eu deveria ter dito algo ao longo das linhas, —Você tomou tempo suficiente, idiota.

Landon se vira na cadeira e inclina a cabeça. Uma combinação de confusão e admiração desenrola em seu sorriso. —Eu não tenho certeza do que o seu negócio é. Você não está aparecendo para a prática, e isso nunca aconteceu. Você age como se você não desse a mínima para que Charlie estivesse se enroscando com Brian Finley. E então você tem coragem de trazê-la aqui? Depois de toda a merda que o Pai e Brett passaram?

Ele balança a cabeça.

—Estou surpreso que você escapou de seu escritório, sem um banho de sangue.

Ele gira em torno de volta e me deixa processar tudo. Viro-me e corro em direção ao meu quarto.

Brett Wynwood, Brett Wynwood, Brett Wynwood.

Repito o nome dele na minha cabeça, então eu vou saber exatamente o que procurar quando eu chegar ao meu computador. Certamente eu tenho um computador.

Quando eu chego ao meu quarto, a primeira coisa que faço é ir até a minha cômoda. Eu pego a caneta que Charlie me entregou mais cedo hoje e leio a marca novamente.

GRUPO FINANCEIRO WYNWOOD-NASH.

Eu pesquiso na sala até que eu finalmente encontro um laptop recheado na gaveta de minha mesa de cabeceira. Eu ligo e digito a senha.

Lembro-me da senha? Acrescente a lista de merda que não faz sentido.

Digito Grupo Financeiro Wynwood-Nash na busca. Eu clico no primeiro resultado e sou levado para uma página que lê, —Finanças Nash, — com o Wynwood visivelmente ausente. Eu percorro rapidamente a página e não descubro nada que ajude. Só um monte de informações de contato da empresa inútil. Eu volto para fora da página e percorro o restante dos resultados, leio cada uma das principais manchetes e os artigos que se seguem:

Gurus Finanças, Clark Nash e Brett Wynwood, co-fundadores do Grupo Financeiro Wynwood-Nash, foram acusados de quatro crimes de conspiração, fraude e comércio ilegal.

Parceiros por mais de vinte anos, os dois magnatas dos negócios agora estão colocando a culpa um no outro, ambos alegando não ter conhecimento das práticas ilegais descobertos durante uma recente investigação.

Eu li outro.

Clark Nash inocentado das acusações. Co-presidente da empresa, Brett Wynwood, condenado a quinze anos por fraude e latrocínio.

Passo para a segunda página de resultados de pesquisa quando a luz da bateria começa a piscar no laptop. Eu abro a gaveta, mas não há nenhum carregador. Eu olho em todos os lugares. Sob a cama, no armário, na minha cômoda de gavetas.

O laptop morre durante a minha pesquisa. Eu começo a usar o meu telefone para a investigação, mas ele está prestes a morrer, também, e o único carregador de telefone que eu posso encontrar conecta a um laptop. Eu fico olhando, porque eu preciso saber exatamente o que aconteceu para fazer estas duas famílias se odiarem tanto.

Eu levanto o colchão, pensando que talvez o carregador pode estar preso atrás da cama de alguma forma. Eu não encontro o

carregador, mas eu encontro o que se parece com um notebook. Eu deslize-o para fora de debaixo do colchão e, em seguida, tomo um assento no topo da cama. Bem quando eu abro para a primeira página, o meu telefone vibra com uma entrada de texto.

Charlie: *Como estão as coisas com seu pai?*

Eu quero aprender mais antes de decidir o que eu quero compartilhar com ela. Ignoro o texto e abro o notebook para encontrar as pilhas de papéis enfiados em uma pasta. Na parte superior, todos os jornais — Grupo Financeiro Wynwood-Nash — mas, eu não entendo nenhum deles. Eu também não entendo porque estes foram escondidos embaixo do meu colchão.

As palavras de Clark Nash lá embaixo se repetem na minha cabeça, — *eu sei que você não acha que ela levou esses arquivos a partir deste escritório, Silas, mas eu sei que ela fez.*

Parece que ele estava errado, mas por que eu os levei? Qual o meu interesse neles?

Quem eu estava tentando proteger?

O meu telefone vibra novamente com outro texto.

Charlie: *Há esse recurso realmente agradável em seu telefone chamado, — notificação de leitura. — Se você está ignorando os textos, você provavelmente deve desligar isso. ;)*

Pelo menos ela coloca um rosto piscando.

Eu: *Não estou te ignorando. Apenas cansado. Temos muito para descobrir amanhã.*

Charlie: *Sim*

Isso é tudo o que ela diz. Eu não tenho certeza se eu deveria responder a sua resposta fácil, mas eu não quero que ela fique irritada se eu não responder.

Eu: *Boa noite, Charlie baby. ;)*

Assim que eu clico em enviar, quero recolhê-lo. Eu não sei o que eu estava pensando com esta resposta. Sem sarcasmo, mas definitivamente não é flerte, tampouco.

Eu decidi me arrepender amanhã. Agora eu só preciso dormir para que eu possa ter certeza que eu estou acordado o suficiente pela manhã, para lidar com tudo isso.

Enfio o notebook de volta sob o colchão e vejo um carregador de parede, então eu o ligo em meu telefone. Estou exausto demais para continuar pesquisando esta noite, para que eu tire meus sapatos. Não é até que eu me deito que eu noto que Ezra mudou meus lençóis.

Assim que eu desligo a lâmpada e fecho meus olhos, meu telefone vibra.

Charlie: *Boa noite, Silas.*

Sua falta de carinho não passa despercebido, mas por alguma razão inexplicável, o texto ainda me faz sorrir. Típico da Charlie.

Eu acho.

9
Charlie

Não é uma boa noite.

O alçapão para o sótão está no armário que eu compartilho com minha irmã. Depois do texto do Silas de boa noite, eu escalo as três prateleiras — que estão estourando com tecido e empurro para cima com a ponta dos dedos até que ele muda para a esquerda. Eu olho para trás por cima do meu ombro e vejo que Janette não olhou para cima de seu telefone. Este deve ser o normal, me ver escalar para o sótão, deixando-a para trás. Eu quero perguntar se ela vai vir comigo, mas já foi desgastante apenas levá-la para jantar. Outra vez, eu acho. Vou descobrir como consertar as coisas entre nós.

Eu não sei porque, mas quando eu mesma iço através do buraco e em um espaço ainda menor, eu imagino o rosto de Silas; pele bronzeada, suave. Seus lábios carnudos. Quantas vezes eu provei sua boca e ainda assim eu não posso me lembrar de um único beijo.

O ar é quente e abafado. Eu rastejo de joelhos para uma pilha de travesseiros e pressiono as costas para eles, endireito as minhas pernas para fora na minha frente. Há uma lanterna de pé em cima de uma pilha de livros. Eu clico, examino seus espinhos; histórias que eu sei, mas não me lembro da leitura. Que estranho ser feita de carne, equilibrada em osso, e preenchida com uma alma que nunca conheci.

Eu pego seus livros um por um e leio a primeira página de cada um. Eu quero saber quem ela é — quem eu sou. Quando eu já esgotei a pilha, eu encontro um livro maior, na parte inferior, encadernado em couro vermelho vincado. O meu pensamento imediato é que eu encontrei um diário. Minhas mãos tremem quando eu dobro para abrir as páginas.

Não é um diário. Um álbum de recados. Cartas de Silas.

Eu sei disso porque ele assina cada um com um S afiado que quase se parece com um raio. E eu sei que eu gosto de sua escrita, direta e distinta. Grampeada no to de cada nota — uma foto — presumivelmente uma que Silas tirou. Eu li uma nota após a outra, derramando sobre palavras. Cartas de amor.

Silas está apaixonado.

É lindo.

Ele gosta de imaginar a vida comigo. Em uma carta, escrita na parte de trás de um saco de papel marrom, ele detalha a forma como vamos passar o Natal, quando tivermos o nosso próprio lugar: cravado de cidra de maçã para o Natal, árvore, massa de biscoito cru que comeremos antes de ter a chance de assá-lo. Ele me diz que quer fazer amor com apenas velas iluminando o ambiente para que ele possa ver o meu corpo brilhando à luz de velas. O papel fotográfico cortado para a nota é de uma árvore de Natal pequena que parece que está em seu quarto. Devemos decorá-la juntos.

Eu encontro outra escrita no verso de um recibo no qual ele detalha o que é a sensação de estar dentro de mim.

Meu rosto cresce quente quando eu leio a nota mais e mais, deleitando-me com sua luxúria. O papel fotográfico cortado para esta é do meu ombro nu. Suas fotos embalam um perfurador, exatamente como suas palavras. Elas tomam a minha respiração, e eu não tenho certeza se a parte de mim que eu não posso lembrar está apaixonada por ele. Eu sinto apenas curiosidade em direção ao menino de cabelo preto que me olha tão intensamente.

Eu coloco a nota de lado, sentindo-me como se eu estivesse bisbilhotando a vida de outra pessoa, e fecho o livro. Isto pertenceu a Charlie. Eu não sou ela. Adormeço cercada pelas palavras de Silas, a aspersão de cartas e frases que rodam em torno da minha cabeça até que...

A menina cai de joelhos na minha frente. —Ouça-me, — ela sussurra. —Nós não temos muito tempo...

Mas eu não a ouço. Eu a afasto e, em seguida, ela se foi. Eu estou do lado de fora. Há um fogo que queima a partir de uma velha lata de lixo de metal. Eu esfrego as mãos juntas para aquecer. A partir de algum lugar atrás de mim eu posso ouvir um que toca saxofone, mas o som se transforma em um grito.

Foi quando eu corri. Eu corro através do fogo que estava na lata de lixo, mas agora ele está em toda parte, lambendo os edifícios ao longo da rua... Eu corro, engasgando com o fumo até eu ver uma loja de frente rosa que é livre de fumo e chamas, apesar de tudo ao seu redor queimar. É uma loja de curiosidades. Abro a porta sem pensar, porque é o único lugar seguro das chamas. Silas está lá esperando por mim. Ele me leva passando ossos e livros e garrafas e me leva para um quarto de volta. A mulher senta-se em um trono feito de espelho quebrado, olhando para mim com um leve sorriso nos lábios. Os pedaços de espelho refletem fatias de luz através das paredes, onde eles balançam e dançam. Eu me viro para olhar para Silas, para perguntar onde estamos, mas ele se foi. —Depressa!

Eu acordo com um começo.

Janette está se inclinando através da ripa de espaço no telhado do closet, balançando a pé. —Você tem que levantar, — ela diz. —Você não tem nenhum dia mais para faltar.

Eu ainda estou no espaço do sótão úmido. Eu limpo o sono dos meus olhos e a sigo para baixo a três prateleiras para o nosso quarto. Eu fico tocada por ela saber que eu estou no limite de faltas, e que ela se importava o suficiente para me acordar. Estou tremendo quando eu chego ao banheiro e ligo o chuveiro. Eu estou abalada do sonho. Eu posso ainda ver meu reflexo nos cacos de seu trono.

O fogo nada dentro e fora da minha visão, esperando atrás das minhas pálpebras cada vez que eu pisco. Se eu me concentrar, eu posso cheirar as cinzas acima da lavagem do corpo que estou usando, acima do shampoo doentiamente doce que eu despejo na minha mão. Eu fecho meus olhos e tento me lembrar das palavras de Silas... Ele estava quente e úmido, e seu corpo me agarrava como se ele não quisesse que eu saísse.

Janette bate na porta. —TARDE! — Ela grita.

Corro para me vestir e nós estamos caindo fora da porta da frente antes de eu perceber que eu não sei nem como Janette espera que nós estejamos indo para a escola hoje. Eu disse a Silas para me pegar ontem.

—Amy deveria estar aqui já, — diz Janette. Ela cruza os braços sobre o peito e a colega desce a rua. É como se ela não pudesse mesmo olhar para mim. Eu retiro o meu telefone e mando um texto para Silas para deixá-lo saber que não precisa me pegar. Eu também verifico para ver se Amy me mandou uma mensagem, certo quando um pequeno chicote Mercedes prata vira a esquina.

—Amy, — eu digo. Gostaria de saber se ela é uma das meninas que eu me sentei no almoço de ontem. Eu quase não notei nomes e expressões. O carro puxa para o meio-fio e nós andamos para frente. Janette sobe no banco de trás sem uma palavra, e depois de alguns segundos de deliberação eu abro a porta da frente. Amy é negra. Encaro-a em surpresa por um minuto antes de eu subir no carro.

—Hey, — diz ela, sem olhar por cima. Sou grata por sua distração, porque eu tenho um momento para estudá-la.

—Oi.

Ela é Linda; seu cabelo, que é mais leve do que sua pele é trançado até a cintura. Ela parece à vontade comigo para não falar que

ela está dando a minha irmã e mim uma carona para a escola. Devemos ser boas amigas, eu decido.

—Fico feliz em ver que você está se sentindo melhor. Queria descobrir o que você vai fazer sobre Silas? — Ela pergunta pra mim.

—Eu... Eu... Er... Silas?

—Uh huh, — diz ela. —Isso foi o que eu pensei. Você ainda não sabe. É uma pena, também, porque vocês podem ser realmente bons juntos quando você tenta.

Sento-me em silêncio até que tenhamos quase alcançado a escola, imaginando o que ela quer dizer. —Amy, — eu digo.

—Como você descreveria o meu relacionamento com Silas para alguém que nunca nos conheceu?

—Veja, este é o problema, — diz ela. —Você sempre quer jogar. — Ela puxa para frente para a escola e Janette vai para fora. É tudo um relógio semelhante.

—Tchau, — Eu chamo quando a porta se fecha.

—Ela é tão chatinha, — eu digo, virando para frente novamente.

Amy faz uma careta. —E você é a rainha boa? Sério, eu não sei o que está acontecendo com você. Você está ainda mais com isso do que normal.

Eu mastigo em meus lábios quando estamos no estacionamento da escola. Eu abro a porta antes que o carro tenha parado.

—Que diabos, Charlie?

Eu não espero para ouvir o que mais ela tem a dizer. Eu corro para a escola, os meus braços apertados ao redor do meu torso. Será

que todo mundo me odeia? Eu bato minha cabeça enquanto eu empurro através das portas. Eu preciso encontrar Silas. Pessoas estão olhando para mim enquanto eu ando pelo corredor. Eu não olho para a esquerda ou direita, mas posso sentir seus olhos. Quando eu pego o meu telefone para mandar uma mensagem de texto para Silas, foi embora. Eu bolo até meus punhos. Eu tinha o meu telefone quando eu mandei uma mensagem e disse-lhe que não precisava de uma carona. Devo tê-lo deixado no carro de Amy.

Eu estou no meu caminho de volta em direção ao estacionamento quando alguém chama meu nome.

Brian.

Eu olho ao redor para ver quem está nos observando quando ele se movimenta em direção a mim. Seu olho ainda parece um pouco machucado de onde eu dei um soco. Eu gosto disso.

—O que? — eu digo.

—Você me bateu. — Ele para a poucos metros de distância e parece que ele está com medo que eu vou fazê-lo novamente. De repente, me sinto culpada. Eu não deveria ter feito isso. Qualquer jogo que eu estava brincando com ele antes de tudo isso acontecer, não foi culpa dele.

—Sinto muito, — eu digo. —Eu não estou me sentindo bem ultimamente. Eu não deveria ter feito isso.

Parece que eu disse a ele exatamente o que ele queria ouvir. Seu rosto relaxa e ele passa a mão ao longo da parte de trás do seu pescoço enquanto ele olha para mim.

—Podemos ir a algum lugar mais privado para conversar?

Eu olho em volta no corredor lotado e balanço a cabeça. — Não.

—Tudo bem, — diz ele. —Então, podemos fazer isso aqui. — Eu mudo de um pé para o outro e olho por cima do meu ombro. Dependendo de quanto tempo ele leva, eu ainda posso pegar Amy e obter as chaves de seu carro e...

—É Silas ou eu.

Minha cabeça empurra para trás para olhar para ele. —Como é que é?

—Eu amo você, Charlie.

Oh, Deus. Eu sinto uma coceira. Dou um passo para trás, olhando em volta por alguém para me ajudar a sair. —Agora é um momento muito ruim para mim, Brian. Eu preciso encontrar Amy e...

—Eu sei que vocês têm história, mas você foi infeliz por um longo tempo. Esse cara é um babaca, Charlie. Você viu o que aconteceu com o camarão. Estou surpreso...

—O que você esta falando?

Ele parece colocar para fora quando eu interrompo seu discurso.

—Eu estou falando sobre Silas e...

—Não, a coisa do camarão. — As pessoas estão parando para nos ver agora. Agrupam-se de forma sórdida em armários; olhos, olhos, olhos no meu rosto. Eu estou tão desconfortável com isso. Odeio isso.

—Seu, — Brian sacode a cabeça para esquerda quando uma garota empurra através das portas e faz seu caminho por nós.

Quando ela me vê olhando, o rosto fica com uma cor rosa brilhante, como um camarão. A reconheço da minha classe de ontem. Ela era a única no chão, pegando os livros. Ela é minúscula. Seu cabelo é uma sombra feia de castanho esverdeado, como se ela tentasse pintá-lo sozinha e deu terrivelmente errado. Mas, mesmo que ela não tenha

tingido-o, parece... Triste. Irregular, oleoso e lamacento. Ela tem um punhado de espinhas em toda sua testa e um nariz que está marcado. Meu primeiro pensamento é feio. Mas é mais um fato que um julgamento. Ela vai embora antes que eu possa piscar, desaparecendo em uma multidão de curiosos. Tenho a sensação de que ela foi embora.

Ela está esperando logo atrás de suas costas, ela quer ouvir. Senti algo... Quando eu vi o rosto dela eu senti alguma coisa.

Minha cabeça está nadando quando Brian chega para mim. Deixei que ele me pegasse pelo braço e me puxasse em direção ao seu peito.

—Eu ou Silas, — diz ele novamente. Ele está sendo corajoso desde que eu já dei um soco por me tocar. Mas eu não estou pensando nele. Eu estou pensando sobre a menina, o camarão, querendo saber se ela está de volta lá, se escondendo atrás de todos os outros. —Eu preciso de uma resposta, Charlie. — Ele me tem tão perto que, quando eu olho para a sua cara eu posso ver as sardas em seus olhos.

—Então, a minha resposta é Silas, — eu digo baixinho.

Ele congela. Eu posso sentir o endurecimento de seu corpo.

10
Silas

—Você vai mostrar-se para a prática hoje? — Landon pergunta. Ele já está do lado de fora da minha porta e eu não me lembro de puxar para dentro do estacionamento da escola, muito menos de desligar o carro. Concordo com a cabeça, mas deixo de fazer contato visual com ele. Eu estava tão perdido dentro de meus próprios pensamentos durante a viagem que acabou que eu nem sequer penso para cutucá-lo por informações.

Eu tenho pendurado sobre o fato de que eu não acordei com as memórias. Eu estava esperando que Charlie estivesse certa que iria acordar e tudo voltaria ao normal. Mas não voltou. Ou pelo menos eu não acordei com as memórias. Eu não falei com Charlie desde a noite passada, e seu texto esta manhã não revelou nada.

Eu nem sequer abri o texto. Ele piscou na tela do meu bloqueio e eu li o suficiente da primeira frase para saber que eu não gosto de como me fez sentir. Meus pensamentos imediatamente se dirigiram para quem pode estar pegando-a e se ela estava bem com isso.

Meus instintos protetores chutam sempre que se trata dela, e não sei se isto sempre foi a forma como me senti ou se é porque ela é a única que pode me entender agora.

Saio do carro, determinado a encontrá-la. Certificar-me de que ela está bem, apesar de eu saber que ela mais do que provavelmente esta. Eu não tenho de saber mais sobre ela para saber que ela realmente não precisa de mim para cuidar dela. Ela é ferozmente independente.

Isso não significa que eu não vou ainda tentar.

Quando eu entro na escola, ocorre-me que eu não sei por onde começar a procurar por ela. Também nós não podemos lembrar quais armários são nossos, e considerando que isso aconteceu com nós dois durante o quarto período de ontem, não temos idéia de onde os nossos primeiro, segundo ou terceiro período de aulas são.

Eu decido ir a pé para o escritório da administração e ver sobre a obtenção de uma nova cópia do meu horário. Espero que Charlie pense em fazer o mesmo, porque eu duvido que eles vão me dar o dela.

A secretária não é familiar, mas ela sorri com conhecimento de mim. —Está aqui para ver Ms. Ashley, Silas?

Ms. Ashley.

Eu começo a balançar a cabeça que não, mas ela já está me apontando na direção de uma porta do escritório aberta.

Quem Ms. Ashley é, devo visitá-la o suficiente para que a minha presença no escritório não seja incomum. Antes de ir até a porta do escritório aberta, uma mulher sai. Ela é alta, atraente e parece extremamente jovem para ser um empregado. Tudo o que ela faz aqui, ela não tem feito por muito tempo. Ela mal parece velha o suficiente para estar fora da faculdade.

—Sr. Nash, — diz ela com um sorriso vago, sacudindo os cabelos loiros para trás por cima do ombro. —Você tem um horário?

Faço uma pausa e paro meu avanço em direção a ela. Eu olho para trás na direção da secretária quando Ms. Ashley diz. —Está tudo bem, eu tenho alguns minutos. Entre.

Eu movo cautelosamente por ela, olhando em sua placa de identificação na porta quando eu entro em seu escritório.

AVRIL ASHLEY, CONSELHEIRO DE ORIENTAÇÃO.

Ela fecha a porta atrás de mim e eu olho ao redor do escritório, que é decorado com citações motivacionais e posters típicos que retratam mensagens positivas. De repente eu me sinto desconfortável. Preso. Eu deveria ter dito que eu não precisava vê-la, mas eu estou esperando que esta conselheira que eu aparentemente visitei regularmente vai saber algumas coisas sobre o meu passado que podem ser de ajuda para Charlie e eu.

Dirijo-me, assim quando a mão de Ms. Ashley desliza para baixo da porta e atinge o bloqueio. Ela se transforma e, em seguida, começa a passear na minha direção. Suas mãos pressionam meu peito logo antes de sua boca se conectar com a minha, eu tropeço para trás e me pego em um armário.

Whoa.

Que diabos?

Ela olha ofendida que eu só sacudi sua antecedência. Esse não deve ser um comportamento incomum com a gente.

Eu estou dormindo com a orientadora?

Eu penso imediatamente em Charlie e, baseado em nosso óbvio não-compromisso com o outro, eu questiono que tipo de relacionamento tivemos. *Por que estávamos mesmo juntos?*

—Tem alguma coisa errada? — Diz Ms. Ashley.

Afasto-me um pouco e dou alguns passos para longe dela, em direção à janela. —Não estou me sentindo muito bem hoje. — Eu olho nos olhos dela e forço um sorriso. —Não quero ficar doente.

Minhas palavras a coloca à vontade e ela fecha o espaço entre nós novamente, desta vez se inclina e pressiona os lábios contra meu pescoço. —Coitado, — ela ronrona. —Quer que eu faça você se sentir melhor?

Meus olhos estão arregalados, correndo ao redor da sala, mapeando a minha rota de fuga. Minha atenção cai no computador em sua mesa, em seguida, uma impressora atrás da cadeira dela. —Sra. Ashley, — eu digo, gentilmente empurrando-a para longe do meu pescoço.

Isso é errado em tantos níveis.

Ela ri. —Você nunca me chamou assim quando estamos sozinhos. É estranho.

Ela é muito confortável comigo. Eu preciso sair daqui.

—Avril, — eu digo, sorrindo para ela novamente. —Preciso de um favor. É possível imprimir uma cópia do meu e horário e o da Charlie?

Ela imediatamente se endireita, seu sorriso levado à menção do nome de Charlie. Ponto de contenção, aparentemente.

—Estou pensando em mudar um par das minhas aulas para que eu não tenha que estar perto dela o máximo.

Não poderia estar mais longe da verdade.

Ms. Ashley — Avril — desliza os dedos pelo meu peito, o sorriso reaparecendo no rosto. —Bem, já era tempo. Finalmente decidiu seguir o conselho da conselheira, eu vejo.

Sua voz pinga com o sexo. Eu posso ver como as coisas devem ter começado com ela, mas isso me faz sentir raso. Isso me faz odiar quem eu era.

Eu mudo nos meus pés quando ela trabalha o seu caminho para o seu lugar e começa a clicar no seu teclado. Ela puxa as páginas da impressora recém-impressa e caminha para mim. Eu tento tirar os horários da mão dela, mas ela os puxa com um sorriso. —Uh-uh, — diz

ela, balançando a cabeça aos poucos. —Estes vão custar algo a você. — Ela se inclina contra a mesa e estabelece as folhas de papel ao lado dela, de bruços. Ela traz de volta os olhos para o meu e eu posso ver que eu não vou embora sem apaziguá-la, o que é a última coisa que eu quero fazer agora.

Eu dou dois passos lentos em direção a ela e descanso as mãos em cada lado dela. Eu me inclino para o seu pescoço e posso ouvir seu suspiro quando eu começo a falar. —Avril, eu só tenho cinco minutos antes que eu tenha que estar em sala de aula. Não há nenhuma maneira que eu posso fazer todas as coisas que eu quero fazer com você em apenas cinco minutos.

Eu deslizo a minha mão para os horários que se encontram em sua mesa e eu recuo com eles. Ela está tocando no seu lábio inferior, olhando para mim com os olhos aquecidos. —Volte durante o almoço, — ela sussurra. —Uma hora é suficiente, Sr. Nash?

Eu pisco para ela. —Eu acho que vou ter que fazer, — eu digo, com minha cabeça para fora da porta. Eu não paro até que eu estou descendo o corredor e ao virar da esquina, fora de sua linha de visão.

Os dezoito anos de idade, lado irresponsável de mim, querem congratular-me por ter, aparentemente, conquistado a conselheira da escola, mas o lado razoável de mim quer socar-me para fazer algo para Charlie.

Charlie é obviamente a melhor escolha, e eu odeio saber que eu estava colocando essa relação em risco.

Mas, novamente, isso era Charlie.

Felizmente, na lista dos horários tem nossos números de vestiários e combinações. Dela é 543 e o meu é 544. Eu estou supondo que foi intencional.

Eu abro meu armário em primeiro lugar, e encontro três livros empilhados dentro. Há uma meia de café vazia na frente dos livros e uma vazia embalagem de canela. Existem duas imagens gravadas no interior do armário: uma de Charlie e eu, a outra apenas de Charlie.

Eu puxo a foto dela para baixo e olho para ela. Por que, se não estivéssemos felizes juntos, eu teria fotos dela no meu armário? Especialmente esta. Eu, obviamente, tirei-a, como é similar em estilo às fotos penduradas em volta do meu quarto.

Ela está sentada de pernas cruzadas em um sofá. Sua cabeça está ligeiramente inclinada e ela está olhando diretamente para a câmara.

Seus olhos são intensos olhando para a câmera como se ela estivesse olhando para mim. Ela é ao mesmo tempo confiante e confortável e, embora ela não esteja sorrindo ou rindo na foto, eu posso dizer que ela está feliz. Sempre foi feita, foi um bom dia para ela. Para nós. Seus olhos estão gritando mil coisas nesta foto, mas o mais alto é, —*Eu te amo, Silas!*

Eu fico olhando para ela um pouco mais e, em seguida, coloco a foto de volta para dentro do armário. Eu verifico o meu telefone para ver se ela mandou uma mensagem. Ela não fez. Eu olho em volta, vejo quando Landon se aproxima do fundo do corredor. Ele joga palavras sobre seu ombro enquanto ele me passa. —Parece que Brian não está completamente fora de cogitação ainda, irmão.

A campainha toca.

Eu olho na direção que Landon veio e vejo uma multidão mais pesada de estudantes naquele final do corredor. As pessoas parecem

estar parando, olhando por cima dos ombros. Alguns estão olhando para mim, alguns estão fixados em tudo o que esta no final do corredor. Eu começo a caminhar nessa direção e toda atenção recai sobre mim enquanto eu passo.

Uma pausa no meio da multidão começa a tomar forma e foi aí que eu a vejo. Ela está de pé contra uma fileira de armários, abraçando-se com os braços. Brian está inclinando-se contra um dos armários, olhando para ela atentamente. Ele parece em uma conversa profunda, enquanto ela só parece estar aguardando. Ele me viu quase imediatamente e sua postura endurece junto com sua expressão. Charlie segue seu olhar até que seus olhos estão em mim.

Por mais que eu possa supor que ela não precisa ser resgatada, alívio cai sobre ela assim que travamos os olhos. O sorriso puxa os lábios, e eu não quero nada mais do que levá-lo para longe dela. Passei dois segundo decidindo. Devo ameaçá-lo? Devo bater nele como eu queria tanto acertá-lo ontem no estacionamento? Nenhuma dessas ações parece como se elas fossem fazer o ponto que eu quero.

—Você deveria ir para a aula. — Eu a ouvi dizer a ele. Suas palavras são rápidas, um aviso, como se ela tivesse medo de eu decidir dar um soco nele. Ela não tem que se preocupar. O que eu estou prestes a fazer vai doer em Brian Finley como um inferno de muito mais do que se eu fosse apenas bater nele.

A segunda campainha toca. Ninguém se move. Não existem alunos correndo para classe para evitar chegar tarde. Ninguém ao meu redor embaralha pelo corredor ao som da campainha.

Eles todos estão esperando. Assistindo. Esperando-me para começar uma luta. Gostaria de saber se isso é o que o velho Silas faria? Gostaria de saber se isso é o que o novo Silas deve fazer?

Eu ignoro todos, menos Charlie e caminho confiante em sua direção, mantendo meus olhos treinados sobre ela o tempo inteiro.

Assim que Brian me vê se aproximando, ele dá dois passos para longe dela. Eu olho diretamente para ele enquanto eu estendo a minha mão em direção a ela, dando-lhe a opção de levá-la a ir comigo ou permanecer onde ela está.

Eu sinto os dedos deslizar entre os meus e ela aperta minha mão com força. Eu a puxo longe dos armários, longe de Brian, longe da multidão de estudantes. Tão logo na esquina, ela solta minha mão e para de andar.

—Isso foi um pouco dramático, você não acha? — Diz ela.

Viro-me para encará-la. Seus olhos estão estreitados, mas sua boca poderia passar por um sorriso. Eu não posso dizer se ela está sendo divertida ou com raiva.

—Eles esperavam certa reação de mim. O que você queria que eu fizesse, tocasse no ombro e pergunte educadamente se eu poderia interromper?

Ela cruza os braços sobre o peito. —O que faz você pensar que eu precisava de você para fazer alguma coisa?

Eu não entendo a sua hostilidade. Parecia que deixou em bons termos ontem à noite, por isso estou confuso quanto ao porque ela parece tão zangada comigo.

Ela esfrega as mãos para cima e para baixo nos braços e, em seguida, seus olhos caem no chão. —Desculpa, — ela murmura. —Eu só... — Ela olha para o teto e geme. —Eu só estava espetando-o para obter informações. Essa é a única razão pela qual eu estava com ele no corredor agora. Eu não estava flertando.

Sua resposta me pega desprevenido. Eu não gosto do olhar de culpa em sua expressão. Isso não é porque eu a puxei para longe dele, mas agora percebo que ela acha que eu realmente estou chateado com

ela por estar com ele. Eu poderia dizer que ela não queria estar lá, mas talvez ela não percebesse o quão bem eu aprendi a ler sobre ela. Eu dou um passo em direção a ela. Quando ela levanta os olhos para encontrar os meus, eu sorrio. —Faria você se sentir melhor saber que eu estava te traindo com a conselheira de orientação?

Ela suga em uma corrida rápida de ar e de choque no rosto.

—Você não foi a única que não esta comprometida nós, Charlie. Aparentemente, ambos tivemos problemas para trabalhar para fora, por isso não seja tão dura consigo mesma.

Alívio, provavelmente, não é a reação que a menina deve ter ao descobrir que seu namorado estava traindo ela, mas é definitivamente como Charlie se sente no momento. Eu posso ver isso em seus olhos e eu posso ouvi-lo na respiração que ela libera.

—Wow... — diz ela, com as mãos caindo para seus quadris. — Então, tecnicamente, estamos empatados?

Empatados? Eu balancei minha cabeça. —Isso não é um jogo que eu quero ganhar, Charlie. Se qualquer coisa, eu diria que nós dois perdemos.

Seus lábios se espalham em um sorriso fantasmagórico, e então ela olha por cima do ombro. —Devemos descobrir onde são as nossas aulas.

Lembro-me dos horários e puxo o dela fora do meu bolso de trás. —Nós não estamos juntos até quarto período de História. Você tem Inglês primeiro. É o outro corredor, — eu digo, apontando para a sua primeira sala de aula.

Ela acena com apreço e desdobra a programação. — Pensamento inteligente, — diz ela, olhando-o. Ela olha para trás para

mim com um sorriso malicioso. —Eu acho que você tem a orientadora como amante?

Suas palavras me fazem estremecer, embora eu realmente não devesse ter remorsos do que aconteceu anteontem.

—Ex-conselheira de orientação amante. — Eu esclareço com um sorriso. Ela ri, e é um riso de solidariedade. Como absurda é essa nossa situação, e tão confuso como as novas informações sobre o nosso relacionamento é, o fato de que podemos rir sobre isso prova que nós, partilhamos do absurdo de tudo. E o único pensamento que eu tenho quando eu ando para longe dela é o quanto eu desejo que Brian Finley pudesse sufocar com o riso dela.

***

As três primeiras classes do dia pareciam estrangeiras. Ninguém nelas e nada discutido parecia familiar para mim. Eu me senti como um impostor, fora do lugar.

Mas no instante em que entrei no quarto período e me sentei ao lado de Charlie, meu humor mudou. Ela está familiarizada. A minha única coisa familiar em um mundo de incoerência e confusão. Nós roubamos alguns olhares para o outro, mas nunca falamos durante a aula. Nós não estamos mesmo falando agora quando entramos na cafeteria juntos. Eu olho para a nossa mesa e todos, os mesmos de ontem já estão sentados, salvo nossos dois lugares vazios.

Eu cutuco minha cabeça em direção à fila do almoço. — Vamos pegar nosso almoço primeiro.

Ela olha para mim, brevemente, antes de olhar para a mesa. —Eu realmente não estou com fome, — diz ela. —Eu vou apenas esperar por você na mesa. — Ela dirige na direção do nosso grupo e eu vou em direção ao refeitório. Depois de pegar minha bandeja e uma

Pepsi, eu vou até a mesa e puxo uma cadeira. Charlie está olhando para baixo em seu telefone, excluindo-se da conversa envolvente.

O cara à minha direita, Andrew, eu acho, me da uma cotovelada. —Silas, — diz ele, me espetando repetidamente. —Diga a ele o quanto eu joguei na segunda.

Eu olho para o cara sentado em frente a nós. Ele revira os olhos e bebe o resto do seu refrigerante antes o bater sobre a mesa. — Vamos, Andrew. Você acha que eu sou estúpido o suficiente para acreditar que seu melhor amigo não mentiria para você?

Melhor amigo.

Andrew é o meu melhor amigo, mas eu não tinha certeza de seu nome 30 segundo atrás.

Minha atenção se desloca dos dois para a comida na minha frente. Abro meu refrigerante e tomo um gole, assim quando Charlie aperta a cintura. É alto no refeitório, mas eu ainda ouço o ronco de seu estômago. Ela esta com fome.

Se ela está com fome, por que ela não come?

—Charlie? — Eu me inclino perto dela. —Por que você não está comendo? — Ela descarta a minha pergunta com um encolher de ombros. Eu abaixo a minha voz ainda mais. —Você tem dinheiro?

Seus olhos lançam dardos até os meus como se eu apenas revelei um enorme segredo para toda a sala. Ela engole e depois desvia o olhar, envergonhada. —Não, — ela diz baixinho. —Eu dei os meus últimos dólares para Janette esta manhã. Eu vou estar bem até eu chegar em casa.

Eu defino a minha bebida em cima da mesa e empurro a bandeja na frente dela. —Aqui. Eu vou pegar outro.

Eu estou de volta para a fila para obter outra bandeja. Quando eu volto para a mesa, ela tomou algumas mordidas do alimento. Ela não me diz obrigado, e eu me sinto aliviado. Certificar-me de que ela tem o que comer não é um favor. É algo que eu espero que ela queira de mim.

—Você quer uma carona para casa hoje? — Eu pergunto a ela, assim quando nós estamos terminando a refeição.

—Cara, você não pode perder o treino de novo, — Andrew atira em minha direção. —O técnico não vai deixar você jogar amanhã à noite, se você fizer.

Eu esfrego uma palma pelo meu rosto, e então eu chego no meu bolso e recupero as minhas chaves. —Aqui, — eu digo a ela, colocando-as em sua mão. —Leve sua irmã para casa depois da escola. Busque-me quando o treino terminar.

Ela tenta entregar as chaves de volta para mim, mas eu não vou pegá-las. —Mantenha-as, — eu digo a ela. —Você pode precisar de um carro hoje e eu não vou usar.

Andrew interrompe. —Você está deixando-a conduzir o seu carro? Estas brincando comigo? Você NUNCA me deixa sentar ao volante caramba!

Olho para Andrew e encolho os ombros. —Você não é por quem eu estou apaixonado.

Charlie cospe sua bebida com uma gargalhada. Olho para ela, e seu sorriso é enorme. Ele ilumina seu rosto inteiro, de alguma forma, mesmo fazendo o marrom de seus olhos parecerem menos escuros. Eu não posso me lembrar de nada sobre ela, mas eu apostaria que seu sorriso era a minha parte favorita dela.

***

Este dia foi cansativo. Parece que eu estive em um palco durante horas, representando cenas que não tenho roteiro. A única coisa que eu queria agora é ou estar na minha cama ou estar com Charlie.

Ou talvez uma combinação de ambos.

No entanto, Charlie e eu ainda temos um objetivo, e isso é descobrir o que diabos aconteceu com a gente ontem. Apesar do fato de que nenhum de nós realmente quer se preocupar com a escola hoje, sabíamos que a escola poderia levar a uma resposta. Apesar de tudo, isto aconteceu no meio do dia de escola ontem, de modo que a resposta pode estar relacionada de alguma forma.

Prática do futebol pode ser de alguma ajuda. Eu estarei perto de pessoas que eu não passei muito tempo nas últimas vinte e quatro horas. Eu poderia aprender algo sobre mim ou sobre Charlie que eu não sabia antes.

Algo que poderia lançar alguma luz sobre a nossa situação.

Estou aliviado por encontrar todos os armários com nomes neles, por isso não é difícil de localizar o meu equipamento. O que é difícil é tentar descobrir como colocá-lo. Eu luto com as calças, o tempo todo tentando fazer parecer que eu sei o que eu estou fazendo. O vestiário esvazia lentamente quando todos os caras fazem o seu caminho para o campo até que eu sou o único que sobrou.

Quando eu acho que eu tenho tudo situado, eu pego minha camisa para fora da prateleira de cima do armário para puxá-la sobre a minha cabeça. A caixa me chama a atenção, localizada na parte de trás da prateleira de cima do meu armário. Eu puxo-a e me sento no banco. É uma caixa vermelha, muito maior do que uma caixa que contém apenas um pouco de jóias. Eu puxo a tampa e encontro algumas fotos no topo.

Não existem pessoas nas fotos. Elas parecem ser de lugares. Folheio-as e chego a uma imagem de um conjunto de balanço. Está chovendo, e o chão sob o balanço é coberto de água. Eu abro e escrito na parte de trás, diz, *o nosso primeiro beijo.*

A imagem seguinte é de um banco de trás, mas a vista é de tábua de chão, olhando para cima. Eu abro. *A nossa primeira briga.*

A terceira é uma imagem do que parece ser uma igreja, mas é apenas a imagem das portas. *Onde nos conhecemos.*

Eu percorro todas as imagens até que finalmente eu consigo uma carta, dobrada na parte inferior da caixa. Eu desdobro. É uma pequena carta na minha escrita, dirigida a Charlie. Eu começo a lê-la, mas meu telefone vibra, assim que eu chego a mais e o desbloqueio.

Charlie: Que horas é o seu treino?

Eu: Não tenho certeza. Eu encontrei uma caixa de coisas no vestiário. Não sei se ela vai ajudar, mas há uma carta nela.

Charlie: O que ela diz?

—Silas! — Alguém grita atrás de mim. Eu giro ao redor e solto duas das imagens em minhas mãos.

Há um homem em pé na porta com um olhar irritado em seu rosto. —Entre em campo!

Concordo com a cabeça e ele continua no fundo do corredor. Eu coloco as fotos de volta na caixa e a empurro de volta dentro do meu armário. Eu tomo uma respiração profunda, calmante e faço o meu caminho para o campo de treino.

Duas filas são formadas no campo, ambas as filas de caras curvados para frente e olhando para o cara na frente deles. Há uma

abertura óbvia, então eu corro em direção ao local vazio e copio o que os outros jogadores estão fazendo.

—Pelo amor de merda, Nash! Por que você não está usando as suas ombreiras? — Alguém grita.

Ombreiras. Porcaria.

Eu pulo fora da fila e corro de volta para o vestiário. Esta vai ser a hora mais longa da minha vida. É estranho, eu não conseguir lembrar as regras do futebol. Não pode ser tão difícil, no entanto. Basta correr para trás e alguns tempos e a prática vai voltar.

Eu localizo as almofadas atrás da fileira de armários. Felizmente, elas são fáceis de colocar. Corro de volta para o campo e todo mundo está espalhando, correndo como formigas. Hesito antes de caminhar para o campo. Quando um apito, alguém me empurra por trás. —Vá! — Ele grita frustrado.

As linhas, os números, os postes da baliza. Eles não significam nada para mim, como eu estou no campo, entre os outros caras. Um dos treinadores grita uma ordem e antes que eu saiba, a bola está sendo jogado na minha direção. Eu pego.

E agora?

Corra. Eu provavelmente deveria estar correndo.

Faço-o três metros antes de minha cara encontrar a relva sintética. Um apito. Um homem grita.

Levanto-me, apenas quando um dos talos do treinador vem em minha direção. —Que diabos foi isso? Obtenha sua maldita cabeça no jogo!

Olho ao meu redor, o suor começava a escorrer por minha testa. A voz de Landon ressoa atrás. —Cara. O que diabos está errado com você?

Viro-me e olho para ele, assim como todo mundo se encolhe em torno de mim. Eu sigo os seus movimentos e ergo meus braços sobre as costas dos caras à minha esquerda e à direita. Ninguém fala por alguns segundos, e então eu percebo que eles estão todos olhando para mim. A Espera. Eu acho que eles querem me dizer alguma coisa? Tenho a sensação que não é um círculo de oração.

—Você vai chamar um jogo ou o quê? — O cara à minha esquerda, diz.

—Uh... — eu gaguejo. —Você... — eu aponto para Landon. — Faça essa... Coisa. — Antes que eles possam me questionar, eu puxo e quebro o amontoado.

—O técnico vai mandá-lo para banco, — eu ouço alguém murmurar atrás de mim. Um apito e antes que o som deixe meus ouvidos, um trem de carga bate em meu peito.

Ou pelo menos se parece assim.

O céu está acima de mim, meus ouvidos estão zumbindo, não posso puxar uma respiração.

Landon está pairando sobre mim. Ele agarra meu capacete e sacode-o. —O que diabos está errado com você?

Ele olha em volta e depois de volta para mim. Seus olhos estreitos. —Mantenha-se no chão. Se finja de doente.

Eu faço o que ele diz e ele salta para cima de um suporte. — Eu disse a ele para não vir praticar, treinador, — Landon diz. —Ele esteve mal toda a semana. Acho que ele está desidratado.

Eu fecho meus olhos, aliviado pelo meu irmão. Eu meio que gosto deste garoto.

—O que diabos você está fazendo aqui, Nash? — O treinador está ajoelhado agora. —Vá para o vestiário e obtenha-se hidratado. Temos um jogo amanhã à noite. — Ele se levanta e comanda a um dos assistentes dos treinadores. —Pegue-o um pacote de Z e certifique-se de que ele está pronto para amanhã no campo.

Landon me puxa para cima. Meus ouvidos ainda estão tocando, mas eu sou capaz de respirar agora. Eu faço o meu caminho em direção aos vestiários, aliviado por estar fora do campo. Eu nunca deveria ter pisado aqui em primeiro lugar. *Não inteligente Silas.*

Eu faço-o de volta para o vestiário e mudo para fora de meu equipamento. Assim que eu consigo meus sapatos, eu ouço passos se aproximando do fundo do corredor do vestiário. Eu olho em volta e vejo a placa de saída na parede oposta, então eu corro para ela e a empurro aberta. Por sorte, ela leva à direita para o parque de estacionamento.

Estou imediatamente aliviado ao ver o meu carro. Corro até lá apenas quando Charlie sai do lado do motorista, pulando em seus pés quando me aproximo. Estou tão aliviado ao vê-la, apenas ter alguém para me relacionar, com quem eu nem sequer penso sobre o que eu faço agora.

Agarro-lhe o pulso e a puxo para mim, envolvendo meus braços em torno dela em um abraço apertado. Meu rosto é enterrado em seu cabelo e deixo escapar um suspiro. Ela parece familiar. Seguro. Faz-me esquecer que eu nem me lembro...

—Está fazendo o que?

Ela esta dura contra mim. Sua reação fria me faz lembrar que nós não fazemos coisas como esta. Silas e Charlie fizeram coisas como esta.

Merda.

Eu limpo minha garganta e a liberto, dando um passo rápido para trás. —Desculpa, — murmuro. —A força do hábito.

—Nós não temos hábitos. — Ela empurra passando e caminha em volta do meu carro.

—Você acha que sempre foi assim comigo? — Eu pergunto.

Ela me olha de cima do capô e acena. —Aposto no sim. Você provavelmente é um glutão por punição.

—Mais como um masoquista, — murmuro.

Nós dois subimos para o meu carro, e eu tenho dois lugares que estou pensando em ir hoje à noite. O primeiro é a minha casa para tomar banho, mas eu tenho certeza que se eu perguntar se ela quer ir junto, ela diria que não apenas para me irritar. Em vez, eu me ponho na direção da minha casa e não dou a ela uma escolha.



—Por que você está sorrindo? — Pergunta ela, três milhas em nossa unidade.

Eu não sabia que eu estava. Eu dou de ombros. —Só pensando.

—Sobre o que?

Eu olho para ela e ela está esperando pela minha resposta com uma carranca impaciente.

—Eu queria saber como o velho Silas rompeu seu suro exterior.

Ela ri. —O que faz você pensar que ele fez?

Gostaria de voltar a sorrir, mas eu não acho que eu parei. — Você viu o vídeo, Charlie. Você o amava. — Eu paro por um segundo, então reformulo. —Eu. Você me amou.

—Ela amava você, — diz Charlie, e depois sorri. —Eu não tenho certeza se eu gosto de você ainda.

Eu balanço minha cabeça com uma risada suave. —Eu não me conheço muito bem, mas eu devo ter sido extremamente competitivo. Porque eu só tomei isso como um desafio.

—Tomou como um desafio? Você acha que pode me fazer gostar de você de novo?

Eu olho para ela e dou a minha cabeça o menor movimento. —Não. Eu vou fazer você se apaixonar por mim de novo.

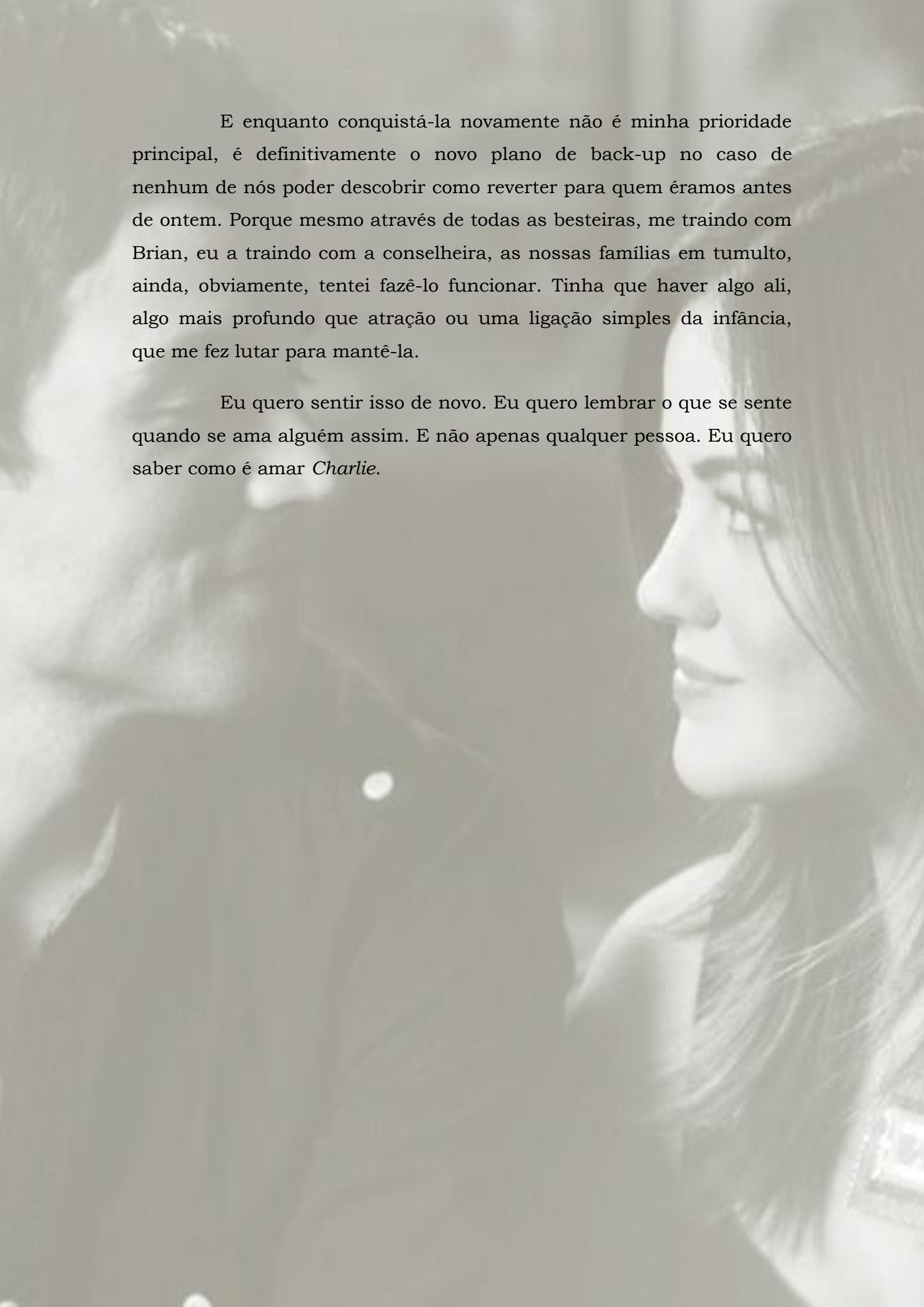
Eu posso ver o rolo suave de sua garganta enquanto ela engole, mas tão rápido quanto ela baixa a guarda, ela voa de volta para cima. —Boa sorte com isso, — diz ela, de frente para frente novamente. —Eu tenho certeza que você vai ser o primeiro cara a um dia competir com si mesmo sobre o afeto de uma garota.

—Talvez sim, — eu digo quando nós puxamos na minha garagem. —Mas o meu valor está em mim.

Eu desligo o carro e saio. Ela não se move. —Você vem? Preciso tomar um banho rápido.

Ela nem sequer olha para mim. —Eu vou esperar no carro.

Eu não discuto. Eu fecho a porta e vou para dentro de cabeça no chuveiro, pensando sobre o pequeno sorriso que pude ver. Juro que estava tocando no canto de sua boca.



E enquanto conquistá-la novamente não é minha prioridade principal, é definitivamente o novo plano de back-up no caso de nenhum de nós poder descobrir como reverter para quem éramos antes de ontem. Porque mesmo através de todas as besteiras, me traindo com Brian, eu a traindo com a conselheira, as nossas famílias em tumulto, ainda, obviamente, tentei fazê-lo funcionar. Tinha que haver algo ali, algo mais profundo que atração ou uma ligação simples da infância, que me fez lutar para mantê-la.

Eu quero sentir isso de novo. Eu quero lembrar o que se sente quando se ama alguém assim. E não apenas qualquer pessoa. Eu quero saber como é amar *Charlie.*

11
Charlie

Eu estou de pé na beira do gramado, olhando para baixo na sua rua quando ele anda atrás de mim. Eu não o ouvi na abordagem, mas eu sinto o cheiro dele. Eu não sei como, uma vez que ele cheira exatamente como o ar livre.

—O que você está olhando? — Pergunta ele.

Eu fico olhando para as casas, cada uma delas impecáveis e bem cuidadas, a ponto de irritação. Faz-me querer disparar uma arma para o ar, só para ver todas as pessoas quietas dentro se embaralham para fora. Este bairro precisa de um pouco de vida. —É estranho como o dinheiro parece silenciar um bairro, — eu digo em voz baixa. —Na minha rua, onde ninguém tem dinheiro, é tão alto. Sirenes tocando, pessoas gritando, portas de carro batendo, aparelhos de som tocando. Há sempre alguém, em algum lugar, fazendo barulho. — Eu me viro e olho para ele, não esperava a reação que eu tenho ao ver o seu cabelo úmido e mandíbula suave. Concentro-me em seus olhos, mas não é muito melhor. Eu limpo minha garganta e desvio o olhar. —Eu acho que eu prefiro o barulho.

Ele dá um passo até que estamos ombro a ombro, ambos olhando para a rua, taciturnos. —Não. Você não prefere qualquer um. — Ele diz isso como se ele me conhecesse e eu quero lembrar-lhe que ele não me conhece em tudo, mas ele põe a mão no meu cotovelo. — Vamos sair daqui, — diz ele. —Vamos fazer algo que não faça pertencer a Charlie e Silas. Algo que é nosso.

—Você está falando de nós como se fossemos invasores do corpo.

Silas fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. —Você não tem idéia de quantas vezes por dia eu penso sobre invadir seu corpo.

Não tenho a intenção de rir tão duro quanto eu faço, mas eu tropeço nos meus próprios pés e Silas se abaixa para me pegar. Nós dois estamos rindo enquanto ele esfrega as mãos para cima e para baixo nos meus braços.

Eu olho para longe. Estou cansada de gostar dele. Eu só tenho um dia e meio de memórias, mas todas elas estão repletas sobre não odiar Silas. E agora ele fez sua missão pessoal para me fazer amá-lo novamente.

É chato que eu gosto.

—Afaste-se, — eu digo.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição e dá um passo para trás. —Até aqui?

—Mais longe.

Outro passo. —Melhor?

—Sim, — eu sôo inteligente.

Silas sorri. —Eu não me conheço bem, mas eu posso dizer que eu tenho um monte de jogo.

—Oh, por favor, — eu digo. —Se você fosse um jogo, Silas, você seria Monopólio. Você apenas vai sobre todo mundo e acaba enganado só para estar mais com ele.

Ele está quieto por um minuto. Eu me sinto mal por dizer algo tão estranho, mesmo que fosse uma piada.

—Você provavelmente está certa, — ele ri. —É por isso que você me traiu com o merda do Brian. Sorte sua, eu não sou Monopólio. Sou Tetris Silas. Todas as minhas peças e partes estão indo para caber em todas as suas peças e partes.

Eu ronco. —E a orientadora, aparentemente.

—Golpe baixo, Charlie, — diz ele, balançando a cabeça.

Eu aguardo alguns segundos, mordendo meu lábio. Então eu digo: —Eu não acho que eu quero que você me chame assim.

Silas se vira para olhar para mim. —Charlie?

—Sim, — eu olho para ele. —Isso é estranho? Eu não me sinto como se eu fosse ela. Eu nem a conheço. Eu só não sinto como se fosse meu nome.

Ele balança a cabeça, enquanto caminhamos em direção ao seu carro. —Então, eu tenho que mudar o nome?

—Até entender tudo isso... Sim.

—Poppy, — diz ele.

—Não.

—Lucy.

—Claro que não, o que há de errado com você?

Ele abre a porta do lado do passageiro do seu Rover e eu entro.

—Okay Okay. Eu posso ver que você não gosta de nomes tradicionalmente bonitos. Nós podemos tentar algo mais difícil.

Ele caminha para o lado do motorista e sobe. —Xena...

—Não.

—Rogue.

—Ugh. Não.

Nós vamos e voltamos assim até que o GPS do Silas diz-nos que nós chegamos. Eu olho em volta, surpresa que eu estava muito envolvida com ele para perceber o lugar. Quando eu olho para o meu telefone vejo que Brian me mandou mensagem seis vezes. Eu não quero lidar com ele agora. Enfio meu telefone e carteira sob o assento, fora de vista.

—Onde nos estamos?

—Bourbon Street, — diz ele. — A maioria aconteceu em New Orleans.

—Como você sabe disso? — Eu pergunto desconfiada.

—Eu pesquisei isso. — Nós olhamos um para o outro sobre o capô, e em seguida, ambos fechamos as portas ao mesmo tempo.

—Como é que você sabe o que era o Google?

—Eu pensei que isso é o que podemos descobrir juntos. — Nós nos encontramos na frente do carro.

—Eu acho que nós somos alienígenas, — eu digo. —É por isso que não temos quaisquer lembranças de Charlie e de Silas. Mas nós lembramos coisas como Google e Tetris por causa dos chips de computador em nossos cérebros.

—Então, eu posso mudar o seu nome alienígena?

Antes que eu possa pensar sobre o que eu estou fazendo, eu envio a palma da minha mão em seu peito. —Concentre-se, Silas!

Ele me olha, e então eu estou apontando para frente. —O que é isso? — Eu ando na frente dele. É uma construção, castelo – como na estrutura – e branco. Há três torres salientes para o céu.

—Parece que é uma igreja, — diz ele, tirando seu telefone.

—Está fazendo o que?

—Tirando uma fotografia... Para o caso de eu esquecer novamente. Eu acho que devemos documentar o que está acontecendo e aonde nós vamos.

Estou tranquila quando eu penso sobre o que ele disse. É realmente uma boa idéia. —É aí que devemos ir, certo? Igrejas ajudam as pessoas... — minha voz falha.

—Sim, — diz Silas. —Eles ajudam as pessoas, e não os alienígenas. E desde que nós...

Eu bati nele novamente. Eu gostaria que ele levasse isso a sério. —E se nós somos anjos e nós deveríamos ajudar alguém, e que nos foi dado estes organismos para cumprir a nossa missão?

Ele suspira. —Você está ouvindo a si mesma?

Nós alcançamos as portas para a igreja, que estava ironicamente bloqueada. —Tudo bem, — eu digo, girando.

—Qual é a sua sugestão para o que aconteceu com a gente? Será que vamos piscar nossas cabeças juntas e perder as nossas memórias? Ou talvez nós comemos algo que realmente nos confundiu! — Eu desato a descer as escadas.

—Hey! Hey! — Ele chama. —Você não tem permissão para ficar com raiva de mim. Isso não é culpa minha. — Ele corre pelas escadas atrás de mim.

—Como sabemos isso? Nós não sabemos nada, Silas! Isto poderia ser tudo culpa sua!

Estamos de pé no fundo das escadas agora, olhando para o outro. —Talvez seja, — diz ele. —Mas tudo o que eu fiz, você fez isso

também. Porque, caso você não tenha notado, estamos no mesmo barco.

Eu aperto e abro os punhos, respiro fundo, concentro-me olhando para a igreja até que meus olhos enchem de água.

—Olha, — diz Silas, se aproximando. —Sinto muito por transformar isso em uma piada. Eu quero descobrir tanto quanto você. Quais são algumas de suas outras ideias?

Eu fecho meus olhos. —Os contos de fadas, — eu digo, olhando de volta para ele. — Alguém está sempre amaldiçoado. Quebrando o feitiço, eles têm que descobrir algumas coisas sobre si mesmo... Então...

—Então o que?

Eu posso dizer que ele está tentando me levar a sério, mas isso de alguma forma me deixa mais irritada. —Há um beijo...

Ele sorri. —Um beijo, hein? Eu nunca tinha beijado ninguém antes.

—Silas!

—*O que?* Se eu não me lembro, não conta!

Cruzo os braços sobre o peito e assisto a um músico de rua pegar seu violino. Ele se lembra da primeira vez que ele pegou um violino, as primeiras notas que ele tocou, que deram a ele. Eu invejo suas memórias.

—Eu estou falando sério, Charlie. Sinto muito.

Eu olho para Silas com o canto do meu olho. Ele parece genuinamente arrependido – as mãos enfiadas nos bolsos, pescoço caindo como se fosse de repente muito pesado.

—Então, o que você acha que precisamos fazer? Beijo?

Eu dou de ombros. —Vale a pena tentar, certo?

—Você disse que em contos de fadas eles têm que descobrir alguma coisa primeiro...

—Pois é. Como, Bela Adormecida precisava de alguém corajoso para beijá-la e despertá-la do sono da maldição. Branca de Neve precisou do beijo do amor verdadeiro para trazê-la de volta à vida. Ariel precisava chegar a Eric para beijá-la para quebrar o feitiço que a bruxa do mar colocou sobre ela.

Ele se anima. —Esses são filmes, — diz ele. —Você se lembra de vê-los?

—Eu não me lembro de vê-los, eu só sei que eu vi eles. Mr. Deetson falou sobre contos de fadas em Inglês hoje. É aí que eu tive a idéia.

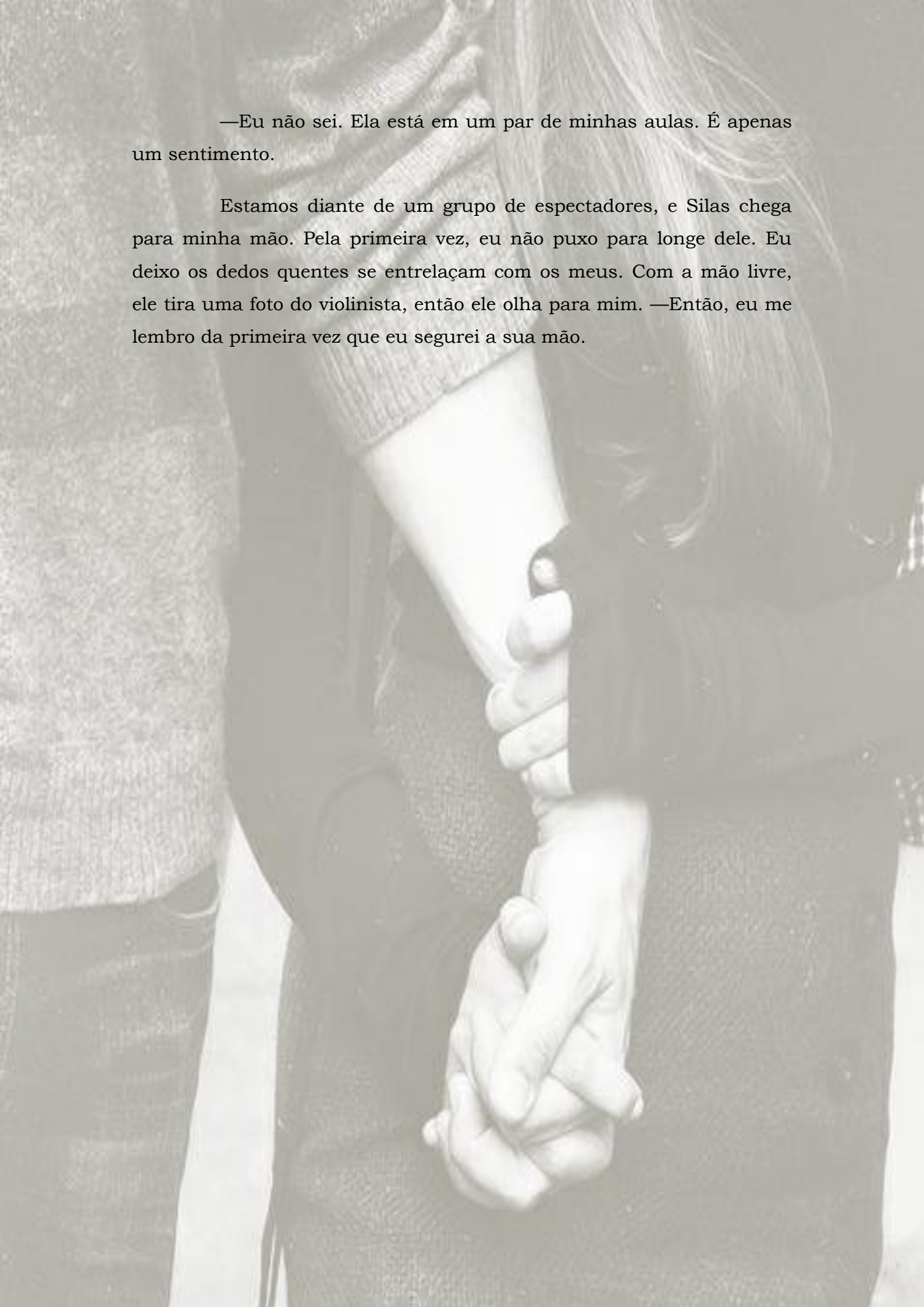
Nós começamos a caminhar em direção ao músico de rua que está tocando algo lento e triste.

—Parece que a quebra da maldição é principalmente até o cara, — diz Silas. —Ele precisa dizer alguma coisa para ela.

—Sim... — Minha voz cai à medida que paro para ouvir. Eu gostaria de saber o nome da música que ele estava tocando. Soa como algo que eu já ouvi, mas eu não tenho nenhum nome para ela.

—Há uma menina, — eu digo baixinho. —Eu quero falar com ela... Eu acho que talvez ela saiba de alguma coisa. Poucas pessoas têm se referido a ela como o camarão.

As sobrancelhas de Silas se reúnem. —O que você quis dizer? Quem é ela?



—Eu não sei. Ela está em um par de minhas aulas. É apenas um sentimento.

Estamos diante de um grupo de espectadores, e Silas chega para minha mão. Pela primeira vez, eu não puxo para longe dele. Eu deixo os dedos quentes se entrelaçam com os meus. Com a mão livre, ele tira uma foto do violinista, então ele olha para mim. —Então, eu me lembro da primeira vez que eu segurei a sua mão.

12
Silas

Temos andado a duas quadras e ela não soltou a minha mão ainda. Eu não sei se é porque ela gosta de segurá-la, ou se é porque Bourbon Street é... Bem...

—Oh, Deus, — diz ela, virando-se para mim. Ela puxa minha camisa na mão dela e pressiona a testa contra o meu braço. —Esse cara só me deu... — diz ela, rindo na manga da minha camisa. —Silas, eu só vi o meu primeiro pênis!

Eu rio quando eu continuo conduzindo-a no meio da multidão inebriada de Bourbon Street. Depois de caminhar um pouco mais, ela espreita de novo. Estamos nos aproximando de um grupo ainda maior de homens beligerantes, todos sem camisas. No lugar de camisas são montes de pérolas, envoltas em torno de seus pescoços. Eles estão todos rindo e gritando com as pessoas empoleiradas nas varandas acima de nós. Ela aperta minha mão com mais força até que tenhamos navegado com sucesso através deles. Ela relaxa e coloca mais espaço entre nós.

—O que há com os grânulos? — Ela pergunta. —Por que alguém gasta dinheiro em tais jóias bregas?

—Faz parte da tradição do carnaval, — eu digo a ela. —Eu li sobre isso quando eu estava pesquisando Bourbon Street. Tudo começou como uma celebração para a última terça-feira antes da Quaresma, mas eu acho que ele está transformado em um ano. — Eu a puxo contra meu lado e aponto para baixo na calçada em frente a ela. Ela evita em torno do que se parece com vômito.

—Eu estou com fome, — diz ela.

Eu ri. —Passando por cima do vômito e lembra que está com fome?

—Não, vômito me fez pensar em comida e comida fez meu estômago roncar. Alimente-me. — Ela aponta para um restaurante até a rua. O sinal está piscando em neon vermelho. —Vamos lá.

Ela dá um passo à frente de mim, ainda segurando minha mão. Olho para o meu telefone e sigo seu exemplo. Eu tenho três chamadas perdidas. Uma do — Técnico, — uma do meu irmão, e uma da — mamãe.

É a primeira vez que eu pensei na minha mãe. Eu me pergunto como ela é. Eu me pergunto porque eu não a tinha conhecido ainda.

Meu corpo inteiro cai na parte de trás das costas de Charlie depois que ela chega a deixar passar um veículo. Sua mão voa até a parte de trás de sua cabeça, onde meu queixo foi esmagado contra ela. —Ouch, — diz ela, esfregando a cabeça.

Eu esfrego meu queixo e assisto por trás dela quando ela empurra o cabelo para frente, por cima do ombro. Meus olhos caem para a ponta do que parece ser uma tatuagem que espreita para fora da parte de trás de sua camisa.

Ela começa a andar novamente, mas eu agarro seu ombro. — Espere, — eu digo a ela. Meus dedos trilham até a gola da sua camisa e eu puxo para baixo um par de centímetros. Logo abaixo da nuca está uma pequena silhueta de árvores em tinta preta. Eu corro meus dedos sobre seu contorno. —Você tem uma tatuagem.

Sua mão voa para o local que estou tocando. —O quê?! — ela grita. Ela vira e olha para mim.

—Eu não.

—Você tem. — Eu a viro de volta e puxo a camisa para baixo novamente. —Aqui, — eu digo, quando eu traço as árvores de novo. Desta vez eu vejo arrepios sair em seu pescoço. Eu sigo a linha de pequenos solavancos com meus olhos, correndo por cima do ombro e se escondendo debaixo de sua camisa. Eu olho para trás, a tatuagem de novo, porque os dedos dela estão agora tentando sentir o que estou sentindo. Eu tomo dois deles e pressiono-os contra sua pele.

—A silhueta das árvores, — eu digo a ela. —Bem aqui.

—Árvores? — Diz ela, inclinando a cabeça para o lado. —Por que eu teria árvores? — Ela se vira. —Eu quero vê-la. Tire uma foto com o telefone.

Eu puxo a blusa para baixo o suficiente para que ela possa ver toda a tatuagem, mesmo que ela não seja mais do que três polegadas de largura. Eu escovo o cabelo sobre o ombro novamente, não por uma questão de imagem, mas porque eu realmente estava querendo fazer isso. Eu também reposiciono sua mão, de modo que ela esteja na frente de seu corpo, drapejadas sobre o ombro.

—Silas, — ela resmunga. —Basta tirar a maldita foto. Esta não é uma aula de arte.

Eu sorrio e me pergunto se eu sou sempre assim, se eu me recuso a tirar uma foto simples, sabendo que só preciso de um pouco mais de esforço para torná-la excepcional. Eu trago o telefone e tiro a foto e, em seguida olho para a tela, admirando o quão boa a tatuagem aparece nela. Ela vira e pega o telefone da minha mão.

Ela olha para a imagem e suspira. —Oh meu Deus.

—É uma tatuagem muito boa, — eu digo a ela. Ela me dá de volta o meu telefone e revira os olhos, anda de novo em direção ao restaurante.

Ela pode revirar os olhos sobre tudo o que ela quiser. Isso não muda como ela reagia aos meus dedos arrastando através da parte de trás do seu pescoço.

Vejo-a caminhar em direção ao restaurante, e percebo que eu a tenho descoberto já. Quanto mais ela gosta de mim, mais fechada ela se torna. Quanto mais sarcasmo ela inflige em mim. Marcas para vulnerabilidades, que a fazem se sentir fraca, por isso ela está fingindo ser mais difícil do que ela realmente é. Eu acho que o velho Silas sabia isso sobre ela também. É por isso que ele a amava, porque, aparentemente, ele gostou do jogo que jogaram.

Aparentemente, eu também, porque mais uma vez, eu estou seguindo.

Nós caminhamos através da porta do restaurante e Charlie diz: —Duas pessoas, cabine, por favor, — antes da hostess ter a chance de perguntar. Pelo menos ela disse — *por favor*.

—Por aqui, — diz a mulher.

O restaurante é silencioso e escuro, um forte contraste com o barulho e luzes de néon de Bourbon Street. Nós suspiramos um alívio coletivo, uma vez que estamos sentados. A garçonete nos entrega nossos menus e leva nossa ordem de bebida. De vez em quando, Charlie levanta a mão para a parte de trás do pescoço dela, como se ela pudesse sentir o esboço da tatuagem.

—O que você acha que isso significa? — Diz ela, ainda olhando para o menu na frente dela.

Eu dou de ombros. —Eu não sei. Talvez você gostasse de florestas? — Eu olho para ela. —Estes contos de fadas que você falou a respeito. Será que todas elas têm lugar nas florestas? Talvez o homem que precisa quebrar seu feitiço com um beijo seja o lenhador que vive na floresta.

Seus olhos encontram os meus e eu posso dizer que minhas piadas estão a enervá-la. Ou talvez ela esta brava porque ela acha que eu sou engraçado. —Pare de fazer piada de mim, — diz ela. —Nós acordamos sem nossas memórias no mesmo exato momento, Silas. Nada é mais absurdo do que isso. Mesmo contos de fadas com lenhadores.

Eu sorrio inocente e olho para a minha mão. —Eu tenho calos, — eu digo a ela, levantando minha mão e apontando para a pele áspera da palma da minha mão. —Eu poderia ser seu lenhador.

Ela revira os olhos novamente, mas desta vez ri. —Você provavelmente tem calos de se masturbar também.

Eu ergo minha mão direita. —Porém, eles estão em ambas às mãos, não apenas na minha esquerda.

—Ambidestro, — ela não demonstra nenhuma expressão.

Nós dois sorrimos quando nossas bebidas são colocadas na nossa frente. —Prontos para pedir? — A garçonete pergunta.

Charlie escaneia rapidamente o menu e diz: —Eu odeio que não possamos lembrar o que gostamos. — Ela olha para cima para a garçonete. —Vou levar um queijo grelhado, — diz ela. —É seguro.

—Burger e batata frita, sem maionese, — eu digo a ela. Nós devolvemos nossos menus e eu redireciono o foco para o Charlie. —Você ainda não tem dezoito. Como você poderia fazer uma tatuagem?

—O Bourbon Street não parece ser um defensor de regras, — diz ela. —Acho que tenho uma identidade falsa escondida em algum lugar.

Abro o motor de busca no meu telefone. —Eu vou tentar descobrir o que significa. Eu estou ficando muito bom nessa coisa do Google. — Eu passo os próximos minutos procurando cada sentido

possível de árvores e florestas e aglomerados de árvores. Só quando eu acho que estou no caminho certo, ela puxa o meu telefone longe e define-o na mesa.

—Levante-se, — diz ela enquanto ela se mantém. —Nós estamos indo para o banheiro. — Ela pega a minha mão e me puxa para fora da cabine.

—Juntos?

Ela balança a cabeça. —Sim.

Eu olho para a parte de trás de sua cabeça enquanto ela se afasta de mim, então de volta para a cabine vazia. O que...

—Vamos lá, — diz ela sobre o ombro.

Eu a sigo até o corredor que leva para os banheiros. Ela empurra as portas do banheiro das mulheres e espreita no interior, em seguida, puxa a cabeça para fora. —É um único box. Está vazio, — diz ela, segurando a porta aberta para mim.

Faço uma pausa e olho para o banheiro dos homens, o que parece perfeitamente bem, então eu não sei por que ela... —Silas! — Ela agarra meu braço e me puxa para dentro do banheiro. Uma vez que estamos dentro, eu meio que esperava que ela envolvesse os braços em volta do meu pescoço e me beijasse por que... Por que mais estaríamos aqui juntos?

—Tira sua camisa.

Olho para minha camisa.

Eu olho para trás para ela. —Será que estamos... Estamos prestes a fazer sexo? Porque eu não posso imaginá-la a descer assim.

Ela geme e atinge a frente, puxando a barra da minha camisa. Eu a ajudo a puxá-la sobre a minha cabeça quando ela diz: —Eu quero ver se você tem alguma tatuagem, idiota.

Eu desinflo.

Eu me sinto como um jovem de dezoito anos de idade, que foi simplesmente enrolado. Eu acho que estou meio... Ela me vira e, quando eu enfrento o espelho, ela engasga. Seus olhos se fixam em minhas costas. Os meus músculos estão tensos sob seu toque, quando as pontas dos dedos cumprem o meu ombro direito. Ela traça um círculo, abrangendo um raio de vários centímetros. Eu aperto meus olhos fechados e tento controlar o meu pulso. De repente, me sinto mais bêbado do que todos no Bourbon Street combinados. Eu estou segurando o balcão em frente de mim, porque ela tem os dedos na... Minha pele.

—Jesus, — eu gemo, deixando cair a cabeça entre os ombros. *Concentre-se Silas.*

—O que há de errado? — Pergunta ela, parando sua inspeção da minha tatuagem. —Não faz mal, não é?

Eu libero uma risada, porque suas mãos sobre mim são o oposto de dor. —Não, Charlie. Não faz mal.

Meus olhos encontram os dela no espelho e ela olha para mim por alguns segundos. Quando finalmente registra o que está fazendo, ela olha para longe e puxa sua mão das minhas costas. Suas bochechas estão vermelhas.

—Coloque sua camisa e vá esperar a nossa comida, — ela exige. —Eu tenho que fazer xixi.

Eu libero o meu domínio sobre o balcão e inspiro profundamente colocando minha camisa por cima da minha cabeça. Na

minha caminhada de volta para a nossa mesa, eu percebo que eu nunca sequer perguntei a ela o que a tatuagem era.



—Um colar de pérolas, — diz ela, enquanto desliza para dentro da cabine. —Pérolas negras. É cerca de seis centímetros de diâmetro.

—Pérolas?

Ela balança a cabeça.

—Como um... Colar?

Ela balança a cabeça novamente e toma um gole de sua bebida. —Você tem uma tatuagem, um colar de mulher nas costas, Silas. — Ela está sorrindo agora. — Muito lenhador.

Ela está gostando disso. —Sim, bem. Você tem árvores em sua costa. Não há muito para se gabar. Você provavelmente vai ter cupins.

Ela ri alto e isso me faz rir também. Ela move o canudo ao redor em sua bebida e olho para ela. —Conhecendo-me... — ela faz uma pausa. —Conhecendo de Charlie, ela não teria chegado a uma tatuagem a menos que ela realmente significasse alguma coisa para ela. Tinha que ser algo que ela sabia que nunca se cansaria. Nunca pararia de amar.

Duas palavras familiares passam para fora em sua sentença. —Nunca Nunca, — eu sussurro.

Ela olha para mim, reconhecendo a frase que repetimos um ao outro no vídeo. Ela inclina a cabeça para o lado. —Você acha que tem algo a ver com você? Não é Silas? — Ela balança a cabeça, em silêncio

em desacordo com a minha sugestão, mas eu começo a percorrer o meu telefone.

—Charlie não seria tão estúpida, — acrescenta ela. —Ela não iria colocar tinta em sua pele em algo que estivesse relacionado com um cara. Além disso, o que as árvores têm a ver com você?

Eu encontro exatamente o que eu estou procurando e, tanto quanto eu estou tentando manter uma cara séria, eu não posso parar de sorrir. Eu sei que é um sorriso presunçoso e eu provavelmente não deveria estar olhando para ela assim, mas eu não posso me ajudar. Eu entrego o telefone e ela olha para a tela e lê em voz alta.

—A partir de um nome grego que significa florestas ou matas. — Ela olha para mim. —Então, é o significado de um nome?

Concordo com a cabeça. Ainda presunçoso. —Vá para cima.

Ela rola a tela com um golpe de seu dedo e separa parte dos lábios com um suspiro. —Derivado do termo grego – Silas. — Sua boca está fechada em grampos e sua mandíbula endurece. Ela me dá de volta o telefone e fecha os olhos. Sua cabeça se move lentamente para trás e para frente. —Ela tem uma tatuagem com o significado de seu nome?

Como esperado, ela está fingindo estar decepcionada com ela mesma.

Como esperado, sinto-me triunfante.

—Você tem uma tatuagem, — eu digo a ela, apontando o dedo em sua direção. —É em você. Sua pele. Meu nome. — Eu não posso parar com o sorriso estúpido estampado no meu rosto. Ela revira os olhos novamente, quando a nossa comida é colocada na nossa frente.

Eu empurro o meu lado e procuro o significado para o nome de Charlie. Eu não encontro qualquer coisa que pudesse ser pérolas,

nem perto. Depois de alguns minutos, ela finalmente suspira e diz: — Tente Margaret. Meu nome do meio.

Eu procuro o nome de Margaret e leio os resultados em voz alta.

—Margaret, a partir do termo grego que significa pérola.

Eu coloco o meu telefone para baixo. Eu não sei por que parece que eu só ganhei uma aposta, mas eu me sinto vitorioso.

—É uma coisa boa que você está me dando um novo nome, — diz ela, de fato.

Um novo nome a minha bunda.

Eu puxo meu prato na minha frente e pego uma batata frita. Eu aponto para ela e pisco. —Estamos com a marca. Você e eu. Estamos tão apaixonados, Charlie. Você está se sentindo ainda? Eu faço seu coração palpitar?

—Estas não são as nossas tatuagens, — diz ela.

Eu balanço minha cabeça. —Amarrada, — repito. Eu levanto o meu dedo indicador como se eu estivesse apontando por cima do ombro. —Ali. Permanentemente. Pra Sempre.

—Deus, — ela geme. —Cale a boca e coma seu hambúrguer.

Eu como. Eu como a coisa toda com um sorriso de comedor de merda.



—E agora? — Eu pergunto, recostando-me no meu lugar. Ela mal tocou sua comida e eu tenho certeza que eu só quebrei um recorde com o quão rápido eu comi.

Ela olha para mim e eu posso ver pela trepidação em sua expressão que ela já sabe o que ela quer fazer a seguir, ela apenas não quer levá-lo.

—O que é?

Seus olhos estreitam. —Eu não quero que você faça um comentário espertinho em resposta ao que eu estou prestes a sugerir.

—Não, Charlie, — eu digo imediatamente. —Nós não estamos fugindo esta noite. As tatuagens são bastante compromisso por enquanto.

Ela não revira os olhos da minha piada neste momento. Ela suspira, derrotada, e se inclina para trás em seu assento.

Eu odeio a reação dela. Eu gosto muito mais quando ela revira os olhos para mim.

Eu chego do outro lado da mesa e cobro-lhe a mão com a minha, esfregando o polegar sobre a dela. —Sinto muito, — eu digo. —O sarcasmo só faz essa coisa toda se parecer um pouco menos assustadora. — Eu removo a minha mão da dela. —O que você quer dizer? Estou ouvindo. Prometo. Honra de lenhador.

Ela ri com um pequeno rolar de seus olhos e eu estou aliviado. Ela olha para mim e se desloca em seu assento, em seguida, começa a brincar com seu canudo novamente. —Passamos por algumas... Lojas de tarô. Eu acho que talvez nós devêssemos começar uma leitura.

Eu nem mesmo pisco no seu comentário. Eu apenas aceno e puxo a minha carteira do meu bolso. Eu coloco o suficiente de dinheiro na mesa para cobrir a nossa conta e, em seguida, eu me levanto. —Eu concordo, — eu digo a ela, estendendo-lhe a mão.

Na verdade, eu não concordo, mas eu me sinto mal. Estes últimos dois dias têm sido desgastantes e eu sei que ela está cansada. O mínimo que posso fazer é tornar isso mais fácil para ela, apesar de saber que esta besteira de mistificação não vai nos iluminar de forma alguma.

Passamos algumas lojas de tarô durante a nossa pesquisa, mas Charlie balança a cabeça cada vez que eu aponto uma.

Eu não tenho certeza do que ela está procurando, mas eu realmente gosto de andar pelas ruas com ela, então eu não estou reclamando. Ela está segurando a minha mão, e às vezes eu coloco meu braço em torno dela e a puxo contra mim quando os caminhos se tornam demasiado estreitos. Eu não sei se ela percebeu, mas eu tenho nos levado através de um lote destes caminhos estreitos desnecessariamente. Toda vez que eu vejo uma grande multidão, eu aponto para ela. Afinal de contas, ela ainda é meu plano B.

Após cerca de meia hora a mais de caminhada, parece que estamos chegando ao fim do bairro francês.

As multidões estão diminuindo, dando-me menos desculpas para puxá-la para mim. Algumas das lojas que estamos passando estão fechadas. Tornamos mais de St. Philip Street, quando ela faz uma pausa na frente de uma janela de galeria de arte.

Eu estou ao seu lado e olho para as telas iluminadas no interior do edifício. Existem peças suspensas no teto em corpo de plástico, e gigantes, metal dando vida do mar agarrado às paredes. A tela principal está diretamente na nossa frente, só acontece de ser um pequeno colar de pérolas vestindo – cadáver.

Ela bate o dedo contra o vidro, apontando para o cadáver. — Olha, — diz ela. —Sou eu. — Ela ri e move sua atenção para outro lugar dentro da loja.

Eu não estou olhando para o cadáver. Eu não estou olhando dentro da loja.

Eu estou olhando para ela.

As luzes de dentro da galeria estão iluminando sua pele, dando-lhe um brilho que realmente a faz parecer um anjo. Eu quero passar a mão em suas costas e sentir as asas reais.

Seus olhos se movem de um objeto para outro, enquanto ela estuda tudo além da janela. Ela olha para cada pedaço com perplexidade. Faço uma nota mental para trazê-la de volta aqui quando estiverem realmente abertos. Eu não posso imaginar o que ela ia parecer realmente ao ser capaz de tocar uma das peças.

Ela olha para a janela mais alguns minutos e eu continuo a olhar para ela, só que agora eu tenho dois passos e eu estou de pé bem atrás dela. Eu quero ver a tatuagem dela de novo, agora que eu sei o que significa. Eu envolvo minha mão em torno de seu cabelo e escovo-o para frente, por cima do ombro. Eu meio que esperava que ela chegasse atrás dela e me desse um tapa na minha mão, mas em vez disso, ela suga em uma corrida rápida de ar e olha para seus pés.

Eu sorrio, lembrando o que senti quando ela passou os dedos sobre a minha tatuagem. Eu não sei se eu a fiz sentir o mesmo, mas ela está de pé ainda, permitindo que os meus dedos deslizem para dentro da gola de sua camisa novamente.

Eu engulo o que sinto como três batimentos cardíacos inteiros. Gostaria de saber se ela sempre teve esse efeito sobre mim.

Eu puxo a blusa para baixo, revelando a sua tatuagem. Uma pontada atira através do meu estômago, porque eu odeio que nós não temos essa memória. Eu quero lembrar a discussão que tivemos quando decidimos fazer essa coisa permanente. Eu quero lembrar quem trouxe a idéia primeiro. Eu quero lembrar o que senti quando a agulha

perfurou minha pele pela primeira vez. Eu quero lembrar como nos sentimos antes.

Eu corro o meu polegar sobre a silhueta das árvores enquanto curvo o resto da minha mão sobre os ombros, sobre a pele coberta de calafrios novamente. Ela inclina a cabeça para o lado e o mais ínfimo dos choramingos escapa da garganta dela.

Eu aperto meus olhos fechados. —Charlie?— Minha voz é como uma lixa. Pigarreio para alisá-la para fora. —Eu mudei de idéia, — eu digo em voz baixa. —Eu não quero dar-lhe um novo nome. Eu meio que amo o seu antigo agora.

Espero.

Aguardo sua resposta sarcástica. Por sua risada.

Eu espero por ela para empurrar minha mão longe da sua nuca.

Fico sem reação dela. Nada. O que significa que eu recebo tudo.

Eu mantenho a minha mão em suas costas enquanto eu lentamente passo ao seu redor. Eu estou de pé entre ela e a janela agora, mas ela mantém os olhos voltados para o chão. Ela não olha para mim, porque eu sei que ela não gosta de se sentir fraca. E agora, eu estou fazendo seu fraco. Eu trago a minha mão livre para frente e passo meus dedos até o queixo, inclinando o rosto para o meu.

Quando vejo seus olhos, eu sinto que estou encontrando um novo lado dela. Um lado dela sem determinação. O lado vulnerável. Um lado que está a permitindo sentir alguma coisa. Eu quero sorrir e perguntar como se sente ao estar apaixonada, mas eu sei que se provocá-la neste momento iria irritá-la e ela iria embora e eu não posso deixar isso acontecer. Agora não. Não quando eu finalmente começo a

catalogar uma memória real com todas as numerosas fantasias que eu tive sobre sua boca.

Sua língua desliza através de seu lábio inferior, causando inveja a vibrar através de mim, porque eu realmente queria ser o único a fazer isso com o seu lábio.

Na verdade... Eu acho que eu vou.

Eu começo a mergulhar minha cabeça, assim quando ela pressiona as mãos contra meus braços. —Olha, — diz ela, apontando para o prédio ao lado. A luz bruxuleante roubou-lhe a atenção e eu quero amaldiçoar o universo pelo simples fato de que uma lâmpada apenas interferiu com o que estava prestes a se tornar o meu favorito absoluto das poucas lembranças.

Eu sigo o olhar para um sinal de que não parece ser diferente de todos os outros sinais de tarô que temos passado. A única coisa diferente sobre este é apenas que está completamente arruinando o meu momento. E caramba, foi um bom momento. Grande, homem. Charlie também estava sentindo, e eu não sei quanto tempo vai me levar de volta a isso.

Ela está andando na direção da loja agora. Eu sigo atrás dela como um cachorrinho doente de amor.

O edifício não é marcado e isso me faz pensar sobre que era pouco confiável, a luz de bosta que a afastou da minha boca. As únicas palavras que indicam que isso é mesmo uma loja são os — Sem Câmeras, — sinais rebocados em cada janela enegrecida.

Charlie coloca as mãos na porta e empurra. Sigo-a para dentro e nós estamos de pé em breve ao que parece ser o centro de uma turística loja de presentes vodu. Há um homem que está atrás de um registro e poucas pessoas visitando os corredores.

Eu tento levar tudo enquanto eu sigo Charlie através da loja. Ela coloca dedos em tudo, toca as pedras, os ossos, os frascos de bonecos de vodu em miniatura. Nós silenciosamente fazemos o nosso caminho para baixo de cada corredor até chegarmos à parede de trás. Charlie não chega... Pega a minha mão e aponta para um quadro na parede. —A porta, — diz ela. —Você tirou uma foto dessa porta. É a única pendurada na minha parede.

—Posso lhe ajudar?

Nós dois giramos ao redor de um grande homem, grande realmente, com orelhas aferidas e um anel de lábio, está olhando fixamente para baixo para nós.

Eu meio que quero pedir desculpas a ele e deixar o mais rápido que pudermos, mas Charlie tem outros planos. —Você sabe o que esta porta está guardando? A da foto? — Charlie pergunta a ele, apontando por cima do ombro.

Os olhos do homem levantam para a moldura da imagem. Ele dá de ombros.

—Deve ser novo, — diz ele. —Eu nunca tinha notado isso antes. — Ele olha para mim, arqueando uma sobrancelha adornada com vários piercings. Um que é um pequeno osso...? É um osso furando através de sua sobrancelha? —Vocês dois estão à procura de algo em particular?

Eu balanço minha cabeça e começo a responder, mas as minhas palavras são cortadas por outra pessoa.

—Eles estão aqui para me ver. — Uma mão alcança através de uma cortina de contas à nossa direita. Uma mulher sai, e Charlie imediatamente fica contra mim. Eu envolvo meu braço em torno dela. Eu não sei por que ela está permitindo este lugar assustá-la. Ela não

parece ser do tipo que acredita neste tipo de coisa, mas eu não estou reclamando. Charlie assustada significa um Silas com muita sorte.

—Dessa forma, — a mulher diz, apontando para nós para segui-la. Eu começo a opor-me, mas depois me lembro que lugares como este... Eles são tudo sobre teatro. É Halloween 365 dias por ano. Ela está apenas jogando uma peça. Ela é diferente de Charlie e eu, fingindo ser duas pessoas que não são.

Charlie olha para mim, em silêncio, pedindo permissão para segui-la. Concordo com a cabeça e seguimos a mulher através da cortina de toco, uma de pérolas e demoram mais estreitas em crânios de plástico. Agradável de tocar.

O quarto é pequeno e todas as paredes são cobertas com grossas cortinas em veludo preto. Há velas acesas ao redor da sala, cintilações de luz lambem as paredes, o chão, nós. A mulher toma um assento em uma pequena mesa no centro da sala para nos sentar em duas cadeiras em frente a ela. Eu mantenho a mão de Charlie envolta firmemente na minha quando nós dois sentamos.

A mulher começa a embaralhar lentamente um baralho de cartas de tarô. —Leitura conjunta, eu presumo? — Ela pergunta.

Nós dois acenamos a cabeça. Ela entrega a Charlie o baralho e pede a ela para mantê-lo. Charlie leva-o a partir dela e junta às mãos em torno dele. A mulher cutuca a cabeça para mim. —Ambos. Os embaralhe.

Eu quero revirar os olhos, mas ao invés disso eu chego a minha mão em Charlie e coloco no baralho com ela.

—Você precisa querer a mesma coisa fora desta leitura. Várias leituras podem, por vezes, se sobrepor quando não existe coesão. É importante que o seu objetivo seja o mesmo.

Charlie concorda. —Eles são.

Eu odeio o desespero em sua voz, como se nós estivéssemos indo realmente para obter uma resposta. Certamente ela não acredita nisso.

A mulher atravessa a tomar os cartões de nossas mãos. Seus dedos escovam os meus e eles estão gelados como o frio. Eu puxo minha mão para trás e pego Charlie, movendo-a para o meu colo.

Ela começa, colocando as cartas na mesa, uma por uma. Elas estão todas de barriga para baixo. Quando ela termina, ela me pede para puxar uma carta do baralho. Quando eu entrego-lhe o cartão, ela a separa das demais. Ela aponta para ela. —Este carta lhe dará a sua resposta, mas as outras cartas explicam o caminho para a sua pergunta.

Ela coloca os dedos sobre o cartão no meio. —Esta posição representa a sua situação atual. — Ela vira a outra.

—Morte? — Charlie sussurra. Sua mão aperta a minha.

A mulher olha para Charlie e inclina a cabeça. —Não necessariamente uma coisa ruim, — diz ela. —A morte do cartão representa uma grande mudança. A reforma. Vocês dois têm experimentado uma perda de sortes.

Ela toca outro cartão. —Esta posição representa o passado imediato. — Ela vira-o e antes de olhar para o cartão, eu posso ver os olhos da mulher estreitados. Os olhos caem para o cartão. O Diabo.

—Isso indica que algo ou alguém estava escravizando você no passado. Pode representar um número de coisas perto de você. A influência dos pais. Uma relação doentia. — Seus olhos encontram os meus. —Cartões invertidos refletem uma influência negativa, e, embora

ele representa o passado, também pode significar que você está atualmente em uma transição.

Seus dedos caem para outro cartão. —Esta carta representa o seu futuro imediato. — Ela desliza no cartão em direção a ela e vira sobre isso. Um suspiro tranquilo cai de sua boca e sinto Charlie vacilar. Olho para ela e ela está olhando fixamente para a mulher, à espera de uma explicação. Ela olha aterrorizada.

Eu não sei que tipo de jogo esta mulher está jogando, mas está começando a me irritar...

—O cartão Torre? — Diz Charlie. —O que quer dizer isso?

A mulher vira o cartão para trás como se fosse a pior carta do baralho. Ela fecha os olhos e sopra um longo suspiro. Seus olhos se abrem de novo e ela está olhando diretamente para Charlie. —Isto significa... Destruição.

Eu rolo meus olhos e empurro para trás da mesa. —Charlie, vamos sair daqui.

Charlie me olha suplicante. —Estamos quase terminando, — diz ela.

Eu cedo e volto para a mesa.

A mulher vira mais duas cartas, explicando-lhes para Charlie, mas eu não ouvi uma única palavra do que ela diz. Meus olhos vagueiam em torno do quarto enquanto eu tento ser paciente e deixá-la terminar, mas eu sinto que estamos perdendo tempo.

A mão de Charlie começa espremer a vida fora da minha, então eu volto minha atenção para a leitura. Os olhos da mulher estão bem fechados e seus lábios estão se movendo. Ela está murmurando palavras que eu não posso decifrar.

Charlie fica mais perto de mim, e eu instintivamente envolvo meu braço em torno dela. —Charlie, — eu sussurro, fazendo-a olhar para mim. —É teatralidade. Ela é paga para fazer isso. Não tenha medo.

Minha voz tem que quebrar a mulher que sai do transe convenientemente cronometrado. Ela está batendo na mesa, tentando chamar nossa atenção, como se ela não estivesse fora da terra para a última hora e meia.

Seus dedos caem para o cartão que eu puxei para fora do baralho. Seus olhos encontraram os meus, e, em seguida, eles se movem para Charlie. —Este cartão, — diz ela lentamente. —É o seu cartão de resultado. Combinado com os outros cartões na leitura, o que lhe dá a resposta para porque você está aqui. — Ela vira o cartão.

A mulher não se move. Seus olhos estão bloqueados no cartão sob seus dedos. O quarto cresce estranhamente quieto, e, como se fosse um sinal, uma das velas perde a sua chama. Outro toque agradável, eu acho.

Eu olho para o cartão de resultado. Não existem palavras sobre ele. Sem titulo. Sem fotos.

O cartão está vazio.

Eu posso sentir Charlie endurecer em meus braços enquanto ela olha para o cartão em branco em cima da mesa. Enfio a volta à mesa e puxo Charlie. —Isso é ridículo, — eu digo em voz alta, acidentalmente batendo minha cadeira.

Eu não estou chateado que a mulher está tentando nos assustar. É o seu trabalho. Eu estou chateado porque ela está, na verdade, assustando Charlie, mas ela está mantendo-se nesta fachada ridícula.

Eu tomo o rosto de Charlie em minhas mãos e a olho nos olhos. —Ela plantou esse cartão para assustá-la Charlie. Isso tudo é besteira. — Eu levo as duas mãos e começo a levá-la em direção à saída.

—Não existem cartões em branco no meu baralho de tarô, — diz a mulher.

Faço uma pausa nas minhas pernas e viro-me para encará-la. Não por causa do que ela disse, mas por causa da maneira como ela disse. Ela parecia assustada.

Assustada por nós?

Eu fecho meus olhos e expiro. *Ela é uma atriz, Silas. Acalme sua merda.*

Abro a porta e puxo Charlie fora. Eu não paro de andar até que estamos em torno do edifício e em outra rua. Quando estamos longe da loja e longe da cintilação maldita do sinal, eu paro de andar e a puxo contra mim. Ela envolve seus braços em volta da minha cintura e enterra a cabeça contra meu peito.

—Esqueça tudo isso, — eu digo, esfregando minha mão em círculos tranquilizadores sobre suas costas. —Adivinhação, leituras de tarô... Isso é ridículo, Charlie.

Ela puxa o rosto da minha camisa e olha para mim. —Pois é. Ridícula como a de nós acordarmos na escola, sem nos lembrar de quem somos?

Eu fecho meus olhos e afasto-me dela. Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, a frustração do dia se aproxima de mim. Eu posso fazer a luz de tudo isso com minhas piadas. Posso descartar suas teorias de tarô, leituras de contos de fadas, simplesmente porque não faz sentido para mim. Mas ela está certa. Nada disso faz sentido. E

quanto mais tentamos descobrir o mistério, mais eu sinto que estamos perdendo nosso maldito tempo.



12
Charlie

Seus lábios tremem e ele balança a cabeça. Ele quer sair daqui. Eu posso sentir o seu nervosismo.

—Talvez devêssemos voltar e fazer perguntas mais detalhadas, — sugiro.

—De jeito nenhum, — diz ele. —Eu não estou entretendo isso de novo. — Ele começa a se afastar, e eu considero voltar lá. Estou prestes a tomar o meu primeiro passo em direção à loja quando o sinal de — ABERTO — na janela desliga. A loja está na escuridão repentina. Eu mastigo no interior da minha bochecha. Eu poderia voltar quando Silas não estivesse por perto. Talvez ela fale mais comigo.

—Charlie! — Ele chama.

Eu corro atrás dele até que nós estamos caminhando lado a lado novamente. Podemos ver a nossa respiração enquanto caminhamos. *Quando começou a fazer este frio?* Eu esfrego as mãos juntas.

—Eu estou com fome, — eu digo.

—Você está sempre com fome. Eu nunca vi alguém tão pequeno comer tanto.

Ele não oferece me alimentar, então eu continuo a caminhar ao lado dele. —O que aconteceu lá? — pergunto. Estou tentando fazer uma piada sobre isso, mas o meu estômago se sente engraçado.

—Alguém tentou nos assustar. É isto.

Eu olho para Silas. Principalmente tudo juntos, exceto aqueles ombros, que estão tensos. —Mas se ela estiver certa? E se não havia nenhum cartão em branco em seu baralho de tarô?

—Não, — diz ele. —Apenas não.

Eu mordo meu lábio e contorno um homem dançando para trás pela calçada.

—Eu não entendo como você pode rejeitar algo tão facilmente, considerando as circunstâncias, — eu digo por entre os dentes. —Não acha...

—Porque não falamos de outra coisa, — diz Silas.

—Certo, como o que nós vamos fazer na próxima semana? Ou sobre como falamos sobre o que fizemos no último final de semana? Ou talvez a gente fale sobre... — eu bato a minha mão contra a minha testa. —The Crush Eletric Diner. — Como eu poderia esquecer isso?

—O quê? — Silas pergunta. — O que é isso?

—Nós estávamos lá. Você e eu, na semana passada. Eu encontrei um recibo no meu bolso jeans.

Silas está me ouvindo contar tudo isso com um olhar de incômodo leve no rosto. —Eu levei Janette lá para jantar na última noite. Um garçom me reconheceu.

—Hey! — Ele grita por cima do meu ombro. —Se você tocá-la eu vou te quebrar ao meio!

Eu olho para trás e vejo um homem apontando um dedo de espuma na minha bunda. Ele recua quando vê o olhar no rosto de Silas.

—Por que você não me disse isso? — Silas diz baixinho, direcionando sua atenção para mim. —Isso é não como leitores de tarô, isso é algo importante.

—Eu realmente não sei. Eu queria...

Ele pega a minha mão, mas desta vez não é para o prazer de nossas palmas pressionando juntas. Ele me arrasta pela rua com uma mão enquanto digita algo em seu telefone com a outra. Estou impressionada e levemente irritada por ter sido levada a gostar disso. Podemos ter sido algo em nossa outra vida, mas nesta vida eu nem sei seu nome do meio.

—Está na North Rampart Street, — eu digo, solícita.

—Sim.

Ele está chateado. Eu meio que gosto das qualidades escuras dele. Passamos por um parque com uma fonte. Vendedores de rua criaram suas obras de arte ao longo da cerca; eles olham para nós passando. Silas está dando um passo para cada três meu. Eu acompanho. Caminhamos até que meus pés doem e, finalmente, eu arranco a minha mão livre da dele.

Ele para e se vira.

Eu não sei o que dizer, ou por que eu estou com raiva, assim eu coloco minhas mãos em meus quadris e o encaro.

—O que há de errado com você? — Diz ele.

—Eu não sei! — Grito. —Mas você não pode simplesmente arrastar-me ao redor da cidade! Eu não posso andar tão rápido quanto você e meus pés doem.

Isso parece familiar. Porque isto parece familiar?

Ele olha para o lado e eu posso ver os músculos que trabalham em sua mandíbula. Ele se vira para mim e tudo acontece rapidamente. Ele dá dois passos e me arrebata fora de meus pés. Em seguida, ele retoma o seu ritmo comigo quicando muito ligeiramente em seus braços. Depois do meu grito inicial, eu sossego e aperto os braços em volta do seu pescoço. Eu gosto dele aqui em cima, onde eu posso cheirar seu perfume e tocar sua pele. Não me lembro de perfume entre as coisas de Charlie, e eu duvido que eu teria pensado em colocar qualquer um. O que isso diz sobre Silas? Que, no meio de tudo isso, ele pensou pegar uma garrafa ou colônia spray em seu pescoço antes que ele saiu de casa esta manhã. Ele sempre foi o tipo de pessoa que se preocupava com as pequenas coisas como cheirar bem?

Comigo presa a esses pensamentos, Silas pára para perguntar a uma mulher que caiu na rua, se ela está bem.

Ela está bêbada e desleixada. Quando ela tenta se levantar, ela pisa na bainha de seu vestido e cai de volta. Silas me estabelece na calçada e vai ajudá-la.

—Você está sangrando? Você machucou a si mesma? — Pergunta ele. Ele a ajuda ficar de pé, a leva de volta para onde eu estou à espera. Ela agradece suas palavras e lhe dá um tapinha no rosto, e me pergunto se ele sabia quando ele foi para ajudar que ela era sem-teto. Eu não iria tocá-la. Ela cheira mal. Eu passo longe de ambos, e assisto-o olhá-la. Ele está preocupado. Ele mantém os olhos sobre ela até que ela tropeça a descer a rua seguinte, e, em seguida, ele balança a cabeça para me encontrar.

Neste momento — agora — é tão claro para mim como Charlie é. Ela não é tão boa quanto Silas. Ela o ama porque ele é tão diferente dela. Talvez por isso ela ficou com Brian, porque ela não podia viver como Silas.

Como eu não posso.

Ele meio que sorri para mim, e eu acho que ele está com vergonha de ser pego sendo carinhoso. —Pronta?

Quero dizer-lhe que o que ele fez foi bom, mas — bom — é uma palavra tão boba para a bondade. Qualquer um poderia fingir ser legal. O que Silas fez foi inato. Bondade em negrito. Eu não tive quaisquer pensamentos como esses.

Eu penso sobre a menina na sala de aula na primeira manhã que deixou cair seus livros aos meus pés. Ela olhou para mim com medo. Ela me esperava para não ajudar. E mais. O que mais?

Silas e eu caminhamos em silêncio. Ele verifica seu telefone a cada poucos minutos para se certificar de que estamos indo na direção certa e eu verifico seu rosto. Gostaria de saber se isso é como uma paixão se parece. Se assistir a um homem ajudar a mulher é suposto ilícito esses tipos de sentimentos. E então nós estamos aqui. Ele aponta o outro lado da rua e concordo com a cabeça.

—Sim, é isso.

Mas é quase. O restaurante se transformou desde que eu estive aqui com Janette. É alto e esta bombando.

Há homens alinhados na calçada fumando; que se separam para nós, quando passamos. Eu posso sentir o baixo nos meus tornozelos enquanto estamos de pé do lado de fora das portas. Eles abrem para nós quando um grupo sai. A menina passa por mim rindo, o casaco de pele rosa roçando meu rosto. No interior, as pessoas estão defendendo seu espaço com os cotovelos e projetando os quadris. Pessoas nos encaram quando andamos por ali. Este é o meu espaço, de volta ao largo. Eu estou à espera para o resto do meu grupo – me manter em movimento. Nós ignoramos os poucos lugares vazios em favor de uma curta mais profunda dentro do prédio. Nós pressionamos no meio da multidão, andando de lado, e vacilo quando um estridente riso explode próximo a nós. Uma bebida derrama sobre meus sapatos,

alguém se desculpa. Eu nem sequer sei quem, porque é muito escuro. E então alguém chama nossos nomes.

—Silas! Charlie! Aqui!

Um menino e... Quem era aquela menina que me pegou esta manhã? Annie... Amy?

—Hey, — diz ela, quando nos aproximamos. —Eu não posso acreditar que você realmente veio para cá depois do último fim de semana.

—Por que não? — Pergunta Silas.

Eu tomo o assento que me foi oferecido e encaro fixamente os três.

—Você aperta um cara, joga ao longo de um par de mesas e me pergunta por que você não deve voltar? — O menino diz, juntamente com uma risada. Acho que ele é namorado de Amy pela forma como ele olha para ela como se estivessem em alguma coisa juntos. A vida, talvez.

É como Silas e eu nos entreolhamos. Exceto que estamos realmente em algo juntos.

—Você agiu como um idiota, — diz ela.

—Amy, — diz o menino de reposição. —Não.

Amy!

Eu quero saber mais sobre esta pessoa que Silas deu um soco.

—Ele merecia isso, — eu digo. Amy levanta as sobrancelhas e balança a cabeça. Tudo o que ela está pensando, ela está com muito medo de dizer, porque ela se afasta. Eu tento o namorado seguinte. —

Você não acha? — Eu pergunto inocentemente. Ele dá de ombros. Vai para sentar ao lado de Amy. Eles estão todos com medo de mim, eu acho, mas por quê?

Eu peço uma Coca-Cola. A cabeça de Amy se encaixe em torno para olhar para mim quando ela ouve.

—Coca regular? Não Diet?

—Eu pareço como se precisasse beber diet? — Eu agarro. Ela encolhe. Eu não sei de onde veio isso, juro por Deus. Eu nem sequer sei o quanto eu peso. Eu decido calar a boca e deixar Silas fazer o detetive trabalhar antes que eu ofenda alguém novamente. Ele cai ao lado do namorado de Amy e eles começam a conversar.

A música faz com que seja impossível espionar, e Amy está fazendo seu melhor para não olhar para mim, então eu assisto as pessoas.

Pessoas... Todos eles têm memórias... Sabem quem eles são. Estou com inveja.

—Vamos, Charlie. — Silas está de pé em cima de mim, esperando. Amy e seu namorado estão nos observando do outro lado da mesa. É uma grande mesa, gostaria de saber quem mais está vindo para se juntar a eles e como muitas das pessoas me odeiam.

Fora do restaurante e de volta para a rua. Silas pigarreia.

—Entrei em uma luta.

—Eu ouvi, — eu digo. —Disseram para você quem era?

—Sim.

Eu espero e, quando ele não oferece as informações, eu digo: —Bem...?

—Eu soquei o proprietário no rosto. O pai de Brian.

Minha cabeça se encaixa ao redor. —Que diabos?

—Sim, — diz ele. Ele esfrega a nuca no queixo, pensativo. — Porque ele disse algo sobre você...

—Eu? — Recebo uma sensação de mal estar no estômago. Eu sei o que está por vir, mas eu não sei o que está por vir.

—Ele me disse que ele estava dando-lhe um emprego como garçonete...

Ok, isso não é tão ruim. Precisamos do dinheiro.

—Porque você era a garota de Brian. Então eu dei um soco, eu acho.

—Droga.

—Pois é. Aquele garoto disse que precisava sair antes do pai de Brian chamar a polícia.

—Os policiais? — Faço eco.

—Eu acho que o pai de Brian e meu pai trabalharam juntos em algumas coisas. Ele concordou em não prestar queixa na semana passada, por causa disso, mas eu não posso voltar para lá. Além disso, Landon foi chamando ao redor, procurando por mim. Aparentemente, o meu pai está se perguntando por que eu deixei o treino. Todo mundo está muito chateado.

—Oops, — eu digo.

—Sim, oops. — Ele diz como se ele não se importasse.

Voltamos por onde viemos, nós dois tranquilos. Passamos por alguns artistas de rua que eu não percebi antes.

Dois deles parecem um casal. O homem está tocando a gaita de foles, enquanto a mulher desenha imagens em giz colorido na calçada. Damos um passo ao longo dos desenhos, tanto de nossas cabeças para baixo, examinando. Silas pega sua câmera e tira algumas fotos enquanto eu a vejo girar algumas linhas em um casal se beijando.

Um casal se beijando. Isto me lembra.

—Nós precisamos nos beijar, — eu digo a ele.

Ele quase deixa cair seu telefone. Seus olhos são grandes quando ele olha para mim.

—Para ver se acontece alguma coisa... Como nos contos de fadas de que falamos.

—Oh, — diz ele. —Sim claro. Ok. Quando? Agora?

Eu rolo meus olhos e afasto-me dele, em direção a uma fonte perto de uma igreja. Silas segue atrás. Eu quero ver seu rosto, mas eu não olho. Isso tudo é negócio. Eu não posso fazê-lo em outra coisa. É um experimento. É isto.

Quando chegamos a fonte, ambos nos sentamos na borda da mesma. Eu não quero fazê-lo desta forma, então eu levanto e o encaro.

—Tudo bem, — eu digo, chegando a ficar na frente dele. — Feche os olhos.

Ele faz, mas há um sorriso no rosto.

—Mantenha-os fechados, — Eu instruo. Eu não quero que ele me veja. Eu mal sei o que eu pareço; Eu não sei se o meu rosto se contorce sob pressão.

Sua cabeça está inclinada para cima, e a minha está inclinada para baixo. Eu coloco minhas mãos em seus ombros e sinto suas mãos se elevarem na minha cintura enquanto ele me puxa para mais perto,

entre os joelhos. Suas mãos deslizam para cima, sem aviso prévio, os polegares passando meu estômago e, em seguida, fazendo um golpe rápido ao longo do lado de baixo do meu sutiã. Meu estômago aperta.

—Desculpa, — ele diz. —Eu não posso ver o que eu estou fazendo.

Eu sorrio neste momento e eu estou feliz que ele não pode ver a minha reação no momento. —Ponha as mãos para trás na minha cintura — Eu ordeno.

Ele coloca muito baixo e agora as palmas das mãos estão em minha bunda. Ele aperta um pouco, e eu aperto seu braço.

—O quê? — Ele ri. —Eu não posso ver!

—Em cima, — eu digo. Ele desliza um pouco mais, mas lentamente. Meus pés formigam. —Mais, — eu digo de novo.

Ele os leva até um quarto de polegada. —É isso...

Antes que ele possa terminar a frase, eu inclino meu rosto para baixo e o beijo. Ele está sorrindo no início, ainda no meio do seu pequeno jogo, mas quando ele sente meus lábios, o sorriso dele se dissolve. Sua boca é macia. Eu levanto minhas mãos ao rosto e quando ele me puxa mais apertado, envolvendo os braços em torno das minhas costas. Estou beijando baixo e ele está beijando. No início, eu espero apenas dar-lhe um beijinho.

Isso é tudo o que sempre mostram nos contos de fadas, um beijo rápido e a maldição é quebrada. Nós teríamos chegado a nossas memórias de volta por agora, se isto estivesse funcionando. O experimento deve ser mais, mas nenhum de nós para.

Ele beija com os lábios macios e uma língua firme. Não é desleixado ou molhado, ele se move dentro e fora da minha boca sensualmente enquanto seus lábios chupam suavemente sobre os

meus. Eu corro meus dedos até a volta do seu pescoço e em seu cabelo, e é quando ele muda, obrigando-me a dar um passo atrás e mudar de posição. Eu faço um bom trabalho de esconder o meu suspiro.

Agora eu estou beijando e ele está beijando baixo. Só que ele está me segurando para ele, seu braço em volta da minha cintura, sua mão livre enrolada em torno da volta do meu pescoço. Eu me agarro a sua camisa, tonta. Lábios macios, arrastando... Língua entre meus lábios... Pressão sobre minhas costas... Algo pressionando entre nós que me faz sentir um motim de calor. Eu o empurro para longe, ofegando.

Eu fico lá olhando para ele, e ele olhando para mim.

Alguma coisa aconteceu. Não são nossas memórias que despertaram, mas outra coisa que nos faz sentir bêbados.

E ocorre-me enquanto eu estou aqui, querendo que ele me beije de novo, que é exatamente isso que não funciona, não precisa acontecer. Nós vamos querer mais do — novo juntos — e nós vamos perder o foco.

Ele desliza a mão pelo rosto, como se ficasse sóbrio. Ele sorri. —Eu não me importo como o nosso verdadeiro primeiro beijo foi, — diz ele. —Isso é o que eu quero me lembrar.

Eu fico olhando para o seu sorriso tempo suficiente para salvá-lo, e então eu viro e vou embora.

—Charlie! — Ele grita.

Eu o ignoro e continuo caminhando. Isso foi estúpido. O que eu estava pensando? Um beijo não vai trazer as nossas lembranças. Isto não é um conto de fadas.

Ele agarra meu braço. —Hey. Devagar. — E então: —O que você está pensando?

Eu continuo caminhando na direção que eu estou certa que viemos. —Eu estou pensando que eu preciso chegar em casa. Eu tenho que me certificar que Janette comeu o jantar... E...

—Sobre nós, Charlie.

Eu posso senti-lo olhando para mim. —Não há nenhum nós, — eu digo. Eu trago meus olhos de volta ao seu. —Você não ouviu? Estávamos obviamente terminados e eu estava namorando Brian. Seu pai estava me dando um trabalho. Eu...

—Nós éramos um nós, Charlie. E puta merda, eu posso ver o porquê.

Eu balanço minha cabeça. Não podemos perder o foco. —Esse foi o seu primeiro beijo, — eu digo. —Eu não poderia me sentir assim com qualquer pessoa.

—Então, pareceu assim para você também? — Pergunta ele, correndo em volta para ficar na minha frente.

Considero dizer-lhe a verdade. Que se eu estivesse morta, como Branca de Neve e ele me beijasse assim, certamente o meu coração ia chutar de volta à vida. Que eu seria a única a matar dragões por esse beijo.

Mas nós não temos tempo para beijar assim. Precisamos descobrir o que aconteceu e como reverter.

—Eu não senti nada, — eu digo. —Foi apenas um beijo e não deu certo. — Uma mentira que queima minhas entranhas por sua falta. —Eu tenho que ir.

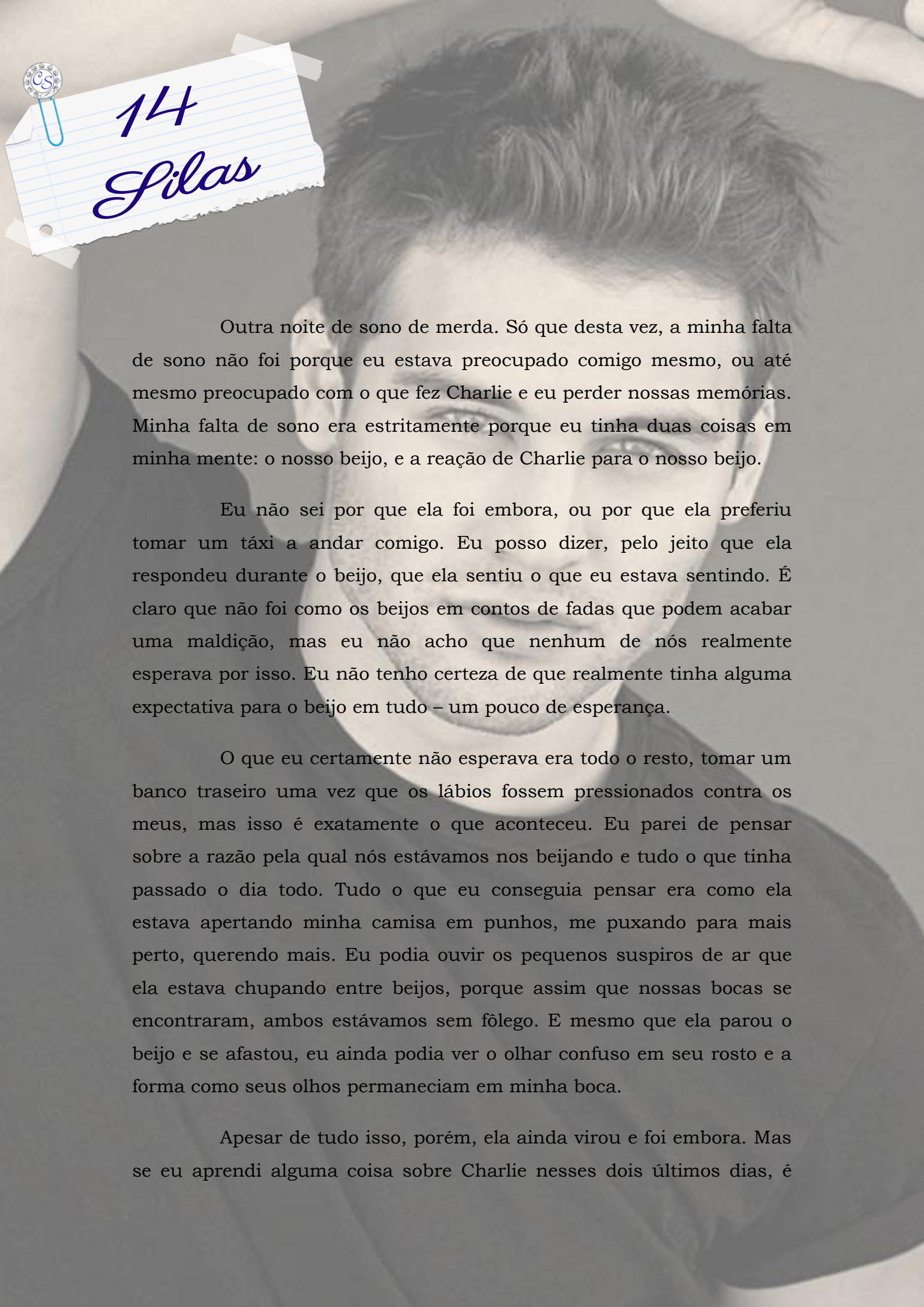
—Charlie...

—Vejo você amanhã. — Eu levanto a mão sobre a minha cabeça e aceno, porque eu não quero virar e olhar para ele. Estou com

medo. Eu quero estar com ele, mas não é uma boa idéia. Não até descobrirmos mais. Eu acho que ele vai me seguir, então eu pairo sobre um táxi. Eu abro a porta e olho para trás, para Silas, para mostrar a ele que eu estou bem. Ele balança a cabeça, e então levanta o seu telefone para tirar uma foto de mim. *A primeira vez que ela deixou*, ele provavelmente está pensando. Em seguida, ele enterra as mãos nos bolsos e se vira na direção de seu carro.

Eu espero até que ele tenha passado a fonte antes de eu me inclinar para baixo para falar com o motorista. —Desculpe, eu mudei de ideia. — Eu bato a porta e volto para o meio-fio. Eu não tenho dinheiro para um táxi de qualquer maneira. Eu vou voltar para lanchonete e pedir a Amy uma carona.

O taxista para e parto por uma rua diferente, de modo que Silas não me veja. Eu preciso ficar sozinha. Eu preciso pensar.



14 Silas

Outra noite de sono de merda. Só que desta vez, a minha falta de sono não foi porque eu estava preocupado comigo mesmo, ou até mesmo preocupado com o que fez Charlie e eu perder nossas memórias. Minha falta de sono era estritamente porque eu tinha duas coisas em minha mente: o nosso beijo, e a reação de Charlie para o nosso beijo.

Eu não sei por que ela foi embora, ou por que ela preferiu tomar um táxi a andar comigo. Eu posso dizer, pelo jeito que ela respondeu durante o beijo, que ela sentiu o que eu estava sentindo. É claro que não foi como os beijos em contos de fadas que podem acabar uma maldição, mas eu não acho que nenhum de nós realmente esperava por isso. Eu não tenho certeza de que realmente tinha alguma expectativa para o beijo em tudo – um pouco de esperança.

O que eu certamente não esperava era todo o resto, tomar um banco traseiro uma vez que os lábios fossem pressionados contra os meus, mas isso é exatamente o que aconteceu. Eu parei de pensar sobre a razão pela qual nós estávamos nos beijando e tudo o que tinha passado o dia todo. Tudo o que eu conseguia pensar era como ela estava apertando minha camisa em punhos, me puxando para mais perto, querendo mais. Eu podia ouvir os pequenos suspiros de ar que ela estava chupando entre beijos, porque assim que nossas bocas se encontraram, ambos estávamos sem fôlego. E mesmo que ela parou o beijo e se afastou, eu ainda podia ver o olhar confuso em seu rosto e a forma como seus olhos permaneciam em minha boca.

Apesar de tudo isso, porém, ela ainda virou e foi embora. Mas se eu aprendi alguma coisa sobre Charlie nesses dois últimos dias, é

que há uma razão para cada movimento que ela faz. E é geralmente uma boa razão, é por isso que eu não tentei impedi-la.

Meu telefone recebe um texto, e eu quase caio quando eu embaralho fora do chuveiro para chegar a ele. Eu não tenho notícias dela desde que nos separamos ontem à noite, e eu estaria mentindo se eu dissesse que não estava começando a me preocupar.

Minha esperança sangra fora de mim quando eu vejo que a mensagem não é de Charlie.

É do garoto, que eu falei no jantar ontem à noite, Eller.

Eller: Amy quer saber se Charlie está indo com você para a escola. Ela não está em casa.

Eu desligo a água, apesar de ainda não ter lavado ainda. Eu pego uma toalha com uma mão e respondo ao seu texto com a outra.

Eu: Não, eu nem sequer saí de casa ainda. Será que ela tentou o seu celular?

Assim que eu envio o texto, eu marco o número de Charlie e bato no alto-falante, em seguida, defino o telefone para baixo no contador. Eu estou vestido pelo tempo da caixa de mensagem.

—Merda, — murmuro quando eu termino a chamada. Eu abro a porta e paro no meu quarto tempo suficiente para entrar nos meus sapatos e pegar minhas chaves. Faço-o andar de baixo, mas congelo antes de eu chegar à porta da frente.

Há uma mulher na cozinha, e ela não é Ezra.

—Mãe?

A palavra sai da minha boca antes que eu perceba que eu mesmo estou falando. Ela gira em torno, e mesmo embora eu só a reconheça a partir das imagens na parede, eu acho que eu poderia

sentir alguma coisa. Não sei o que é isso. Não é amor ou reconhecimento. Estou apenas superado com uma sensação de calma.

Não... É conforto. Isso é o que eu sinto.

—Ei, querido, — diz ela com um sorriso brilhante, que atinge os cantos dos olhos. Ela está se preparando um pequeno almoço ou talvez ela está limpando depois de ter terminando o café da manhã. — Você viu o bilhete que eu coloquei na sua cômoda ontem? E como você está se sentindo?

Landon se parece mais com ela do que eu. Sua mandíbula é macia, como a dela. A minha é dura, como do meu pai.

Landon se comporta como ela faz, também. Como a vida tem sido boa para eles.

Ela inclina a cabeça e depois fecha a distância entre nós. — Silas, você está bem?

Eu dou um passo para trás quando ela tenta tocar a mão na minha testa. —Eu estou bem.

Ela enfia a mão no peito como se ofendesse a ela que eu me afastei. —Oh, — diz ela. —Ok. Bem, tudo bem. Você já perdeu a escola esta semana e você tem um jogo hoje à noite. — Ela caminha de volta para a cozinha. —Você não deve ficar de fora até tão tarde quando você está doente.

Eu fico olhando para a parte de trás de sua cabeça, perguntando-me por que ela diria isso. Esta é a primeira vez que eu mesmo a vi desde que tudo isso começou. Ezra ou meu pai devem ter contado a ela sobre Charlie estar aqui.

Gostaria de saber se Charlie estando aqui vai aborrecê-la. Gostaria de saber se ela e meu pai compartilham a mesma opinião de Charlie.

—Eu me sinto muito bem agora, — eu respondo. —Eu estava com Charlie ontem à noite, por isso que eu cheguei em casa tarde.

Ela não reage ao meu comentário. Ela nem sequer olha para mim. Eu espero mais alguns segundos para ver se ela vai responder. Quando ela não faz, eu viro e cabeça para a porta da frente.

Landon esta no banco da frente já quando eu chego ao carro. Abro a porta de trás e jogo minha mochila para dentro. Quando eu abro a frente, ele atinge a mão para mim. —Estava tocando. Encontrei no seu assento.

Eu levo o telefone dele. É Charlie.

—Ela deixou o telefone no meu carro?

Landon dá de ombros. Eu fico olhando para a tela e há várias chamadas não atendidas e textos. Eu vejo o nome de Brian, junto com Amy. Eu tento abri-los, mas é solicitada uma senha.

—Entra no carro, caramba, já estamos atrasados!

Subo no interior e coloco o telefone de Charlie no console enquanto eu dou a volta para fora. Quando eu pego novamente para tentar descobrir a senha, Landon o tira das minhas mãos.

—Será que você não aprende nada com o seu acidente no ano passado? — Ele bate o telefone de volta para baixo no console.

Estou inquieto. Eu não gosto que Charlie não tenha seu telefone com ela. Eu não gosto que ela não vá para a escola com Amy. Se ela já saiu de casa antes de Amy chegar lá, como ela vai para a escola?

Eu não sei como eu vou reagir se eu descobrir que ela pegou uma carona com Brian.

—Eu quero dizer isso da forma mais agradável possível, — diz Landon. Olho para ele, olho cauteloso sobre a cara dele. —Mas... Charlie está grávida?

Eu bato nos meus freios. Felizmente há uma luz na nossa frente que fica vermelha, por isso a minha reação parece intencional.

—Grávida? Que? Por que você pergunta isso? Você ouviu isso de alguém?

Landon balança a cabeça. —Não, é só que... Eu não sei. Estou tentando descobrir o que diabos está acontecendo com você e parecia ser a única resposta justificável.

—Eu falto ao treino de ontem e você assumi que é porque Charlie está grávida?

Landon ri baixinho. —É mais do que apenas isso, Silas. É tudo. Você luta com Brian, as práticas que você perdeu toda a semana, você saindo da escola meio dia na segunda-feira, durante todo o dia terça-feira, metade de um dia quarta-feira. Não é como você.

Eu abandonei a escola esta semana?

—Além disso, você e Charlie têm agido de forma estranha quando estão juntos. Não gosto dos seus — eus — habituais. Você se esqueceu de me pegar depois da escola, você ficou fora no toque de recolher passado em uma noite de escola. Você foi realmente esta semana, e eu não sei se você quer me dizer o que diabos está acontecendo, mas está realmente começando a me preocupar.

Eu vejo como a decepção enche os seus olhos.

Estávamos próximos. Ele é definitivamente um bom irmão, eu posso dizer. Ele está acostumado a conhecer todos os meus segredos — todos meus pensamentos. Gostaria de saber se estes passeios para a escola são quando nós normalmente compartilhávamos. Eu me

pergunto se eu lhe dissesse o que eu estou realmente pensando se ele iria mesmo acreditar em mim.

—A luz verde, — diz ele, de frente para frente.

Eu começo a dirigir de novo, mas eu não compartilho segredos com ele. Eu não sei o que dizer ou como mesmo começar a contar-lhe a verdade. Eu só sei que eu não quero mentir para ele, porque isso não parece ser algo que o velho Silas faria.

Quando eu puxo para uma vaga de estacionamento, ele abre a porta e sai.

—Landon, — eu digo, antes que ele feche a porta. Ele se inclina e me olha. —Sinto muito. Eu apenas estou tendo uma semana de folga.

Ele balança a cabeça, pensativo e vira a sua atenção para a escola. Ele trabalha sua mandíbula para trás e em seguida, bloqueia os olhos comigo novamente. —Esperemos que a sua semana esteja de volta antes do jogo hoje à noite, — diz ele.

—Você tem um monte de putos companheiros de equipe no momento.

Ele bate a porta e começa a caminhar na direção da escola. Eu pego o telefone de Charlie e vou para dentro.

Eu não poderia encontrá-la nos corredores, então eu fui para as minhas duas primeiras classes. Estou indo para a minha terceira agora, ainda com nenhuma palavra dela. Tenho certeza que ela apenas dormiu até tarde e eu vou vê-la quando tivermos aula juntos no quarto período. Mas, ainda assim, algo não se parece bem. Tudo parece fora.

Ela poderia estar apenas me evitando, mas isso não parece ser algo que ela faria. Ela não iria fora de seu caminho para me deixar saber que ela não quer falar comigo. Ela jogaria isso na minha cara.

Eu vou para o meu armário para encontrar o meu livro do terceiro período de matemática. Gostaria de verificar seu armário para ver se algum de seus livros didáticos está faltando, mas eu não sei a combinação de seu bloqueio. Ele foi escrito em sua programação, mas eu dei isso a ela ontem.

—Silas!

Eu me viro para ver Andrew combater o seu caminho pelo corredor lotado como um peixe nadando. Ele finalmente desiste e grita: —Janette quer que você ligue pra ela! — Ele se vira e segue em sentido oposto novamente.

Janette... Janette... Janette...

A irmã de Charlie!

Acho o nome dela nos contatos no meu telefone. Ela responde ao primeiro toque.

—Silas? — Diz ela.

—Sim, sou eu.

—Charlie está com você?

Eu fecho meus olhos, sentindo o pânico começar a instalar-se na boca do estômago. —Não, — eu respondo. —Ela não chegou em casa ontem à noite?

—Não, — diz Janette. —Eu normalmente não estaria preocupada, mas ela geralmente me diz se ela não está vindo pra casa. Ela nunca ligou e agora ela não está respondendo aos meus textos.

—Eu tenho o telefone dela.

—Por que você tem o telefone dela?

—Ela deixou-o no meu carro, — eu digo. Eu fecho o meu armário e começo a me dirigir para a saída. —Brigamos na última noite e ela entrou em um táxi. Eu pensei que ela ia direto para casa.

Eu paro de andar quando me bate. Ela não tinha o dinheiro do almoço de ontem, o que significa que ela não iria de táxi na noite passada.

—Estou saindo da escola, — eu digo a Janette. —Eu vou encontrá-la.

Eu desligo antes mesmo de eu dar a ela uma chance de responder. Eu corro pelo corredor em direção a porta que leva para o estacionamento, mas assim que eu chego na esquina, eu paro rápido.

Avril.

Merda. Agora não é o momento para isso. Eu tento baixar minha cabeça e passar por ela, mas ela agarra a manga da minha camisa. Eu paro de andar e a encaro.

—Avril, eu não posso agora. — Eu aponto para a saída. —Eu preciso sair. Tipo emergência.

Ela libera a minha camisa e cruza os braços sobre o peito. — Você não apareceu durante o almoço ontem. Eu pensei que talvez você estivesse atrasado, mas quando eu chequei a cafeteria, você estava lá. Com ela.

Cristo, eu não tenho tempo para isso. Na verdade, eu acho que vou me salvar de qualquer problema futuro e acabar com eles agora.

Eu suspiro e passo a mão pelo meu cabelo. —Sim, — eu digo. —Charlie e eu... Nós decidimos resolver as coisas.

Avril inclina a cabeça e me lança um olhar incrédulo. —Não, Silas. Isso não é o que você quer, e definitivamente não vai funcionar para mim.

Eu olho para a esquerda, ao fundo do corredor, e depois à direita. Quando vejo que ninguém está por perto, eu dou um passo em direção a ela.

—Escute, Sr. Ashley, — eu digo, tendo o cuidado de dirigir a ela profissionalmente. Eu olho para ela diretamente nos olhos. —Eu não acho que você está em qualquer posição para me dizer como as coisas estão entre nós dois.

Seus olhos imediatamente estreitam. Ela fica em silêncio por alguns segundos, como se ela estivesse esperando por mim para rir e dizer a ela que eu só estou brincando. Quando eu não vacilo, ela bufa e empurra as mãos contra o meu peito, empurrando-me para fora do caminho. O clique de seus saltos começa a desvanecer-se o mais longe, eu corro para longe dela — direto para a saída.



Eu estou batendo pela terceira vez na porta da casa de Charlie quando ela finalmente se abre. Sua mãe está em pé na minha frente. Cabelo selvagem, olhos selvagens. É como se o ódio vomitasse de sua alma no momento em que percebe que eu estou aqui.

—O que você quer? — Ela cospe.

Eu tento olhar por ela para dar uma olhada no interior da casa. Ela se move para bloquear meu ponto de vista, então eu aponto de seu ombro. —Eu preciso falar com Charlie. Ela está aqui?

A mãe dá um passo para fora e puxa a porta atrás dela, para que eu não possa ver dentro de todo.

—Isso não é da sua conta, — ela sussurra. —Caia fora da minha propriedade!

—Ela está aqui ou não?

Ela cruza os braços sobre o peito. —Se você não estiver fora do meu caminho em cinco segundos, eu estou chamando a polícia.

Eu jogo minhas mãos para cima em derrota e gemo. —Estou preocupado com a sua filha, por favor, coloque sua raiva de lado por um minuto e me diga se ela está aí dentro?

Ela dá dois passos rápidos em direção a mim e pica um dedo no meu peito. —Não se atreva a levantar a sua voz para mim!

Jesus Cristo.

Eu a empurro e chuto a porta. A primeira coisa que sou atingido é com o cheiro. O ar é obsoleto. Uma névoa de espessa fumaça de cigarro enche o ar e assalta meus pulmões. Eu prendo a respiração, quando eu faço o meu caminho através da sala de estar. Há uma garrafa de uísque aberta no bar, sentada ao lado de um copo vazio. Cartas estão espalhadas por todo lado da mesa, o que parece ser de vários dias. É como se essa mulher não se importasse o suficiente para abrir qualquer uma delas. O envelope no topo da pilha é dirigido a Charlie. Eu movo para pegá-lo, mas ouço a mulher espreitar para dentro da casa atrás de mim. Eu faço o meu caminho para baixo no corredor e vejo duas portas para a minha direita e outra à esquerda. Abro a porta do meu lado esquerdo, assim quando a mãe de Charlie começa a gritar atrás de mim. Eu a ignoro e faço o meu caminho para o quarto.

—Charlie! — Eu grito. Eu olho ao redor da sala, sabendo que ela não está aqui, mas ainda esperando que eu esteja errado. Se ela não está aqui, eu não sei mais onde procurar. Eu não me lembro de nenhum dos lugares que costumava sair.

Mas nem lembraria Charlie, eu acho.

—Silas! — Sua mãe gritou da porta do quarto. —Saia! Eu vou chamar a polícia! — Ela desaparece da porta, provavelmente para recuperar um telefone. Eu continuo a minha busca por... Eu nem sei. Charlie, obviamente, não está aqui, mas eu continuo olhando ao redor de qualquer forma, na esperança de encontrar algo que poderia ajudar.

Eu sei de que lado do quarto é da Charlie por causa da imagem do portão acima de sua cama. A única, ela disse que eu tirei.

Eu olho em volta em busca de pistas, mas não encontro nada. Lembro-me dela mencionando algo sobre um sótão em seu closet, então eu verifico o armário. Há um pequeno furo na parte superior do mesmo. Parece que ela usa suas prateleiras como passos. —Charlie! — Eu chamo.

Nada.

—Charlie, você está aí em cima?

Assim quando eu verifico a robustez da prateleira de baixo com o meu pé, algo bate contra o lado da minha cabeça. Me movo, mas imediatamente sinto novamente quando eu vejo uma placa voar para fora do lado da mulher. Ela trava contra a parede ao lado da minha cabeça. —Saia! — Ela grita. Ela está à procura de mais coisas para jogar, então eu coloco minhas mãos em sinal de rendição.

—Eu estou indo embora, — eu digo a ela. —Eu vou sair!

Ela se move para fora da porta para me deixar passar. Ela ainda está gritando enquanto eu faço o meu caminho pelo corredor. Caminho em direção a porta da frente, eu roubo a carta fora do bar, que foi dirigida a Charlie. Eu nem mesmo me incomodei em dizer a mãe de Charlie para me chamar, se ela voltar para casa.

Eu fico no meu carro e puxo de volta para a rua.

Onde diabos ela está?

Eu espero até que eu estou a poucos quilômetros de distância e então eu encosto para verificar seu telefone novamente. Landon mencionou que o ouviu tocando sob o assento, então eu me inclino e chego a minha mão por baixo do assento. Eu arranco uma lata de refrigerante vazia, um sapato e, finalmente, a sua carteira. Eu abro-a e peneiro, mas não encontro nada que eu já sei.

Ela está em algum lugar lá fora, sem o seu telefone ou sua carteira. Ela não tem o número de ninguém memorizado. Se ela não voltou para casa, onde ela teria ido?

Eu soco no volante. —Droga, Silas!

Eu nunca deveria tê-la deixado sair sozinha.

Isto é tudo culpa minha.

Meu telefone recebe uma entrada de texto. O texto é de Landon, perguntando porque eu saí da escola.

Eu deixo cair o telefone de volta para o banco e observo a carta que eu roubei da casa de Charlie. Não há nenhum endereço de retorno. O carimbo da data no canto superior é de terça — o dia antes de tudo isso acontecer.

Eu abro o envelope e encontro muitas páginas dobradas juntas. Do outro lado da frente, onde se lê:

—Abra de imediato.

Eu desdobro as páginas e os meus olhos instantaneamente caem para os dois nomes escritos na parte superior da página.

Charlie e Silas,

Foi enviada para nós dois? Eu continuo lendo.

Se você não sabe por que você está lendo isso, então você esqueceu tudo. Vocês não reconhecem ninguém, nem mesmo a si mesmos.

Por favor, não entre em pânico, e leia esta carta na íntegra. Vamos compartilhar tudo o que sabemos, agora não é muito.

Que diabos? Minhas mãos começam a tremer quando eu continuo lendo.

Não temos certeza do que aconteceu, mas nós estamos com medo, se não anotar, pode acontecer de novo. Pelo menos com tudo escrito embaixo e deixado em mais de um lugar, vamos estar mais preparados se isso acontecer novamente.

Nas páginas a seguir, você vai encontrar todas as informações que sabemos. Talvez possa ajudar em algum caminho.

Charlie e Silas.

Eu fico olhando para os nomes na parte inferior da página até que minha visão está borrada.

Eu olhar para os nomes no topo da página novamente. Charlie e Silas.

Eu olho para os nomes na parte inferior. Charlie e Silas.

Nós escrevemos uma carta a nós mesmos?

Isso não faz sentido. Se nós nos escrevemos uma carta...

Eu passo imediatamente para as páginas que se seguem. As duas primeiras páginas são coisas que eu já sei. Os nossos endereços, os nossos números de telefone. Quando vamos para a escola, o que as nossas aulas são, os nomes de nossos irmãos, os nomes dos nossos pais. Eu li por tudo isso o mais rápido que eu pude.

Minhas mãos estão tremendo tanto pela terceira página, eu quase não consigo ler o manuscrito. Eu defino a página em meu colo para terminar. É uma informação — a mais pessoal lista de coisas que descobri sobre o outro, a nossa relação, quanto tempo que estivemos juntos. A carta menciona o nome de Brian como alguém que guarda mensagens de texto de Charlie. Eu pulo todas as informações familiarizadas até eu chegar perto do final da terceira página.

As primeiras memòrias que qualquer um de nòs pode lembrar são de sàbado, 4 de Outubro, por volta das 11h.

Hoje è domingo, 5 de outubro. Nòs vamos fazer uma còpia desta carta para nòs mesmos, mas tambèm vamos enviar còpias de manhã, apenas para estar seguro.

Eu lanço para a quarta página e é datado de terça-feira 7 de outubro.

Aconteceu de novo. Desta vez, aconteceu durante a aula de hìstoria na segunda - feira, 6 out. Parece ter acontecido na mesma hora do dia, 48 horas depois. Não temos nada de novo a acrescentar ao pè da letra.

Nòs dois fizemos o nosso melhor para ficar longe de amigos e familiares do passado, fingindo doenças. Temos vindo a chamar uns aos outros com toda a informação que sabemos, mas atè agora parece que isso aconteceu duas vezes. A primeira vez sendo sàbado, sendo a segunda Segunda-Feira. Gostaria que tivèssemos tido mais informações, mas ainda estamos meio que aparvorados que esta acontecendo e não temos certeza do que fazer a respeito. Nòs vamos fazer o que fizemos da ùltima vez e enviar còpias pelo correio desta carta a nòs mesmos. Alèm disso, haverà uma còpia no porta-luvas do carro de Silas. Esse è o primeiro lugar que olhamos, desta vez, por isso hà uma boa chance de você olhar là novamente.

Eu nunca olhei o porta-luvas.

Vamos manter os originais em algum lugar seguro para que ninguèm possa encontrà-los. Temos medo se alguèm vê as cartas, ou se alguèm suspeita de alguma coisa, eles vão pensar que estamos enlouquecendo.

Tudo vai ficar em uma caixa na parte de tràs da terceira prateleira do armàrio do quarto de Silas. Se este padrão continuar, hà uma chance de que isso possa acontecer novamente na quarta-feira, ao mesmo tempo. Em caso disso acontecer, esta carta deve chegar a você naquele dia.

Eu olho para o carimbo de tempo sobre o envelope novamente. Foi enviado primeiro na terça de manhã. E quarta-feira às 11:00 é exatamente quando isso aconteceu com a gente.

Se você encontrar alguma coisa que vá ajudar, adicione-o para a próxima página e mantenha este ritmo até descobrir o que começou. E como pará-lo.

Eu lanço para a última página, mas está em branco.

Eu olho para o relógio. É 10:57. É sexta feira. Isso nos aconteceu quase nas 48 horas atrás.

Meu peito está palpitando.

Isso não pode estar acontecendo.

48 horas serão em menos de três minutos.

Eu me lanço a abrir meu console e procuro uma caneta. Eu não encontro uma, então eu arranco para abrir o porta-luvas. Direito sobre o topo está uma cópia da mesma carta com a minha e nomes de Charlie sobre isso. Eu levanto-o e há várias canetas, assim que eu pego uma e achato o papel para fora contra o volante.

Aconteceu de novo, eu escrevo. Minhas mãos estão tremendo tão ruim, eu largo a caneta. Eu a pego novamente e mantenho a escrita.

Às 11h, quarta-feira 8 de outubro, Charlie e eu perdemos nossas memórias para o que parece ser a terceira vez consecutiva. Coisas que aprendemos nas últimas 48 horas:

-Nossos Pais costumavam trabalhar juntos.

-O pai de Charlie está na prisão.

Eu estou escrevendo o mais rápido que posso, tentando descobrir o que apontar. Eu preciso escrever para baixo de primeira que são o mais importante, porque eu estou quase sem tempo.

-Nós visitamos uma cartomante em St. Philip Street. Isso pode valer a pena conferir novamente.

-Charlie Mencionou uma menina na escola chamada o camarão. Disse que queria falar com ela.

-Charlie tem um sótão em seu armário do quarto. Ela passa muito tempo là.

Eu sinto que eu estou perdendo tempo. Eu me sinto como se eu não estou adicionando qualquer coisa de importância a esta lista maldita. Se isto é verdadeiro está prestes a acontecer de novo, eu não vou ter tempo de enviar uma carta, muito menos fazer cópias.

Esperemos que, se eu tenho em minhas mãos, eu vou ser inteligente o suficiente para lê-lo e não simplesmente jogá-lo de lado.

Eu mordo a ponta da caneta, na tentativa de me concentrar no que escrever em seguida.

-Nós crescemos juntos, mas agora nossas famìlias se odeiam. Eles não nos querem juntos.

-Silas estava dormindo com a orientadora, Charlie com Brian Finley. Nós terminamos com ambos.

-Landon è um bom irmão, você provavelmente pode confiar nele.

Eu continuo a escrever. Eu escrevo sobre as nossas tatuagens, o Electric Crush Diner, Ezra e qualquer coisa e tudo o que eu consigo me lembrar das últimas 48 horas.

Eu olho para o relógio. 10:59.

Charlie não sabe sobre esta carta. Se tudo nesta carta até agora é preciso e isso realmente vem acontecendo conosco desde o último sábado, isso significa que ela está prestes a esquecer tudo que aprendeu nas passadas 48 horas. E eu não tenho ideia de como encontrá-la. Para avisá-la.

Eu pressionar a caneta para o papel novamente e escrevo uma última coisa.

-Charlie entrou em um tàxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguèm a viu desde então. Ela não sabe sobre esta carta. Encontre-a. A primeira coisa que você precisa fazer è encontrà-la. Por Favor.




Continua...